



RUBIÉLSON ATHAYDES MEDEIROS

**EX-PEQUENOS CANTORES DO LA SALLE CANOAS:
Memórias de trajetórias de um Grupo Artístico Escolar**

CANOAS, 2019

RUBIÉLSON ATHAYDES MEDEIROS

**EX-PEQUENOS CANTORES DO LA SALLE CANOAS:
Memórias de trajetórias de um Grupo Artístico Escolar**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, na linha de pesquisa Memória, Cultura e Identidade, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Cleusa Maria Gomes Graebin

CANOAS, 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M488e Medeiros, Rubiélson Athaydes.

Ex pequenos cantores do La Salle Canoas [manuscrito]: memórias de trajetórias de um grupo artístico escolar / Rubiélson Athaydes Medeiros – 2019.

112 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2019.

“Orientação: Prof^a. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin”.

1. Memória coletiva. 2. História oral. 3. Pequenos Cantores do La Salle. 4. Indústria cultural. 5. Documentário. I. Graebin, Cleusa Maria Gomes. II. Título.

CDU: 316.7

Bibliotecário responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

RUBIELSON ATHAYDES MEDEIROS

**PEQUENOS CANTORES DO LA SALLE CANOAS:
Memórias de trajetórias**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, na linha de pesquisa Memória, Cultura e Identidade, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Aprovado pela banca examinadora em 10 de janeiro de 2019.

Profª Drª Cleusa Maria Gomes Graebin
Orientadora – Universidade La Salle

Profª Drª. Patrícia Kayser Vargas Mangan
Universidade La Salle

Profª Drª. Lúcia Regina Lucas da Rosa
Universidade La Salle

Profª Drª Ana Lúcia Souza de Freitas
UNISINOS

Dedico este projeto de vida ao meu marido João Alves Neto Medeiros, hoje meu pianista, amigo e pessoa com quem divido todos os tons, acordes, partituras e coreografias da vida. Com certeza, sem sua iluminada presença, este projeto não teria o mesmo sentido, profundidade e brilho. É um privilégio ser seu companheiro e saber que foi na Universidade que nossas almas se encontraram e transcenderam, pela primeira vez, uma na outra. Meu Pianista, meu Maestro!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe – a professora Doroti Athaydes Roso – por incentivar as atividades em grupos artísticos na minha trajetória pessoal, às formações dos Educadores da Fé com Paulo Freire, ainda criança, aos sábados no La Salle, as quais ficarão para sempre em minha memória.

Aproveitando o agradecimento a esta mulher incrível que é minha mãe, estendo à minha professora da oitava série hoje, minha orientadora Dra. Cleusa Maria Graebin, – sem palavras –, às professoras que hoje são base da minha trajetória na cultura como a diva Ivone Frare, a poetisa Sirley Alves Reis e à delicada e talentosa Dileta. Entre estas mulheres da minha vida, está a amiga e irmã que me levou ao encontro com a academia, a vigorosa e amorosa Rosane Zimmer, que não me deixou desistir em tempo algum, regando-me de espumante, amor e amizade. Neste percurso, agradeço também à minha colega de curso Mireile Steiner, que veio a se transformar em uma grande amiga.

Ao meu co-diretor e hoje também amigo, o Gilsinho (Gilson Filho), um Mestre cheio de habilidades e com uma imaginação colorida, capaz de me acompanhar em qualquer viagem. Ao gaiteiro e músico Jacson que produziu e ensaiou os cantores em todo o processo e a dupla formado pelo advogado e ex-pequeno cantor Flavio Alexandre Soares de Castro - que sempre está disposto e sensível ao grupo - e ao colega empreendedor e comissário de bordo Diego Jhonson, que formaram no início desta jornada ‘O Grupo dos 5, time que deu apoio para que se reunissem tantas pessoas em torno desta saudade imensa.

Não menos importante, meu agradecimento especial ao elenco principal intitulado hoje ‘Os irmãos de Colete’, este formado por Anas Paulas, Eulalias, Zanzas, Jocemares, Ricardos, Fernandas, Alines e tantos outros nomes que se tornaram, ao longo do processo, mais que uma família, mas um Grupo Familiar, de trabalho, de pesquisa, um grupo de seres humanos intensos, às vezes infantis, às vezes muito adultos e profissionais em cima do palco, a eles agradeço parte das conquistas neste período, pois foram peças importantes desta fase da minha trajetória e que ficarão na memória eternamente, por meio de sonhos, sentimentos, fotos, matérias e no filme documentário.

Por último, às três bailarinas principais da minha vida, a Samara Oliveira Medeiros, que participou de todo processo na segunda fase, à América Medeiros, que de longe manda mensagens de reconhecimento e à Patricia Dietrich que sempre está inserida neste meu musical da vida real.

“Você tem que cantar como se não precisasse de
dinheiro, amar como se você nunca fosse se ferir.
Você tem que dançar como se ninguém estivesse
olhando. Isso tem que vir do coração, se você
quer que dê certo”.

Susannah Clark

RESUMO

Este é um trabalho que se insere no campo de estudos em memória social e bens culturais, tendo como tema os “Pequenos Cantores do La Salle Canoas”. O objetivo foi compreender, a partir das narrativas orais de seus ex-integrantes, os sentidos e significados de sua participação nesse grupo artístico. Teoricamente, a pesquisa apoiou-se em conceitos como memória coletiva, capital cultural e educação em espaços não formais. Trabalhou-se com pesquisa qualitativa, utilizando a metodologia da História Oral, com o recurso de histórias de vida de 10 ex-integrantes dos Pequenos Cantores, pesquisa documental e bibliográfica. Por se tratar de um mestrado profissional, o produto final se constituiu na produção de um filme documentário sobre o canto coral escolar no Brasil e dois espetáculos de canto e dança, criados a partir das narrativas dos ex-integrantes deste Grupo Artístico Escolar (GAE). As atividades desenvolvidas durante a pesquisa envolveram mais de 100 voluntários e impulsionou a celebração intitulada “Cinquentenário dos Pequenos Cantores do La Salle”. Os resultados da investigação afirmam a reprodução social por meio da aquisição de capital cultural e a constituição de uma comunidade afetiva que produziu/produz memórias fortes e reivindicadoras de uma determinada identidade.

Palavras-chaves: Pequenos Cantores do La Salle. Grupo artístico escolar. Memória coletiva. Capital cultural. Cinema. Histórias de vida.

ABSTRACT

This is a research with theoretical insertion in the area of social memories and cultural goods, with the focus in the study “Os Pequenos Cantores do La Salle Canoas”, that is a group of singers and dancers’ children. Its purpose was to understand, using the ex-members oral narratives, the sense and meanings they have of their participation in the artistic group. Using the concepts of collective memories, cultural capital and no formal space education, we developed a qualitative research, by using the methodology of Oral History, by collecting life histories, with 10 ex-members of the group, associating a documentary and bibliographical analysis. As a professional master's degree, this dissertation produced a documentary film about school choral singing in Brazil, as well as a production of two musical spectacles, using the narrative of the ex-integrants of the Artistic School Group (ASG), called “Pequenos Cantores do La Salle Canoas Fiftieth Anniversary”. To make it possible, more than 100 volunteers were involved. As the research results, it's possible to affirm that social reproduction through the acquisition of cultural capital, as well as the construction of an affective community, that produces strong memories and claims for certain characteristics of identity.

Keywords: Pequenos Cantores do La Salle. School artistic group. Collective memory. Cultural capital. Movie. History of life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Distribuição do total de cadastros por participantes anterior no GAE.....	22
Gráfico 2 – Distribuição por sexo no total de respondentes no questionário exploratório	22
Gráfico 3 – Distribuição por sexo do total de ex-pequenos cantores do La Salle respondentes do questionário exploratório.....	22
Gráfico 4 – Distribuição dos respondentes do questionário exploratório por forma de atuação no GAE pequenos cantores do La Salle.....	22
Gráfico 5 – Distribuição dos respondentes do questionário exploratório quanto ao registro vocal.....	22
Gráfico 6 – Distribuição dos respondentes da pesquisa exploratória quanto a disposição para continuar a responder as perguntas subsequentes.....	22
Gráfico 7 – Distribuição dos respondentes da pesquisa exploratória quanto à música preferida do repertório dos pequenos cantores do La Salle.....	23
Gráfico 8 – Distribuição dos respondentes quanto à participação em viagens.....	23
Gráfico 9 – Distribuição dos respondentes quanto à eleição da viagem mais marcante...	23
Gráfico 10 – Distribuição dos respondentes quanto à eleição da apresentação inesquecível.....	23
Gráfico 11 – Distribuição dos respondentes quanto ao impacto que a participação nos pequenos cantores do La Salle teve nas diferentes áreas da vida.....	23
Gráfico 12 – Distribuição dos respondentes quanto ao tipo de inserção da música na vida de cada um na atualidade.....	23
Gráfico 13 – Distribuição dos respondentes quanto ao interesse em participar das comemorações do cinquentenário dos pequenos cantores do La Salle.....	24
Gráfico 14 – Distribuição dos respondentes quanto ao interesse em ser voluntário na organização das comemorações do cinquentenário dos pequenos cantores do La Salle.	24
Gráfico 15 – Distribuição dos respondentes quanto ao interesse em reviver a experiência de pequeno cantor do La Salle.....	24
Gráfico 16 – Distribuição dos respondentes quanto ao interesse em engajar um familiar nod pequenos cantores do La Salle, caso estivesse em atividade.....	24
Quadro 1 – Descrição da organização temporal para a escolha dos narradores.....	34
Quadro 2 – Ex-integrantes do grupo Pequenos Cantores do La Salle selecionados para a entrevista.....	34

Figura 1 – Mudanças nos uniformes através do tempo.....	43
Figura 2 – Discografia Pequenos Cantores do La Salle.....	48
Quadro 3 – Relação entre o investimento e o investidor para viabilização dos intercâmbios.....	50
Figura 3 – Brasão comemorativo do Cinquentenário dos “Pequenos Cantores”.....	53
Figura 4 – Modelo do ingresso da estréia e da segunda sessão da primeira temporada....	63
Figura 5 – Modelo do ingresso da segunda temporada.....	76

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	“No passo da estrada só posso andar...”: memórias de um pequeno cantor	15
1.2	“Já não vi a guerra pra não saber, esta terra encerra meu bem querer”.....	16
1.3	“E jamais termina o meu caminhar, só o amor me ensina onde vou chegar”	20
1.4	“E quem prepara a estrada somos nós que chegamos antes (eu vi a criança num sonho eu vi...)”.....	21
1.5	Foram “momentos que eu não esqueci ... E as emoções se repetindo”.....	34
2	“UMA SAUDADE IMENSA/VAGANDO EM VERSO EU VIM” – MEMÓRIAS LONGAS.....	39
3	RODEI DE RODA ANDEI/DANÇA DA MODA EU SEI...: A CAPACITAÇÃO PARA A VIDA.....	45
3.1	Aprender a cantar.....	46
3.2	Gravar discos – discografia: uma coleção de discos.....	47
3.3	O investimento familiar e o coral.....	49
4	PRODUTOS FINAIS: DOCUMENTÁRIO SOBRE O CANTO CORAL ESCOLAR BRASILEIRO E OS ESPETÁCULOS “MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA” E “MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA: DE VOLTA PARA CASA”.....	52
4.1	Descrição de marketing do projeto cultural.....	53
4.1.1	<i>Cliente direto.....</i>	<i>54</i>
4.1.2	<i>Cliente indireto.....</i>	<i>54</i>
4.2	Pré-produção.....	55
4.3	Produção.....	55
4.4	Distribuição.....	55
4.5	Lançamento.....	56
4.6	Sobre o filme documentário.....	57
4.6.1	<i>Nome e classificação do produto.....</i>	<i>59</i>
4.6.2	<i>Sinopse.....</i>	<i>60</i>
4.6.3	<i>Sobre as gravações e estrutura.....</i>	<i>60</i>
4.6.4	<i>Demandas executivas.....</i>	<i>61</i>

4.6.5	<i>Equipe</i>	61
4.6.6	<i>Dos recursos</i>	61
4.7	Sobre o espetáculo “memórias de uma trajetória”	62
4.7.1	<i>O Cinquentenário dos Pequenos Cantores apresenta: “Memórias de uma Trajetória”</i>	62
4.7.2	<i>Sobre o roteiro da primeira temporada</i>	63
4.7.3	<i>O Cinquentenário dos Pequenos Cantores apresenta: “Memórias de uma Trajetória – de volta para casa”</i>	75
4.7.4	<i>Sobre o Roteiro da segunda temporada</i>	76
4.7.5	<i>Plataformas de acesso dos produtos culturais</i>	87
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REFERÊNCIAS	94
	APÊNDICE A – Questionário da pesquisa exploratória	96
	APÊNDICE B – Termo de Liberação de Imagem e Participação Voluntária	97
	APÊNDICE C – Recursos para o Projeto	98
	ANEXO A – Matéria Diário de Canoas	99
	ANEXO B – Estatuto da Associação 2003 / Associação Mantenedora PCLS 1992	100
	ANEXO C – Certificado de Participação IV Show da Amizade	108
	ANEXO D – Certificado de Participação Natal Luz	109
	ANEXO E – Certificado de Participação de Colaboração e Mérito	110
	ANEXO F – Diploma Concedido pela Universidad La Salle del Mexico	111

1 INTRODUÇÃO

Este estudo se caracteriza como um trabalho de memória social. Seu objeto foi um conjunto de narrativas de ex-integrantes dos “Pequenos Cantores do La Salle de Canoas” que participaram deste grupo entre 1968 e 2012 e teve como justificativa primordial a comemoração dos 50 anos de sua fundação em 2018, com a produção de: um espetáculo artístico de canto e dança, intitulado: “Memórias de uma trajetória”; um documentário denominado, “Memórias de uma Trajetória.doc: a importância do canto escolar no Brasil”; o verbete Grupo Artístico Escolar (GAE¹); e um acervo digitalizado, constituído por documentos de arquivos particulares de ex-integrantes do grupo, um conjunto de *clipping* de matérias jornalísticas, fotografias, atas, entre outros a ser doado para o Museu Histórico La Salle da Universidade La Salle. No entanto, houve demanda externa para que fosse reapresentado, nas festividades natalinas da Unilasalle, o espetáculo já citado. Este foi readaptado para a celebração da Universidade, o que se configurou como mais um produto da pesquisa. Chamou-se “Memórias de uma trajetória: de volta para casa”.

Trata-se de um estudo que reavivou, para além da memória², o grupo artístico escolar (GAE) “Pequenos Cantores do La Salle de Canoas”, o qual foi fundado em 1968 por Irmãos³ no Centro Educacional La Salle, atualmente Colégio La Salle Canoas. Iniciou com o nome de “Pinguins da Escola Normal La Salle” e realizava atividades nos campos da arte e da comunicação, como o canto coral, a dança, a montagem de eventos, dentre outras. O Centro Educacional La Salle foi composto pelo Instituto São José, Ginásio São Luis e a Escola Normal La Salle. Com a união dos corais da Escola Normal e do Instituto (o então chamado “Pequenos Cantores do Colégio São José”) em 1973, tomou o nome de “Pequenos Cantores do La Salle”. Até 1998 manteve o mesmo nome, quando, mudou para “Show Musical La

¹ Termo cunhado pelo autor. Vide Medeiros (2010 e 2015). Trata-se de grupo cultural promotor de atividades extracurriculares, que mobiliza a família, a escola e a comunidade, por meio de programas de voluntariado, cidadania e intercâmbios. Podem ser corais escolares, projetos de dança na escola, capoeira, bandas marciais, escotismo, dentre outros. Tais grupos promovem o desenvolvimento de habilidades, competências e aptidões, em complemento ao currículo formal. Vide: Medeiros e Zimmer (2011, p. 173), “projetos sociais e culturais, através da dança para crianças e jovens em escolas e espaços comunitários da periferia, tendo como intento a emancipação através do fortalecimento de suas relações com o mundo e consigo mesmos”. MEDEIROS, Rubielson Athaydes de; ZIMMER, Rosane Oliveira Duarte. **Escola Cônego e Canta Brasil – um entrelaçamento da Mathias Velho ao Guajuviras pela força da ética estética que transforma vidas**. IN: BRAZIL, Angelita Vargas et al. **Armazém de idéias III: tecendo uma rede de saberes na pluralidade de conhecimentos**. Porto Alegre: ASSERS, 2011.

² Especialmente a partir da realização dos produtos finais que compuseram o presente estudo.

³ Os Irmãos Lasallistas, como são conhecidos no Brasil, tiveram origem no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs fundado no século XVII, por Batista de La Salle, na França. Em 19 de março é comemorado o início da instalação da congregação no Brasil, com a chegada de 12 Irmãos em 1907, ao Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Em Canoas, fundaram sua primeira escola em 1908,

Salle” e, em 2005 passou a chamar-se “Musical Unilasalle”. Teve o encerramento de suas ações no ano de 2006, porém conservando aberta a “Associação Mantenedora dos Pequenos Cantores do La Salle”, a qual permanece ativa até os dias de hoje mesmo sem atividades de canto coral do grupo⁴.

Antes mesmo da revolução digital⁵ e da chegada da internet, bem como das redes sociais, o grupo “Pequenos Cantores do La Salle” já apresentava expressivo impacto tanto na esfera local, quanto na esfera nacional e internacional, a partir de grandes *shows* que ocorriam em estádios de futebol, teatros de diferentes cidades brasileiras e até em outros países, como Argentina, Paraguai, Uruguai, México, Portugal, Espanha, além de intercâmbio com os Estados Unidos da América. Os espetáculos mesclavam repertórios de Música Popular Brasileira (MPB), músicas *pop* internacionais e músicas gaúchas. Na sua trajetória, o grupo musical apresentou-se para celebridades como: o ex-presidente da Argentina Carlos Menen, o Papa João Paulo II, a apresentadora Xuxa Meneguel e o tenor Pavaroti⁶. A atuação local dava-se através dos ensaios e atividades de cooperação, quer fossem pelo voluntariado, ações beneficentes, ou por reuniões.

Dentre outras instituições da Rede La Salle⁷, que mantém até hoje a presença de GAEs, tem-se como exemplo: a “Estudantina”, da Universidade La Salle (México); a “Banda do Colégio La Salle Dores” de Porto Alegre (RS); e a “Orquestra Típica La Salle” de Niterói (RJ). Já o grupo “Os Pequenos Cantores do La Salle do Colégio Gonzaga” de Pelotas (RS), que possuía semelhanças com “Os Pequenos Cantores do La Salle de Canoas”, também foi extinto. Outros projetos culturais da Rede La Salle em Canoas foram criados, como: a peça

⁴ Associação com o nome fantasia AMAPEL, encontra-se ativa, com o nome empresaria Associação Mantenedora dos Pequenos Cantores do La Salle. Inscrita no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica sob o número 94.309.192/0001-66. Possui como atividade econômica principal o código 90.01/9-99, e descrição de atividades artes cênicas, espetáculo e atividades complementares não especificadas anteriormente. Logradouro consta Avenida Victor Barreto, no. 2288, sala 45. Aprovado pela Instrução Normativa RFB nº 1.634, de 06 de maio de 2016. Emitido no dia **06/11/2018** às **23:36:22** (data e hora de Brasília). Disponível no site: http://www.receita.fazenda.gov.br/PessoaJuridica/CNPJ/cnpjreva/Cnpjreva_Solicitacao.asp

⁵ Revolução que se deu a partir da invenção dos computadores pessoais, quando ocorreu a conversão da tecnologia analógica para o formato digital. É uma cultura baseada no mundo virtual, o mesmo que nos apresentou, em 2000, o comércio eletrônico, as mensagens instantâneas, as *web* conferências e os sites de busca. Em 2005, tiveram início plataformas e recursos digitais, os blogs, as redes sociais, as *taggings* e os perfis pessoais. Tudo isso faz parte de uma revolução. As redes sociais ganharam muita força e estão no centro deste universo. Vivemos uma plena convergência entre o mundo *offline* e o mundo *online*, onde a cada ano surgem novas tecnologias, e chegam às nossas mãos novos aplicativos. Vide: <http://www.ocorreio.com.br/colunas/181/a-revolucao-digital>

⁶ Vide: <http://inmuseu.blogspot.com/2009/11/historico.html> . Diego Ritzel e Fontes: Show Musical La Salle, caderno especial do Diário de Canoas, 26 de junho de 1998; Site Unilasalle Canoas Acesso em 05 ago. 2018.

⁷ Para saber mais, vide: <http://lasalle.edu.br/> . É uma rede que, atualmente, com Comunidades Educativas e Assistenciais no Brasil, contando com mais de 180 Irmãos Lassalistas e 5 mil educadores, que acolhem a mais de 45 mil estudantes, em todos os níveis de ensino, em 9 estados e no Distrito Federal.

teatral “Mulheres de Machado”, os “Saraus com Todas as Letras”⁸, as exposições em datas significativas como da Semana Farroupilha, da Consciência Negra e do Meio Ambiente, fomentados pelo Museu Histórico La Salle e Museu de Ciências Naturais La Salle, respectivamente. Todos esses eventos têm o apoio do Unilasalle Cultural⁹ e são destinados à comunidade acadêmica e ao público em geral. Dessa forma, pode-se perceber que as atividades culturais perpassam, não somente o tempo, mas também diversas áreas do conhecimento.

Na sequência, apresento como, a partir de “uma saudade imensa”¹⁰, a pesquisa sobre os “Pequenos Cantores do La Salle” (doravante denominado Pequenos Cantores ou GAE) passou a ser gestada, iniciando com a minha própria narrativa, ou seja, memórias de um “Pequeno Cantor”.

1.1 “No passo da estrada só posso andar...”¹¹: memórias de um pequeno cantor

Conheço os Pequenos Cantores há trinta anos e esta é a primeira pesquisa acadêmica que estudou este GAE. A partir dele, realizei o desejo de me transformar um artista profissional. Foi paixão à primeira vista, quando em meados de junho, no início da década de 1980, os assisti no calçadão do centro de Canoas, na semana comemorativa ao aniversário de emancipação do Município.

A coreografia, a afinação, a vibração, tudo era hipnotizante para mim. O meu sonho era ser cantor, bailarino, enfim, ser um artista. Percebi que ali estava a chance para isso começar. Minha família mudou-se do bairro Mathias Velho para o centro da Cidade em 1988, o que transformou minha vida cultural. Minha mãe, professora concursada pela rede do estado do Rio Grande do Sul, havia sido cedida para trabalhar 20 horas no Centro Educacional La Salle. Na época, fui transferido de uma escola pública, passando a estudar no Colégio Maria Auxiliadora¹², na segunda série do Ensino Fundamental.

Era 1988 eu havia descoberto que o GAE pelo qual me apaixonara, pertencia e executava seus ensaios na escola em que minha mãe iria trabalhar. Logo, solicitei a ela que

⁸ Tanto as “Mulheres de Machado” quanto o “Sarau com Todas as Letras” são eventos organizados pelo curso de Letras da Universidade La Salle.

⁹ Programa de planejamento, organização, direção e controle de atividades culturais realizadas na Universidade La Salle de Canoas /RS, assim como em outras instituições da Região Metropolitana de Porto Alegre. Vide: <http://www.unilasalle.edu.br/canoas/unilasalle-cultural/>.

¹⁰ CAYMMI, SOUTO, TAPAJÓS, 1968.

¹¹ CAYMMI, SOUTO, TAPAJÓS, op. cit.

¹² Escola privada de Educação Básica e Ensino Médio, pertencente à Rede Notre Dame, dirigida pela Congregação das Irmãs de Notre Dame, situada no Centro de Canoas/RS. Vide: <http://www.auxiliadora.net/>

me deixasse participar. Descobrimos que havia dois grupos, o principal (“Grupo A”) e o preparatório (“Grupo B”), ambos com processo de seleção semestral, que ocorria nos meses de março e julho. Para a inserção no coral principal havia uma série de pré-requisitos, como: realizar um novo teste, caso já pertencente ao “Grupo B”; ter boa expressão corporal; ser afinado; ter bom rendimento escolar; e participar de todos os ensaios, das apresentações e dos shows nacionais e internacionais.

Encantado com a possibilidade de participar do grupo, fiquei determinado e inquieto. Não iria me satisfazer enquanto não fosse aceito nos Pequenos Cantores. Isso implicou inclusive em fugas da escola em que estudava para poder assistir e participar do grupo. Finalmente, no início do ano letivo de 1988 fui transferido e me foi prometido fazer o teste para ingressar no “Grupo B”. No entanto, tive dificuldades em cumprir os ensaios e as tarefas propostas, como vendas de rifas e as lições de casa, possivelmente alimentadas pela diferença social em relação ao restante dos integrantes do grupo e da minha estrutura emocional. Sentia-me constantemente cansado, pouco motivado e insatisfeito com as atividades desenvolvidas. Dessa época, lembro-me de ter cantado algumas canções tradicionalistas e religiosas, o que, para mim, não era muito motivante. Associado a esses fatores, minha família estava com mais dificuldades financeiras e meu rendimento escolar era insatisfatório. Portanto, precisei interromper minha participação no final do mesmo ano. Sentia-me frustrado, pois meus “sonhos” tinham sido desfeitos.

1.2 “Já não vi a guerra pra não saber, esta terra encerra meu bem querer...”¹³

Em 1989 voltei a estudar em uma escola pública. Meus anseios pela arte permaneciam, por isso, nas atividades extracurriculares participei de aulas sobre tradições gaúchas e atividades teatrais da própria escola. Assim, consegui engajar-me novamente em atividades artísticas, o que sempre foi muito importante para mim. Aprendi ritmos e danças tradicionalistas, como a “Chula¹⁴”, nas quais me destaquei em aspectos interpretativos e de sensibilidade artística, participando de eventos escolares e de apresentações públicas.

Nessa fase, já percebia o quanto a arte me proporcionava liderança e distinção em sala de aula entre os colegas, pois eu constantemente era o diretor ou ganhava o papel principal. Exatamente em 1989, uma quarta greve escolar da rede de ensino estadual fez com que minha

¹³ CAYMMI, SOUTO, TAPAJÓS, op. cit.

¹⁴ Dança tradicionalista do sul do Brasil, dançada preferencialmente por homens, desenvolvida através de um sapateado sobre uma lança e caracterizada por um desafio entre os dançarinos.

mãe tomasse a decisão de me matricular novamente no Centro Educacional La Salle. Logo que conversamos em casa, coloquei que teria uma única condição: queria retornar aos Pequenos Cantores, imaginava que aquele grupo representava para mim algo determinante para meu desenvolvimento e para toda a minha vida.

Consegui fazer os testes e ingressar novamente no “Grupo B” em 1990. Recomecei os ensaios, meu pai pagava a contribuição mensal na Associação de Pais e Mestres (APM)¹⁵ e, de novo, passei a ter a chance de conseguir pisar em um palco de verdade, com cortinas de veludo, estilo palco italiano¹⁶.

Após o reingresso, percebi que o “Grupo B” estava mais moderno. Seus integrantes haviam começado a dançar e, devido às trocas de uniforme do grupo principal, se teria a chance de usar os velhos uniformes em um show tradicional, que ocorreria no Dia das Mães, em 1990, no Salão de Atos do Colégio. Esse evento era o momento em que os Pequenos Cantores do “Grupo B” eram apresentados ao público, assim como os novos integrantes do “Grupo A”. Estreei naquele show em um palco com iluminação, sonorização e o Salão de Atos alcançou lotação máxima.

A agenda do grupo era composta por três apresentações por ano no Salão de Atos do Centro Educacional La Salle. Ocorria sempre um grande encontro de gerações e famílias de diferentes cantos da cidade. Nesses momentos, tanto a minha família nuclear, quanto a estendida se fazia presente, como: meu pai, minha mãe, meus irmãos, minha prima, minha avó e alguns tios. Eu tinha uma apresentação solo e todos estavam entusiasmados para me assistir. Foram muitos ensaios de dança e um ensaio geral com a banda. Ficávamos todos, os Pequenos Cantores do “Grupo B”, esperando o ato de apresentar nosso desempenho e abrir a noite de show com canto e dança.

O sucesso daquele espetáculo foi marcante para mim. Sentia-me eufórico, estimulado pelos aplausos, pelo calor dos refletores e pela fumaça do gelo seco da cenografia, que me faziam sentir como se estivesse em algum lugar mágico. Passei a me reconhecer em uma situação que denominei “Estado de Arte”, ou seja, senti-me um artista. Foi a primeira vez que tive algumas sensações que modificaram meus sentidos, como meu olfato, minha gustação, minha visão e meu tato. O cheiro mudou, percebi um sabor diferente na boca, a visão ampliou

¹⁵ Associação sem fins lucrativos formada por profissionais e reesposáveis pelos(as) alunos(as) como órgão colegiado, representantes dos interesses comuns das famílias e da escola. Tem como objetivo colaborar com a gestão para incrementar a aprendizagem e a qualidade educativa na escola. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/conteudo/perguntas-e-respostas-o-que-e-e-como-funciona-uma-associacao-pais-e-mestres>. Acesso em: 20 dez 2018.

¹⁶ Onde os espectadores assistem à representação pela frente. Este palco tem uma cortina que é fechada para mudança de cenários.

e a pele estava mais sensível. Era como uma transcendência do que estava acostumado a sentir. Nessa época eu tinha onze anos, quase completando doze. Foi assim que tive a certeza de que deveria me dedicar por completo, a um bom desempenho escolar e às minhas aptidões artísticas. Com essa consciência não demorou para que eu me destacasse no grupo, o que possibilitou que eu fosse chamado para um novo teste, dessa vez para integrar o grupo principal. Sentia-me confiante. Fui aprovado e ingressei no coral principal dos Pequenos Cantores.

Com a notoriedade pública do grupo, houveram mudanças nas rotinas de ensaio e de tempo investidos. Tínhamos que nos reunir três vezes por semana, com um ensaio geral nos sábados, o que implicava na presença da banda e de todo elenco. Isso significava um grupo de quase cinquenta pessoas. Como se não bastasse, o grupo, mesmo fora das suas atividades rotineiras, também se reunia em outras ocasiões, como no intervalo da escola, durante toda a semana. Dessa forma, vivíamos em interação de forma constante, de segunda a segunda.

Além das atividades de ensaio e de relacionamento no grupo, também éramos responsáveis por atividades que pudessem custear as despesas, como por exemplo, os nossos uniformes, manutenção da associação e pagamento das viagens. Para isso, tínhamos que vender ingressos, no mínimo dez por integrante. Nem todos possuíam condições financeiras para arcar com tais despesas, o que era resolvido através de apoio de familiares, professores e da comunidade em geral admiradora do grupo.

Desta forma comecei a ter noções de administração de finanças na vida. Entre uma viagem e outra, aprendi a fazer escolhas em função da participação nas inúmeras atividades, como optar por vender meu videogame e minha bicicleta, para comprar dólares e, assim, poder ir ao México e aos Estados Unidos da América. Dessa forma, pude participar de intercâmbios culturais, de espetáculos e ao final das temporadas, também ter lazer, como por exemplo, visitar os parques da *Walt Disney Company*¹⁷.

Nesse período desenvolvi capacidades pessoais de mobilização e sensibilização comunitária. Fui campeão em venda de rifas e de ingressos para as apresentações beneficentes. Também me engajei em atividades de responsabilidade social como a reciclagem de resíduos sólidos (plásticos, vidros e papéis). Essas atitudes me influenciaram no desenvolvimento de autoestima, humildade, otimismo, solidariedade e competências como: responsabilidade, cortesia e flexibilidade nas relações. Também associo com esses aspectos a capacidade empreendedora e o desenvolvimento de carisma.

¹⁷ Vide: <https://www.thewaltdisneycompany.com/>.

Tornamos-nos um grupo com grande popularidade na comunidade canoense e em alguns outros contextos. Dessa forma, participar dos Pequenos Cantores era uma situação desejada por muitos jovens que apresentavam gosto pela arte, tanto em Canoas como em cidades vizinhas. No entanto, a participação era restrita somente aos alunos da Rede La Salle. Posteriormente, as regras foram ficando mais flexíveis, talvez em função da maior maturidade do grupo e da falta de um regimento interno. O grupo era formado por aproximadamente 40 cantores, sendo a maioria do “Grupo A”.

Outras regras permeavam a organização dos Pequenos Cantores, das quais a maior parte, era determinada pela direção da escola. Eram mantidos alguns cuidados relevantes para que os estudantes garantissem o bom rendimento escolar, devido ao risco de que o excesso de atividades artísticas pudesse comprometer o cumprimento da agenda curricular. Os alunos que reprovavam eram chamados para uma nova avaliação, definidora da manutenção de sua participação no grupo. As notas eram uma valiosa moeda de troca, entre os Pequenos Cantores, a direção, a coordenação pedagógica e as famílias.

Sem deixar de lado o sucesso escolar, o grupo intensificava seus projetos, com a aparição nas mídias da região e com as viagens. O contato com mexicanos, uruguaios, argentinos, paraguaios e americanos, proporcionava novas aprendizagens culturais¹⁸ para os integrantes. O reconhecimento, o elogio dos vizinhos e a crescente quantidade de shows, às vezes me assustavam. Havia momentos em que os pais solicitavam tréguas na agenda, pois a quilometragem na estrada só crescia. Nessa época, reconheço o quanto de investimento cultural fiz como estudante e pequeno cantor.

Aos poucos, um “padrão” Pequenos Cantores de ser, ganhava força e, em 1993, o grupo promoveu uma revolução, com novas coreografias, produções musicais e novo figurino. Nesse ano, lembro que ocorreu a primeira capa do LP¹⁹ que o grupo gravava em datas comemorativas, sem o uniforme tradicional. A partir desse ponto, tive a oportunidade de participar de um momento cultural marcante para o grupo. As aulas de dança se intensificaram, a exigência vocal ficou mais intensa, e as vendas de convites, CDs²⁰, camisetas também aumentaram, para ser possível manter o grupo financeiramente, custeando itens como: infraestrutura de som, transportes, luz e músicos. Tais mudanças, associadas com as alterações estruturais na Rede La Salle e no Plano de Educação Nacional, culminaram na fundação de uma nova associação mantenedora dos Pequenos Cantores do La Salle, dessa vez

¹⁸ Nestas experiências, a língua espanhola, e suas diversas pronúncias e escrita em cada país como México ou Uruguai, sempre me instigavam a estudar mais.

¹⁹ Sigla de *Long-Playing Record*, disco de música com registro de longa execução

²⁰ Sigla de *Compact Disc*.

desvinculada da Associação de Pais e Mestres. A partir de então, o novo grupo administrativo era composto por mães e pais dos integrantes.

Com a chegada da adolescência, houve a necessidade de pensar na minha inserção no mercado de trabalho, como ocorreu para outros integrantes. A partir dessa nova fase do meu desenvolvimento, pude reconhecer, posteriormente, que os diplomas incorporados ao longo da passagem pelo grupo, horas de ensaios, aulas de dança, canto e uma série de ações, como atividades de produção de eventos e espetáculos, foram um excelente investimento e capacitação profissional na área cultural. O banco de horas de trabalho voluntário, a experiência em intercâmbios e os conhecimentos adquiridos, fizeram diferença no início da minha carreira profissional, tanto para os estágios do CIEE (Centro de Integração Escola e Empresa), como para a área artística em corais e grupos de dança. Dentro do Centro Educacional, eu pude estudar pela manhã, cantar e dançar à tarde e aos sábados, fazer shows e espetáculos, viajar anualmente para o Exterior, conhecer uma boa parte do Brasil e do Rio Grande do Sul. O capital cultural adquirido por mim, mesmo que naquela época ainda oculto no meu entendimento, era algo que constituiu um diferencial na vida, tanto presente, como futuro, como pude constatar posteriormente.

1.3 “E jamais termina o meu caminhar, só o amor me ensina onde vou chegar...”²¹

Em março de 1995 saí dos Pequenos Cantores, por própria escolha. Forcei-me a ingressar no mercado de trabalho formal, no Banco Meridional, atual Santander, como estagiário na agência do Shopping Iguatemi. Porém, não parei de dançar, nem de cantar.

Vivenciei vários grupos artísticos, como o Coral do Banco, aulas de ritmos, *ballet*, *jazz* e arte circense. Os Pequenos Cantores acenderam em mim, e em outros integrantes, um poder de realização artístico no campo pessoal e profissional. Ao longo da minha trajetória educacional, o investimento escolar, econômico e cultural, sem dúvida, foi o diferencial para proporcionar certa maturidade para enfrentar desafios. A chegada a outros grupos artísticos, à Faculdade de Cinema, à Pós-Graduação em Dança, às premiações e ao ingresso no Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, são provas das competências desenvolvidas como “Pequeno Cantor”, as quais imprimiram influência durante a minha carreira em todos os âmbitos, de aluno a professor, de bailarino a coreógrafo e de produtor a diretor.

²¹ CAYMMI, SOUTO, TAPAJÓS, op. cit.

Durante o Mestrado, conheci as teorias de Pierre Bourdieu e Jöel Candau, as quais me possibilitaram a percepção de que os Pequenos Cantores, como um GAE, poderia ser trabalhado a partir de conceitos como memória social e capital cultural. Dessa maneira, comecei a formular um problema de pesquisa, objetivos e um produto final a fim de elucidar o presente estudo. Este, especificamente, implicava em concretizar um sonho meu, ou seja, pisar e atuar novamente, no palco do salão de atos da Universidade La Salle como um “Pequeno Cantor”.

Para tanto, não poderia caminhar sozinho. Na sequência, apresento o que denominei “de caminho de volta para casa”, detalhando o trabalho realizado para chegar aos produtos finais do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais.

1.4 “E quem prepara a estrada somos nós que chegamos antes (eu vi a criança num sonho eu vi...)”²²

Partir e estar de volta fazem parte da caminhada, mas eu queria que esta fosse acompanhada. Desta forma, comecei a formar uma rede de ex-integrantes dos Pequenos Cantores para rememorarmos os “velhos tempos”, convocando-os por meio de um *site*²³ para cadastro e coleta de informações. Sessenta e três pessoas se inscreveram e todas responderam a um Questionário da Pesquisa Exploratória, que foi composto por questões abertas e fechadas. Também, foram requisitados aos respondentes, documentos comprobatórios, como certificados, buscando a representatividade dos seus diferentes períodos de atuação. Foram elencados para as questões abertas: lugares memoráveis; festivais; brincadeiras; distinção, privilégios; casas de família; aquisição de capital cultural; o rito de entrada – “Parabéns a você”; as cuidadoras – “Tias”; figurinos; geração Lassalista; segunda família; união; amor pelo Canto; grupo.

Os dados levantados são apresentados a seguir nos Gráficos 1 a 16²⁴.

²² CALIQUE, GARAY, 1988.

²³ Disponível em <http://www.pequenoscantores.com.br>. Este site foi desenvolvido voluntariamente pelo analista de sistemas Jacson Moraes, com o apoio técnico de mais três voluntários, que se integraram ao pesquisador para desenvolver o projeto. Ver Questionário no Apêndice A.

²⁴ Fonte: o próprio autor.

Gráfico 1 - Distribuição do total de cadastros por participação anterior no GAE "Pequenos Cantores do La Salle".



Gráfico 2 - Distribuição por sexo do total de respondentes do questionário exploratório.

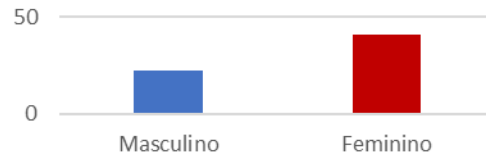


Gráfico 3 - Distribuição por sexo do total de ex-Pequenos Cantores do La Salle respondentes do questionário exploratório.

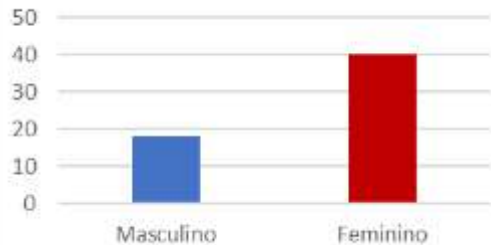


Gráfico 4 - Distribuição dos respondentes do questionário exploratório por forma de atuação no GAE "Pequenos Cantores do La Salle".



Gráfico 5 - Distribuição dos respondentes do questionário exploratório quanto ao registro vocal.

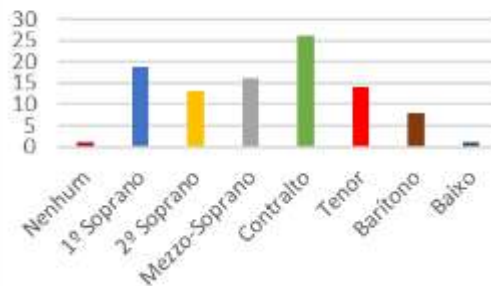


Gráfico 6 - Distribuição dos respondentes a pesquisa exploratória quanto à disposição para continuar a responder as perguntas subsequentes, após o questionário ter sido apresentado como...



Gráfico 7 - Distribuição dos respondentes da pesquisa exploratória quanto à música preferida do repertório dos "Pequenos Cantores do La Salle".



Gráfico 8 - Distribuição dos respondentes quanto à participação em viagens.

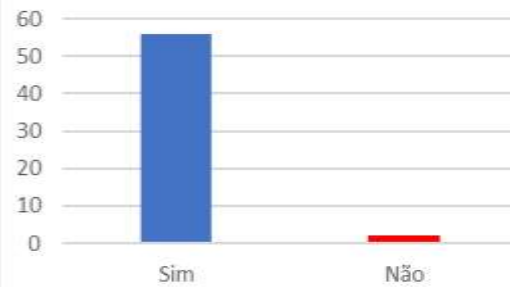


Gráfico 9 - Distribuição dos respondentes quanto à eleição da viagem mais marcante.

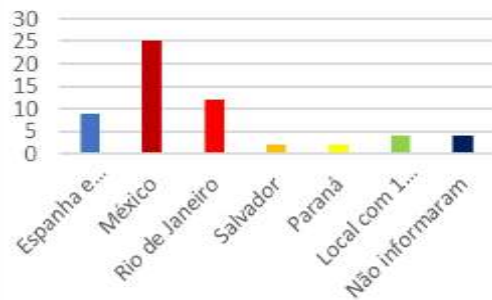


Gráfico 10 - Distribuição dos respondentes quanto à eleição da apresentação inesquecível.

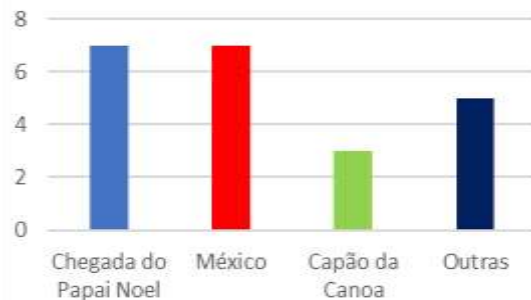
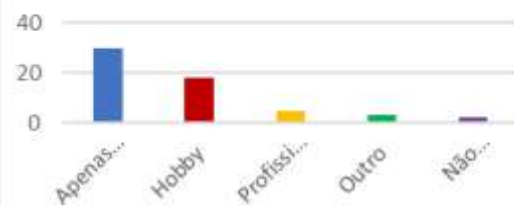
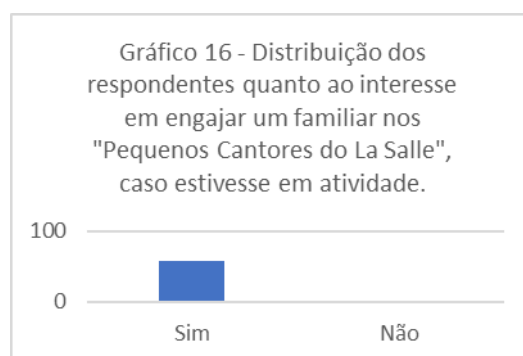
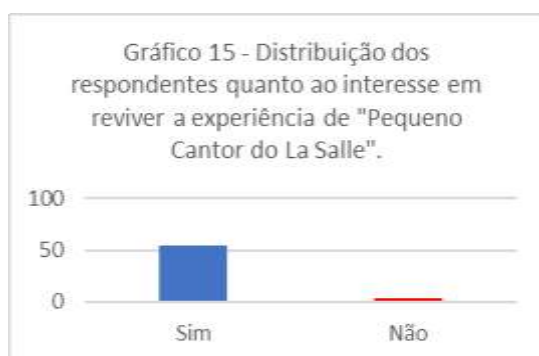


Gráfico 11 - Distribuição dos respondentes quanto ao impacto que a participação nos "Pequenos Cantores do La Salle" teve nas diferentes áreas da vidas.



Gráfico 12 - Distribuição dos respondentes quanto ao tipo de inserção da música na vida de cada um na atualidade.





A partir dos Gráficos pude verificar que a maioria dos respondentes era de ex-Pequeno Cantor (Gráfico 1) e do sexo feminino, tanto no total de pessoas cadastradas (Gráfico 2), quanto no total de pessoas que haviam participado do GAE (Gráfico 3).

Em relação à função no grupo, dentre respondentes que não eram ex-Pequenos Cantores, uma pessoa ocupava o cargo de “Tio/Tia”²⁵ e as quatro restantes foram agrupadas em outras funções²⁶ (Gráfico 4).

Todos os registros vocais foram contemplados na pesquisa exploratória (Gráfico 5). Quando indagados quanto à disposição em responder sobre questões referentes à experiência que tiveram nos Pequenos Cantores, após o questionário ser descrito como um dos componentes de uma pesquisa, a maioria foi receptiva (Gráfico 6).

Uma diversidade de músicas foi citada como a de preferência pessoal dentre as várias que faziam parte do repertório do grupo (Gráfico 7). A maioria participou de viagens (Gráfico 8), sendo que a do México foi eleita como a mais marcante (Gráfico 9). No entanto, quando

²⁵ Cuidadores que acompanhavam as viagens e os ensaios. Geralmente representados por pais e mães dos integrantes do grupo.

²⁶ Músico, pai, mães e coreógrafo.

indagados sobre a apresentação inesquecível, a realizada no México obteve o mesmo número de votos que a “Chegada do Papai Noel” em Porto Alegre (Gráfico 10).

Constatei (Gráfico 11) que diferentes áreas da vida foram descritas como impactadas, dentre as quais a psicológica, e a afetiva as quais são as mais citadas; seguidas por impacto artístico, pedagógico, profissional e impacto religioso. A presença da música na vida de cada respondente na atualidade distribuiu-se da seguinte forma (Gráfico 12): a maioria apenas escuta música, seguidas pela percepção da música como *hobby*, a música como atividade profissional, e o restante se distribuiu entre outras inserções.

Quanto à ideia de realizar a comemoração do cinquentenário dos Pequenos Cantores e a disposição em participar, houve adesão total dos respondentes (Gráfico 13). Foi muito representativa a quantidade de respondentes que praticariam voluntariado para possibilitar a execução da comemoração (Gráfico 14), os que gostariam de compor o grupo novamente (Gráfico 15), e os que engajariam alguém da sua família para participar do grupo (Gráfico 16).

Esses dados trouxeram informações relevantes, pois quando refletia sobre o GAE, percebi que, na verdade, os laços nunca haviam sido desfeitos e que existia uma comunidade afetiva cujos membros construíram “memórias fortes”, termo cunhado por Candau (2014, p. 101), o qual se refere aos acontecimentos que são tempos fortes, e que se mantém ainda muito próximos. É importante citar que a partir de 2006, quando ficaram extintas as atividades artísticas, foram promovidos encontros entre ex-integrantes, familiares e admiradores, a fim de estarem juntos e rememorem suas passagens nos Pequenos Cantores. O último evento ocorreu em 29 de abril de 2017 na Quinta São José²⁷.

Enquanto recolhia dados a partir do Questionário já citado e vestígios sobre o GAE, fiz uma série de leituras para me apropriar de informações sobre canto coral escolar, a partir de bibliografias resultantes de pesquisas que envolvessem esse tema. O corpo, as artes cênicas e a educação são aspectos culturais que ocupam espaços nos ambientes formais e não formais de educação. Refletindo sobre o período que antecedeu a fundação dos Pequenos Cantores, observei que o Canto Coral Orfeônico²⁸ se tornou referência nas escolas brasileiras entre os anos de 1930 até 1960. Durante o governo de Getúlio Vargas, foi dada atenção a uma solicitação de Villalobos com o intuito de implantar nos currículos da educação básica o ensino do canto e por este colaborar para o desenvolvimento de civismo e da brasilidade (LOUREIRO, 2017).

²⁷ Espaço de convivência e retiro dos irmãos lassalistas, situado na Av. Vereador Deoclécio Rodrigues, 2245, Nova Santa Rita – RS.

²⁸ Possui semelhança com o Canto Coral, porém não possui a necessidade de conhecimento profundo e de teoria e técnica musical. É utilizada para se ajustar a necessidade de canto para grandes grupos e multidões.

Na escola contemporânea brasileira, as atividades artísticas estão previstas na matriz curricular, bem como nas atividades extracurriculares e são estimuladas por projetos e programas como o “Mais Educação”²⁹, “Tempo Integral”³⁰, “Escola Aberta”³¹ e fomentada pela Lei do voluntariado³². O ensino das artes e da música, de forma geral, nas organizações não governamentais e nas comunidades, dá-se de forma, na maioria das vezes, voluntária. Artistas profissionais desenvolvem programas de arte no ambiente escolar, por meio de estímulos e financiamentos, promovidos pela iniciativa privada, como prêmios, incentivos fiscais e fundos de diferentes ações interministeriais, entre setores da cultura, desenvolvimento social, educação e instituições internacionais.

O campo da arte na escola está previsto no Plano Nacional de Educação – PNE, Lei 13.005/2014 – assim como na nova Base Nacional Comum Curricular, a qual refere às aprendizagens essenciais, destacadas no capítulo “Competências específicas de Arte para o Ensino Fundamental” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017, p.189-194). Apesar das práticas culturais resistirem dentro do ambiente escolar, elas ainda possuem características tradicionais e pouco atrativas para seu público alvo, os alunos. O recorte a ser trabalhado nesta análise, é sobre a educação informal, o que nos leva a ressaltar que o GAE Pequenos Cantores do La Salle foi um grupo de atividade não formal que ocupava o ambiente formal da escola. Portanto, mesmo sendo uma prática educativa fora da matriz curricular, a escola possui relevância.

Nos registros das oficinas de Salles (2006), autora descreve o seguinte:

Ao ser oferecida a oportunidade ao ser humano de explorar os aspectos criativos, ele pode descobrir a capacidade para criar novos meios de expressão e comunicação com os meios corporais, pois sua imaginação é estimulada na inter-relação de criações corporais individuais e em grupos, provocando uma incitação corpórea/vocal (p. 298).

O Canto Coral Escolar não foi extinto por atos normativos, mas sim constantemente modificado. Isso ocorreu devido às alterações dos programas de ensino desde a década de

²⁹O Programa Novo Mais Educação, criado pela Portaria MEC nº 1.144/2016 e regido pela Resolução FNDE nº5/2016, é uma estratégia do Ministério da Educação que tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças.

³⁰Programa de Fomento à implementação de Escolas em Tempo Integral, criado pela Medida Provisória nº 746, que estabelece a reforma do ensino médio no país.

³¹ Programa criado em 2004, fruto de uma parceria do MEC com a UNESCO, oferece atividades esportivas e culturais para alunos e famílias aos sábados. O programa Escola Aberta abre as portas das instituições para a comunidade nos finais de semana e já se tornou referência entre alunos, pais e professores.

³²Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998 - Considera-se serviço voluntário, para os fins desta Lei, a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada de fins não lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoa.

trinta. O objetivo inicial era musicar a todos com as disciplinas de canto e educação musical. Também visava identificar vestígios e informações que mostravam a pujança musical para que ocupassem os corredores e as salas de aula após o ensino formal. Dessa forma, se conheceria a numerosa quantidade de grupos musicais, corais e projetos de canto que pulsavam diariamente dentro das escolas de ensino fundamental e médio das escolas brasileiras.

As alterações da disciplina de música, que foram incluídas na Lei nº 5692/71³³ e todas as tentativas de silêncio musical no currículo, como discutido no artigo “O ensino de música na escola Fundamental: uma incursão histórica”, de Alicia Almeida Loreiro (2017), fizeram com que o ensino do Canto Coral e da música propriamente dita se extinguisse. É preciso assinalar que a disciplina de educação musical, o processo de musicalização e, principalmente o canto, perpassam por diversos momentos dentro do ambiente escolar, desde que receba a qualidade de obrigatoriedade legal no ensino da música e se amplie a visão sobre esta arte em diversos segmentos da expressão da oralidade musicada.

Os aspectos pedagógicos das bandas de fanfarra, da capoeira, das apresentações cívicas e festivas impulsionam e movimentam o cenário do canto escolar, produzindo sentidos, da mesma forma que impulsionam o surgimento de corais e grupos de canto. Sem a necessidade e dependência do currículo formal, tais fenômenos sociais provocam e promovem sucessos e resultados de práticas que incentivam aos alunos a fortalecer seus sentidos e vínculos. Para, além disso, também impulsionam alguns casos para o desenvolvimento de uma carreira profissional, a qual começa dentro da escola.

Na história da educação musical no Brasil, algumas ocorrências marcaram seu processo. A seguir, apresento um breve resumo no qual se tem um primeiro momento que caracteriza o início da colonização até a instalação da coroa portuguesa; o segundo, o tempo imperial; e o terceiro, que abrange o momento getulista, uma passagem rápida pelo regime militar até os anos 1980, 1990 e 2000, com a chegada dos programas sociais e as atividades extracurriculares.

Nos primórdios do processo de colonização, com a vinda dos Jesuítas em 1549, para a colônia, a primeira missão era catequizar os indígenas e o recurso rítmico – foi uma forte estratégia, tendo em vista o que já era desenvolvido em termos de musicalidade e canto pelos nativos da terra. Foram utilizadas as técnicas de Cantochão e dos Autos – peças teatrais de teor moral e religioso em que os índios encenavam, cantando e dançando. O pouco que

³³Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei-5692-71>.

escapou do “sequestro civilizatório” dos jesuítas foi mantido pela música popular dos nortistas e nordestinos. O modelo de educação desenvolvido no Brasil seguia a educação humanista nos moldes europeus. Outras influências posteriores foram os sons e danças dos negros, que chegavam como escravizados, com a agregação de diferentes vertentes sonoras e instrumentos musicais. Apesar da diversidade, a música religiosa manteve sua presença de forma expressiva e quase totalitária na produção musical do período colonial.

Em 22 de Janeiro de 1808, com a vinda da família real, chegam com ela, aproximadamente, 15 mil pessoas, dentre elas músicos, intelectuais e artistas, promovendo mudanças no conceito da educação musical no Brasil. Já no período imperial, no ano de 1835, foi criada a primeira Escola Normal, em cujo currículo, inicialmente muito simples, foi enriquecido com novas disciplinas, entre elas a Música. Em 1841, foi fundado o Conservatório Musical do Rio de Janeiro, por Francisco Manuel da Silva (1795-1865), considerado a primeira grande escola de Música do Brasil. A partir de então, passa-se a registrar o ensino da Música no Brasil, o qual já compunha o currículo escolar desde os tempos do Primeiro Império. Conforme Decreto nº 1.331 de 1854 (BRASIL, 1854), em seu Capítulo III.

Art. 79. Haverá no Collegio as seguintes cadeiras:

- 2 de latim,
- 1 de grego,
- 1 de inglez,
- 1 de francez,
- 1 de allemão,
- 1 de philosophia racional e moral,
- 1 de rhetorica e poetica, que comprehenderá tambem o ensino da lingua e litteratura nacional,
- 2 de historia e geographia, ensinando o professor de huma a parte antiga e media das referidas materias, e o da outra a parte moderna, com especialidade a historia e geographia nacional,
- 1 de mathematicas elementares, comprehendendo arithmetica, algebra até equações do 2º gráo, geometria e trigonometria rectilinea,
- 2 de sciencias naturaes, sendo huma de historia natural com as primeiras noções de zoologia, botanica, mineralogia e geologia, e outra de elementos de physica e chimica, comprehendendo somente os principios geraes e os mais applicaveis aos usos da vida.

Art. 80. Além das materias das cadeiras mencionadas no Artigo antecedente, que formão o curso para o bacharelado em letras, se ensinarão no Collegio huma das linguas vivas do meio dia da Europa, e as artes de desenho, **musica** e dansa (Grifo do autor).

Avançando no tempo, outro período da educação musical escolar de relevância ocorreu a partir da criação da Superintendência de Educação Musical e Artística, a SEMA, que incidiu entre o período de 1932 a 1941. Este projeto, liderado por Villa-Lobos,

apresentava como proposta inicial a educação das “massas” a partir da música. As escolas primárias e normais inspiradas, na época, pelo modelo alemão, organizavam suas atividades por meio de um orfeão artístico. Inicialmente, a conotação era cívica, disciplinadora e com intenção de construção de identidade do “povo brasileiro”. Tinha o intuito de divulgar a música brasileira, assim como o folclore, trabalhando o repertório musical nacionalista, de exaltação à pátria e promovendo certa iniciação musical elitista. De pronto, o projeto previa um orfeão para cada escola. Além das bibliotecas, também existiam as discotecas especializadas em grandes espetáculos.

Em 18 de abril de 1932 o Canto Orfeônico tornou-se obrigatório nas escolas públicas do Rio de Janeiro. Em seguida, como estratégia de promoção do Estado Novo, em 1937, neste mesmo período, surgem os cursos de Pedagogia em Música e Canto Orfeônico. Grandes concentrações, como desfiles escolares, exaltavam o sentido de coletividade e a comemoração das datas cívicas foram ferramenta e instrumentalização de prática de canto coletivo e de promoção de um novo canto da nação. Três grandes músicos destacaram-se neste período como educadores modernistas: Heitor Villa-Lobos, Liddy Cliafarelly e Antonio Sá Pereira, com diferentes metodologias, mas contendo um ponto comum que era a construção do nacionalismo. Esse contexto do processo de escolarização da música coral perdurou até 1960. A partir daí, as práticas criativas em educação musical têm sido alvo de interesse e estudo desde a década de 1960, por educadores em todo o mundo, inclusive no Brasil, com as propostas de Hans-Joachim Koellreutter e Conrado Silva, entre muitos outros. Fonterrada (2015) apresenta um levantamento inédito de como o assunto tem sido tratado no contexto brasileiro, tanto no que se refere à produção acadêmica, quanto no que diz respeito à atuação de professores brasileiros de música – de diferentes formações e que atuam em múltiplos espaços, contribuindo para o desenvolvimento da área da educação musical. A autora desdobrou e aprofundou a temática, visando despertar o interesse entre os educadores musicais de todos os níveis de ensino, constituindo a vinculação de diversas músicas com animadas brincadeiras infantis no Brasil e subscrevendo a preocupação com as práticas criativas em educação musical e toda a pesquisa desenvolvida pelo GEPEM – Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Musical. Destaca-se como ações do GEPEM a visita de três semanas da pesquisadora e docente Chefa Alonso, musicista espanhola e especialista em técnicas de improvisação livre. As atividades desenvolvidas por ela no Seminário de Improvisação Livre com alunos de Graduação e Pós-Graduação em Música da Universidade Estadual Paulista – UNESP – mostrou a necessidade do intercâmbio entre os dois países, acerca da importância do desenvolvimento de propostas de práticas criativas, tanto para

instrumentistas, cantores, compositores e regentes, quanto para educadores musicais. Na abertura do seminário ela abordou, sobretudo, suas convicções a respeito do reforço à percepção e da importância de se aprofundar os estudos de diferentes contextos, seja nas escolas, nos projetos sociais, em cursos profissionalizantes e de ensino superior de música. A escritora ainda apresentou dados estatísticos obtidos pela utilização de questionários sobre o uso da improvisação livre, que incentivam a escuta, tomadas de decisões e desenvolvimento da autonomia. A elaboração do projeto “Práticas criativas em educação musical” teve como propósito, identificar a presença dessas técnicas no Brasil. Por fim, as práticas criativas, neste momento, fornecem a professores e alunos a necessária motivação para trabalhar a música de maneira espontânea e inovadora.

Ao se inserir experiências de sucesso com novos significados, após a constatação da importância destacada do ensino da música ao longo deste trabalho, é possível inspirar as escolas e educadores musicais na identificação e atualização de seus processos culturais institucionais e, quem sabe, poder gerir, de forma profissional, seus grupos artísticos, aproveitando os capitais e recursos do entorno da escola, da família e da comunidade. A partir deste ponto, o estudo começou a ser posto em execução, com metodologia que descrevo a seguir.

Foi a partir dos questionamentos pessoais, dos dados coletados no questionário, na aproximação inicial com o tema do canto coral escolar, que comecei a pensar na viabilidade de produzir um show, trazendo os ex-integrantes de “volta para casa”, ou seja, ao palco do Salão de Atos da Universidade La Salle. Tendo em vista a carga emotiva e memorial do grupo, parti da seguinte questão: (1) Quais memórias são construídas e/ou reconstruídas por ex-integrantes dos Pequenos Cantores do La Salle de Canoas, desde a criação do grupo – 1968 – até a sua extinção em 2012? Dessa forma, tive como objetivos: (a) compreender o sentido da participação no GAE para seus ex-integrantes, a partir de suas narrativas; e (b) analisar os significados que as atividades como pequeno cantor trouxeram para os ex-integrantes do GAE e a importância daquelas no ambiente escolar.

Considerando as características de um Mestrado Profissional, inicialmente previ um espetáculo e um documentário, como produto final, mas no decorrer da investigação, esta tomou proporção tal que produzi dois espetáculos artísticos de canto e dança, intitulados “Memórias de uma trajetória” e “Memórias de uma trajetória: de volta para casa”; e um vídeo documentário denominado, “Memórias de Uma Trajetória.doc: a importância do canto escolar no Brasil”, com duração de aproximadamente 110 minutos, retratando, não só a história do canto coral escolar, mas também as memórias do período da infância e adolescência dos ex-

Pequenos Cantores do La Salle. Para o financiamento deste filme, foi organizada uma mobilização, que reuniu centenas de pessoas por meio do voluntariado³⁴. Adiante, serão discutidos os fundamentos de um documentário e o percurso metodológico para sua produção.

Parti do pressuposto que, de acordo com a minha experiência pessoal na participação nos Pequenos Cantores, outras pessoas - crianças e adolescentes provenientes de diferentes comunidades da cidade de Canoas/matriculadas no Colégio La Salle, também poderiam ter sido auxiliadas, a garantirem melhor desempenho escolar. Para responder à questão inicial desta pesquisa, já citada anteriormente, optei por uma abordagem qualitativa, abrangendo tanto a pesquisa documental, quanto a de campo.

Para Minayo (2001), o objetivo da pesquisa, na abordagem qualitativa, é reconhecer o dinamismo da vida individual e coletiva como toda a riqueza de significados que dela transborde. A ênfase na pesquisa qualitativa se dá por possibilitar o alcance de respostas às questões particulares da realidade que não se pode quantificar. Seus universos de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos, não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis – mesmo que se precise de informações quantificadas, estas, se apresentam para organizar e expressar o fenômeno, a sua importância. Cabe ressaltar que está aí a relevância dessa abordagem enquanto elemento de contribuição à reinvenção social. Não se prende a uma simples cópia ou descrição de uma realidade estática. A realidade que se pretende traduzir e (re)significar, decifrar e reinventar, carrega o ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação da realidade pelos que a vivem (BRANDÃO, 1999). Contudo, pela minha proximidade e envolvimento com os Pequenos Cantores, julguei importante refletir sobre o fato de que:

[...] se o pesquisador quer tornar-se apenas um membro a mais do grupo, ele acaba por se anular e se negar a si mesmo, [...] se o objetivo do pesquisador é contribuir para uma problematização e uma clarificação da prática vivida pelo grupo, ele deve preservar uma distância crítica em relação à realidade e à ação cotidiana do grupo. A verdadeira inserção implica, portanto, numa tensão permanente entre risco de identificação excessiva do pesquisador como os protagonistas da situação em que está inserido e a necessidade de manter um recuo que permita uma reflexão crítica sobre a experiência em curso. É preciso, justamente, alcançar uma síntese entre o militante de base e o cientista social, entre o observador e o participante, sem sacrificar nenhum dos dois polos desta relação (BRANDÃO, 1999, p. 28).

Como a intenção foi a de fazer um trabalho de memória, optei pela metodologia da

³⁴Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998 - Considera-se serviço voluntário, para os fins desta Lei, a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada de fins não lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoa.

História Oral. Ela permite ao pesquisador obter relatos por meio de entrevistas, neste caso, (re)construindo histórias de vida. Este recurso da narrativa diz respeito à memória. Ela vai além da ocorrência do fato. A história oral compreende a “vivacidade dos sons, a opulência dos detalhes, a quase totalidade dos ângulos que apresenta todo fato social” (QUEIROZ, 1988, p. 14). Ela não é apenas, um conhecimento da história vivida, mas sim, o registro de depoimentos sobre a história vivida.

A partir dos diálogos e entrevistas, os apontamentos de memória das experiências cotidianas no coral, um exercício de escuta, observação e registro, foi-se constituindo um conjunto de interpretações acerca dos limites, dos desafios, das possibilidades que propulsionaram cada um dos sujeitos de pesquisa. A via da oralidade tem maior relevância neste estudo, pois reconheço que as narrativas produzidas, a partir das trajetórias, das inflexões sobre o vivido, da própria história e das próprias experiências, fomentam a reconstituição da memória. Tal via remete aos sentidos de o porquê de se conversar e a produção dos sentidos da conversa, pois é ato narrativo de sentimento, de representação, de sonho, de saudade, de (des)idealização do passado, confrontado no presente. Ao reunir um grupo de Pequenos Cantores, remeti a Candau (2014) quando apontou para o fato de que a proximidade intensifica a semelhança, o que reforçou, neste caso, a construção e partilha de memórias fortes.

As entrevistas foram do tipo histórias de vida, seguindo as diretrizes de Alberti (2004). Dez ex-integrantes foram escolhidos como participantes, a partir dos dados coletados pelo questionário exploratório, e por meio das conexões temporais das histórias de vida com os fatos analisados nos documentos e sua confiabilidade. Tive o cuidado em selecionar integrantes de diferentes décadas, em número de dois representantes, e que tivessem participado por três anos consecutivos do GAE em estudo. Igualmente, foi oportunizada a narrativa das histórias de vida de cada período. Também foi respeitada, dentro do possível, a representação de gênero de forma equitativa entre homens e mulheres.

Em outubro de 2017 foi realizada uma segunda chamada, na qual mais de 50% dos integrantes – da fase exploratória realizada em 2016 – compareceram na primeira reunião, fechando um grupo de 34 pessoas, dentre elas, homens e mulheres que participaram do GAE entre os anos de 1974 e 2012. Importante ressaltar que, além da presença de pessoas que haviam participado da fase exploratória deste estudo, também houve a presença de pessoas que não haviam respondido tal questionário. Tais pessoas, voluntariamente se engajaram na pesquisa, por meio da assinatura do Termo de Liberação de Imagem e Participação

Voluntária³⁵. Desta forma, formou-se uma equipe, e, a partir de então iniciei o registro de atividades do grupo, por meio de uma câmera de vídeo com a presença de um cinegrafista técnico e um especialista em cinema. Ambos trabalharam no processo de captação de imagens, edição, montagem, animação e roteiro, com minhas orientações.

Para as entrevistas, elaborei um roteiro norteador que apresento a seguir.

- a) Nome e idade.
- b) Tempo de permanência no Grupo.
- c) Ser um Pequeno Cantor.
- d) Principais pontos relevantes ou fatos da trajetória como pequeno cantor e do grupo em si.
- e) Posse de algum material da época em que participava do Grupo – foi solicitado aos participantes que trouxessem objetos ou documentos de seus acervos particulares (Baú de memória).
- f) Reflexões sobre a Arte no ambiente escolar.
- g) Opinião/sentimento sobre o grupo ter encerrado suas atividades.
- h) Possibilidade de retomada das atividades, agora na fase adulta, a partir da iniciativa deste projeto de pesquisa.

Houve, de minha parte, cuidados em relação à inserção do pesquisador no grupo pesquisado, que são essenciais na construção do processo da pesquisa. Mesmo sendo eu, um membro que participou na construção da história do GAE em estudo, existiu a preocupação quanto ao reconhecimento dos processos de pesquisa, redefinindo na atualidade, a locação do pesquisador como integrante que observa os processos em estudo, permitindo uma dinâmica reconstrutiva das memórias de forma o mais isenta possível, para uma análise mais acurada dos dados. Nesse sentido, Zimmer ressalta que:

Para tanto, é preciso estabelecer certa equilibração entre o distanciamento por parte do pesquisante em relação à realidade e à ação do grupo, e inserção de quem está mergulhado e por quem não, quase nublado, tamanha a abundância da experiência. Inserção e distanciamento implicam tensões: tensões permanentes entre risco de identificação excessiva junto à realidade e a necessidade de manter recuo, com vistas a uma reflexão mais pontual e crítica acerca do vivido (2011, p. 23).

A experiência me proporcionou intensas emoções e, diversas vezes, passei pelas tensões sobre as quais trata Zimmer.

³⁵Vide Apêndice B.

1.5 Foram “Momentos que eu não esqueci ... E as emoções se repetindo...”³⁶.

A seguir, o Quadro 1, mostra a organização temporal para a escolha dos narradores.

Quadro 1 – Descrição da organização temporal para a escolha dos narradores

DÉCADAS	ANOS
1ª Década	1968-1978
2ª Década	1978-1988
3ª Década	1988-1998
4ª Década	1998-2008
5ª Década	2008-2018

Fonte: Autoria própria (2018).

Partindo desta definição, foram escolhidos os dez ex-integrantes que participaram da pesquisa, elencados no Quadro 2.

Quadro 2 – Ex-integrantes do grupo Pequenos Cantores do La Salle selecionados para a entrevista

Década	Nome	Período	Observação
1ª. Década 1968-1978	 Roberto Afonso Alles, 57 anos	1971-1973	Permaneceu no grupo de 1971-1973, tivemos poucos homens que participaram das entrevistas que preenchem o critério em relação a esta década.
	 Vera Rejane Rutkoski, 56 anos	1974-1978	Atendeu o critério de ter participado do grupo pelo período superior há 3 anos, ficou quatro anos no grupo, preenchendo requisitos da primeira década
2ª. Década 1978-1988	 Fernanda Galvani, 45 anos	1980- 1989	Permaneceu no grupo pelo período de 9 anos, preenchendo o tempo de 7 anos da segunda década.
	 Ricardo Leonel, 45 anos	1982-1987	Permaneceu no Grupo por 5 anos, preenchendo os quesitos estabelecidos no início da pesquisa.
3ª. Década 1988-1998	 Rodrigo Ribeiro, 42 anos	1987-1994	Permaneceu por 8 anos, sendo sete da terceira década.

³⁶ CARLOS, E.; CARLOS, R., 1981.

	 Ana Paula Schuster, 39 anos	1990-1997	Participou por 7 anos consecutivamente desta década.
4ª. Década³⁷ 1998-2008	 Gabriela Silva, 35 anos	1994-2004	Compôs o Grupo Musical por 4 anos consecutivos na década em estudo, preenchendo os quesitos estabelecidos na pesquisa.
	 Aline Preuus, 33 anos	1993-2003	Participou consecutivamente por 6 anos desta fase.
5ª. Década³⁸ 2008-2018	 Cristina Kunzer, 33 anos	2005-2011	Permaneceu no Grupo por 4 anos.
	 Fernanda Eifler, 33 anos	1999-2012	Participou do Grupo por 4 anos.

Fonte: Autoria própria (2018).

A seguir, foram organizadas várias atividades como: oficinas culturais, planos de negócios, mobilização de voluntários, espetáculos para arrecadação de fundos, para a produção do que foi proposto em termos de shows e documentários. Conforme ocorriam os ensaios para a participação dos shows do cinquentenário, outros participantes aderiam ao projeto. Estávamos começando a “voltar para casa”!

Para a análise das memórias inicialmente coletadas, utilizei os referenciais fornecidos por Candau (2014) que auxiliou na ordenação dos dados associados com o tempo, em aproximação aos paradigmas de Bourdieu (1998) que me forneceu bases teóricas para relacionar a participação nos Pequenos Cantores com a aquisição de capital cultural. Segundo Bourdieu (1998), tratam-se do acúmulo social, cultural, econômico e simbólico, que podem ser livros, diplomas, conhecimentos aprendidos em geral, possivelmente, provenientes de forte relação entre desempenho escolar, origem social e investimentos familiares.

Conforme os dados do referido questionário aplicado durante a pesquisa exploratória, o ex-integrante Douglas Dilki dos Santos, nascido no ano de 1979 e que participou do grupo entre os anos de 1986-1989, apresenta a seguinte narrativa:

³⁷ Nesta década as entrevistadas foram duas mulheres, pois os homens que participaram do projeto neste período estão na equipe de filmagens e de produção, portanto muito envolvidos com o produto, o que comprometeria a representatividade das suas respostas.

³⁸ Nesta fase não teve participantes do sexo masculino que participaram desta pesquisa.

Eu entrei no La Salle na 5a Série. Participar do grupo foi importantíssimo para me integrar com outros alunos da escola. Foi fundamental para meu desenvolvimento artístico - após sair integrei os Corais de Canoas, Unisinos, UFRGS e da OSPA, sendo que fiz a escola da OSPA em Canto Lírico. Também aprendi a desenvolver minha autoestima, independência, força de vontade, amizade, fraternidade e aprendizado constante (curiosidade). Saudade do frio na barriga antes da apresentação e do aplauso final.

Apresento maiores detalhamentos das memórias construídas nos capítulos 2 e 3.

Os 10 participantes escolhidos foram entrevistados e forneceram documentos de seus acervos pessoais, constituídos de discografia, certificados, *clipagens*, uniformes e projetos executivos. Dessa forma, consegui alcançar informações documentadas de maneira mais ampla e significativa do grupo.

Mesmo depois da extinção das suas atividades em 2011, dado referenciado pelos entrevistados, por meio desta pesquisa e das ações que foram organizadas para reconstruir as memórias dos Pequenos Cantores, o grupo artístico retomou suas atividades em 2017. Foi realizado um processo de pré-produção, produção e pós-produção, que no ano de 2018, na escrita deste trabalho, a reconstrução da memória dos Pequenos Cantores. Após a abertura dos ensaios para a participação dos shows do Cinquentenário, o qual foi produzido com objetivo da criação do filme, outros participantes aderiram ao projeto de pesquisa.

Pensando na contemporaneidade dos ambientes virtuais e sua importância comunicacional e relacional, em complemento à pesquisa exploratória para a captação de dados iniciais, eu me inscrevi nas redes sociais do GAE em estudo. Passei a seguir um grupo fechado do *Facebook* chamado Pequenos Cantores do La Salle, composto por 268 participantes. Dessa forma foi possível acompanhar as postagens e capturar imagens. No *Youtube*, observava o Canal³⁹ da ex-integrante Camila Sacomori, no qual há parte do acervo de participações em programas de TV de emissoras como a TVE e RBS TV. Também, outros espaços que pesquisei foram *blogs*, como: o “Vento Negro” do ex-integrante Guaraci Grebin Flor, aberto em 2006; e o “Diego Ritzel”, de mesmo nome do autor, egresso do curso de História da Universidade La Salle. Outra fonte de dados foi a descoberta do acervo documental sobre o GAE no Museu Histórico La Salle, o qual foi organizado e catalogado por um bolsista de iniciação científica.

Em se tratando de relevância cultural dos Pequenos Cantores e deste trabalho, o rol de representatividades públicas com as quais o GAE interagiram e/ou se apresentou, inclui o ex-presidente da Argentina Juan Carlos Menen em 1986; entre 1986-1992 o grupo se apresentou com artistas consagrados pela mídia, como a cantora e apresentadora de TV Xuxa Meneguel,

³⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6KyvqhcVHsY>.

o grupo de artistas cômicos “Os Trapalhões” e o artista Fábio Junior. Regionalmente também estão nesta lista cantores como Dante Ramon Le Desma e Neto Fagundes, cuja interação se deu em 28 de junho de 1992. Importante destacar uma participação marcante, quando 10 Pequenos Cantores, em coral organizado pela Cúria Metropolitana de Porto Alegre, cantaram para o Papa João Paulo II, no evento Encontro de Gerações das Américas, em 25 de janeiro do ano de 1999, registrado pelo jornal Diário de Canoas:

Dez integrantes do show musical La Salle vão integrar um grande coro de países latino-americanos que cantará para o papa João Paulo II, em 25 de janeiro, no Encontro das Gerações das Américas que será realizado no estádio Azteca cidade do México (JAN, 1999)⁴⁰.

Cito ainda, a participação do grupo em especiais de TV no exterior, como na Televisa do México⁴¹, em janeiro de 1994; e na RBS TV, no Brasil. Compromissos corriqueiros na vida das crianças e jovens, o que acabava por melhorar suas formas de se comunicarem (dados apurados no questionário citado).

Há que se levar em conta, a relevância em ter participado do grupo, uma vez que ex-integrantes destacaram o desenvolvimento de espírito de liderança e protagonismo juvenil. Conforme os dados do referido questionário aplicado durante a pesquisa exploratória, a ex-integrante Fernanda Busato, nascida no ano de 1988 e que participou do grupo entre os anos de 1994-2000, apresenta a seguinte narrativa:

Os Pequenos Cantores significam uma juventude feliz, de memórias bonitas, lembranças positivas e emocionantes. Me deu disciplina, satisfação, fez eu ter um foco positivo na adolescência, longe das drogas e outras coisas negativas que muitas vezes surgem nessa faixa etária. Aprendi a conviver em grupo, dividir... Enfim, hoje tendo dois filhos sinto falta de algo assim para colocar os dois, gostaria muito que existisse algum projeto ao menos parecido para colocar os dois.

Foi a partir dele que sonhos foram realizados e alcançados. Foram diversos os que começaram e promoveram carreiras artísticas e de outras naturezas (médicos, psicólogos, empresários, etc.), fundamentados nas competências e habilidades desenvolvidas durante sua passagem pelo GAE.

Os vestígios dos Pequenos Cantores são muitos, como já citados. Ainda se tem discos gravados que passam de pais para filhos em diferentes gerações, acervos pessoais que somam um vasto conjunto constituído por páginas de jornais, vídeos nas redes sociais e narrativas em

⁴⁰ Vide Anexo A.

⁴¹ Conglomerado de mídia mexicano, fundada em janeiro de 1973, a partir da fusão do Telesistema Mexicano com a Televisión Independiente del México.

diversos espaços e tempos. São canções e cantos que hoje permanecem disponíveis nos fonogramas gravados no México, no Brasil nas emissoras de TV, e são encantos que estão na poesia da vida. Na sequência, apresento a análise das memórias construídas pelos 10 pequenos cantores escolhidos para a pesquisa.

2 “UMA SAUDADE IMENSA/VAGANDO EM VERSO EU VIM” – MEMÓRIAS LONGAS⁴²

“[...] a gente guarda muita tranqueira em casa, mas essa tranqueira [uniforme do GAE] não me livro” (Fernanda Galvani).

Candau (2014) entende que somente a partir de uma classificação e ordenação do mundo haverá uma *memória coletiva*, uma forma pela qual os membros de um grupo irão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos. O autor menciona que, para a conservação da lembrança, do pensamento, é imprescindível que o mundo esteja previamente ordenado.

Neste sentido, tanto recordar quanto esquecer, depende de uma classificação histórica, cultural e social. Este pensamento classificatório, quando aplicado à categoria de tempo, demonstra-se importante para as relações entre memória e identidade, visto que as representações de identidade são e estão intimamente ligadas ao sentimento de continuidade temporal.

Dois outros conceitos desenvolvidos por Candau (2014) são importantes neste estudo: representação e modulação do tempo e tempo profundo e memória longa. No primeiro, o autor explica a representação da memória demonstrando uma distinção entre o presente e o passado. Ele afirma que: “pensar o tempo supõe classificá-lo, ordená-lo, denominá-lo e datá-lo” (p. 85). No segundo, dois aspectos são ressaltados, o tempo profundo e a memória longa.

Em sua obra, Candau (2014) esclarece que quanto maior a amplitude da memória do tempo passado, mais efeito terá sobre as representações de identidade. Assim, a memória do tempo profundo tem tendência a enfraquecer a consciência identitária, pois ignora a cronologia dos fatos e datas históricas, já a memória longa reforça, agindo de forma contrária. Isto ocorre devido ao fato de que a memória longa é organizada de maneira estável, reforçando a representação que um grupo tem de si mesmo, de sua história e de seu futuro.

Cabe salientar que a importância que se confere à memória é diferente em relação às distintas sociedades. Sendo o tempo representado de forma cíclica, circular, organizada sob um passado estável e previsível nas sociedades orientais, ele dispensa a memória de um esforço permanente para recuperar o passado. Simples fato da característica cíclica do tempo. Já nas sociedades ocidentais, as quais possuem uma representação cronológica do tempo, há um sentimento de fuga ao passado e, portanto, se associa com a memória fraca, em face de um passado desordenado.

⁴² CAYMMI, SOUTO, TAPAJÓS, op. cit.

Candau (2014) alerta que não se pode afirmar que atos memoriais coletivos (comemorações, narrativas, mitos) – incluídos, aqui, o reencontro celebrativo dos ex-Pequenos Cantores do La Salle – atestem a memória compartilhada. O fato de um grupo se dar os mesmos recursos memoriais, não indica que eles compartilham as mesmas representações. O que é compartilhado nas redes sociais, escrito ou pensado não necessariamente comporta a memória coletiva. O autor trata da existência de uma metamemória, ou seja, reivindicada, ostensiva.

Porque é uma memória reivindicada, a metamemória é uma dimensão essencial da construção da identidade individual ou coletiva. Em sua forma coletiva, é a reivindicação compartilhada de uma memória que se supõe ser compartilhada. (CANDAU, 2014, p. 23).

Desta forma, faço uso desse pressuposto para interpretar as memórias construídas pelos participantes deste estudo, buscando evidenciar as múltiplas representações possíveis produzidas pelos integrantes. A partir do reencontro nas redes sociais e presencialmente, os ex-integrantes dos Pequenos Cantores, buscam comemorar a existência deste GAE que marcou a trajetória individual de cada um. Ana Paula Schuster em relato oral narra que:

Eu acho que é um sonho para todo mundo, porque quando tu decide: deu, agora acabou! Tu acha que acabou e quando tu tem esta oportunidade de voltar aos palcos, se reunir com pessoas que não são da tua época, sabe, é um desafio para todo mundo. As pessoas não são da tua época, tu está convivendo com gente que foi lá de 68 até a finaleira. Então, acho que está sendo uma experiência bem legal, bem bonita; e o mais legal de tudo, é que tá todo mundo aqui por amor à música, por amor é o que a gente fazia e é uma coisa assim que não dá para explicar. É muito bom tá de volta, só o que o que tá lá dentro, assim, tipo o que vai ser de nós no dia 11, o que vai acontecer com a gente, podia continuar né?⁴³

A partir desse conjunto de lembranças, se dá a recuperação da coerência e a força de memórias que impulsionam uma série de novos desejos de pertencimento. Uma página do *Facebook*⁴⁴ constitui este espaço de rememoração, e surge como uma das possibilidades de reconstrução identitária, um recurso para olhar para um passado que se entende significativo.

A coleção de LPs, fitas cassete e CDs são vestígios que remetem os ex-integrantes às celebrações e aos diferentes meios de produção de eventos. Quanto aos vestígios, Aline Press informa (relato oral):

De repente vou deixar na casa da mãe, do pai, mas a pessoa que viveu tudo fui eu,

⁴³ SCHUSTER, Ana Paula. Entrevista em maio de 2018 a Rubielson Medeiros e equipe. Projeto Memórias de uma Trajetória, 2018.

⁴⁴Disponível em: <https://www.facebook.com/pequenoscantorescanoas/>.

então guardar por mais que fique guardado numa caixinha lá no guarda-roupa...Às vezes, chega alguém lá em casa pergunta: — Tu tem alguma coisa do coral? Eu mostro CD, [...], mas as pessoas querem tocar em alguma coisa que foi, que foi bem significativa. Então, o colete [do uniforme] é muito marcante, e foto tudo; mas todo mundo que é muito digital hoje. Tu ter isso aqui é relíquia realmente né?⁴⁵

A manipulação dos objetos leva à lembrança da agenda do GAE, que previa anualmente, os shows e ações como, as apresentações tradicionais do dia das mães no Salão de Atos do Centro Educacional La Salle. As datas simbólicas e de aniversário do GAE, estão evidenciadas nesses objetos, rastros que interpelam as lembranças - um *fazer memória*.

Ao longo das cinco décadas analisadas, o GAE foi produzindo características e seus registros físicos e orais, encontros e momentos de rememoração, funcionam como transmissão e expansão da memória coletiva do grupo. Memória, identidade, as questões ligadas ao pensar e ao tempo, a transmissão de saberes se dá a cada momento que acessam uma rede social, que celebram juntos as experiências passadas e que se reforçam como comunidade afetiva. Eis as representações de Vera Rejane Rutkoski (VR) e Roberto Afonso Alles (RA) (relato oral):

VR - Eu não era só a Vera Rejane sem ser o grupo Pequenos Cantores. Então tinham as minhas amigas, aquelas mais chegadas eu não conseguia ser a Vera Rejane, um show dos Pequenos Cantores no encontro dos Pequenos Cantores sem ser um pouco a Ana, sem ser um pouco a Silvia, ser um pouco ao lado. Então nós éramos um grande grupo a gente se preocupava assim com o grande grupo. Não sou eu que tenho que aparecer, não sou eu que tenho que fazer o grande show, nós é que temos que fazer e a gente se ajudava, a união da gente era muito bacana, a ponto de sentarmos assim, nós individualmente né, separado do Coordenador e do maestro que fosse, a gente dizia não, a gente vai fazer, a gente vai conseguir, e cada um vai dar o seu melhor, e nós o nosso grupo vai ser o grande grupo, o melhor grupo! Então isso é uma coisa que me marcou bastante: a união, a gente aprendeu a dividir e dividindo a gente soma.

RA – [...] foi uma época que esteve presente né, e a gente soube lidar com isso, mas deixou marcas né, deixou saudade, deixou lembranças; tem gente que eu convivo até hoje, que cantava naquela época né, e voltamos, depois de anos, a nos reencontrar através de outros trabalhos comunitários também né. Aqui na paróquia São Luiz Gonzaga, onde a gente se olharmos, bater o olho bah, daí tu lembra, tu conhece, tu vai trazendo estas histórias; também não é passado, é memória porque o passado foi, mas a memória é o que a gente vai construindo, a nossa vida justamente memória, memória, memória quando é passado [esquecido] é porque acabou.

Mesmo tendo encerrado suas atividades em 2012, ex-integrantes continuam a fazer uma mobilização da memória, que é a transmissão segundo Candau (2014), a cada encontro mobilizam lembranças e as comemoram. Segundo o autor:

“[...] essa “máquina de remontar no tempo” que é a comemoração é sempre seletiva e

⁴⁵ PREUS, Aline. Entrevista em maio de 2018, a Rubiélson Medeiros e equipe. Projeto Memórias de uma trajetória, 2018.

ostenta um maniqueísmo purificador, de acordo com a expressão de Antoine Prost, que tem o dom de limpar o passado e de retirar dele toda a alteridade inquietante” (CANDAU, 2014, p. 148).

Dessa maneira, reviver os Pequenos Cantores do La Salle, montando um espetáculo de canto e dança e revivendo momentos do Grupo, a fim de comemorar o Cinquentenário, foi uma forma de “remontar o tempo”. Desta forma, continua-se a contribuir para a estruturação de identidade, de organizar sentidos e para a não diluição do quadro social de memória (CANDAU, 2014).

Quando Ricardo Henrique Leonel⁴⁶ (depoimento oral), ex-integrante dos Pequenos Cantores, aponta para o fato de lhe parecer que a forma de cantar, da coreografia está impressa no corpo de cada um, isso remete ao que Candau (2014) explica como protomemória, isto é, incorporada nos gestos e práticas, por exemplo, expressando-se quase que automaticamente — o passado agindo no corpo. Esta não é uma memória compartilhada, segundo este autor, ela é individual, assim como a memória de evocação, que possui extensões, como as sensações, os sentimentos, os objetos (neste caso, a discografia, os uniformes, entre outros).

Ao montar os espetáculos, pude observar, na prática, o que Candau (2014) chama de memória forte, a capacidade de estruturação de grupos humanos e de compartilhamento identitário. Isso pode ser inferido nas narrativas do ex-integrantes, como a de Fernanda Galvani (FG) e a de Fernanda Schuster (FS), respectivamente:

FG [...] e sempre tive o sentimento de que o coral era a minha segunda família e às vezes em algum momento ela era minha principal família por que a gente passava mais tempo dentro do coral ensaiando viajando juntos vivendo juntos né que às vezes até com meu pai ou com a minha mãe em casa às vezes até mais com meu pai porque às vezes a minha mãe participou muito tempo também a mãe trabalhava nas coxias junto com a tia Irene também vão ouvir a história da tia Bete da tia Irene né Elas nos ajudavam a trocar de roupa aquelas trocas mirabolantes nos ajudavam na preparação para o show das Fantasia nas roupas e tudo mais então com a mãe e vive a bastante tempo mas era minha família era muito bom.

FS E fora a gente porque a gente era uma família eu acho que se eu for ver em horas da minha infância para mim adolescência eu passei muito mais com coral do que com os meus parentes Então as gu0
rias eu carrego até hoje.

Trata-se do que Candau (2014) chama de “pedras numerárias” (origem e acontecimento). São ancoragens (Pequenos Cantores como família e viagens) a naturalizar o

⁴⁶ LEONEL, Ricardo Henrique. Entrevista em maio de 2018 a Rubielson Medeiros e equipe. Projeto Memórias de uma Trajetória, 2018.

grupo de forma positiva a ratificar o pertencimento, partindo de escolhas de fundamentos históricos, compondo uma identidade narrativa, assegurando a identidade do grupo. As pedras numerárias são importantes, pois delimitam espaço para a circulação das lembranças. No caso dos Pequenos Cantores, buscando Candau (2014), consegui vê-los e ver eu mesmo dentro do conjunto de memórias.

Retomo as ideias de Candau quanto à protomemória, aquela corporificada, a partir do vivenciado, a que se refere ao âmbito individual, constituindo “[...] os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade” (CANDAU, 2014, p. 22).

Percebendo uma série de extensores que auxiliaram na construção das memórias dos ex-integrantes participantes, foi possível desenhar uma linha do tempo, a partir dos uniformes do grupo até os tempos de hoje (Figura 1). O colete vermelho foi eleito, ao longo das entrevistas e narrativas dos participantes, como símbolo ícone do grupo. Abaixo desenho produzido pelo artista Rodolfo Cardematori, esposo da ex-pequena cantora Juciane Junqueira.

Figura 1 – Mudanças nos uniformes através do tempo



Autoria: Rodolfo Cardematori, 2018.

Os ex-integrantes e todos os voluntários envolvidos com a presente pesquisa, vasculharam, juntamente com o pesquisador, seus museus pessoais. Dessa forma, foi descoberto um acervo de tempo importantes para a construção de suas memórias individuais. Da mesma forma, foi possível identificar construções coletivas de personagens que nunca

existiram. O buscar lembranças possibilitou intensificar e referendar a importância do investimento familiar na formação escolar e humana para cada integrante do coral.

3 RODEI DE RODA ANDEI/DANÇA DA MODA EU SEI...⁴⁷: A CAPACITAÇÃO PARA A VIDA

Ao refletir sobre as memórias construídas pelos ex-Pequenos Cantores, foi a ponte para buscar a perspectiva de posse de capital cultural. A construção curricular e a capacitação, tanto para a vida pessoal, quanto para vida profissional, que ocorria de forma despercebida para os participantes do coral, passa a ser explicitada na aprendizagem, na organização da certificação, no planejamento de aquisição dos conhecimentos e habilidades de cada um. Tal capital é individual e específico. Pois, cada integrante, dependendo do período de participação, viveu um conjunto de experiências. Neste estudo, foi possível identificar o investimento escolar realizado pelas famílias dos integrantes, tanto nos aspectos financeiros diretamente envolvidos, quanto de investimentos de horas de participação da família dentro da escola.

Em tal ambiente integrativo e de aprendizagem amplificada foi possível verificar que o grande volume de certificados, as horas de viagens e intercâmbios, e outras experimentações, constituíram a capacitação curricular e a formação de cada integrante participante deste grupo. Constitui-se, dessa maneira, uma escola que reproduz para um determinado sistema.

Sobre capital cultural tem-se: o Estado incorporado: [...] ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação [...] pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 74). Esse processo que se dá vinculado ao indivíduo, no processo de ensino e de aprendizagem. Passa a ser parte integrante da pessoa. Já o Estado objetivado,

[...] objetivado em suportes materiais, tais como escritos, pinturas, monumentos etc., é transmissível em sua materialidade. Uma coleção de quadros, por exemplo, transmite-se tão bem (senão melhor, porque num grau de eufemização superior) quanto o capital econômico. Mas o que é transmissível é a propriedade jurídica e não (ou não necessariamente) o que constitui a condição da apropriação específica, isto é, a posse dos instrumentos que permitem desfrutar de um quadro ou utilizar uma máquina e que, limitando-se a ser capital incorporado, são submetidos às mesmas leis de transmissão (BOURDIEU, 1998, p. 75).

Pode ser apropriado tanto na forma de capital econômico (materialmente) ou quanto simbolicamente (capacidades culturais, por exemplo).

Assim como o Estado institucionalizado, um produto da objetivação do capital cultural, incorporado na forma de diplomas, títulos escolares ou acadêmicos, reconhecidos legalmente por uma instituição.

Nesse sentido, busquei perceber como os Pequenos Cantores, eu incluso, passamos por

⁴⁷CAYMMI, SOUTO, TAPAJÓS, op. cit.

inculcação de instrumentos de conhecimento e a mecanismos de redefinição de papéis e legitimação social. Não estou ignorando, aqui, as questões de apassivamento, de extirpação do confronto. Sempre há um interstício, uma brecha por onde escorre ou se instalam outros arranjos.

3.1 Aprender a cantar

Aprender a cantar se coloca como algo incorporado e intransferível. A importância da música, que atinge todos os domínios da vida interior de uma pessoa, era trabalhada nos Pequenos Cantores. A regência do GAE e as aulas de canto eram ministradas por um regente. Neste espaço de educação musical, logo que ingressavam no grupo, tanto os meninos quanto as meninas, iniciavam cantando no naipe de vozes de primeiros sopranos. Essa era a primeira etapa.

Posteriormente, com a chegada da adolescência dos integrantes, havia novos testes para requalificação e redistribuição. Existiam as segundas sopranos, compostas exclusivamente por meninas mais velhas e que alcançavam as notas mais agudas. As meninas de vozes mais graves, junto com os meninos que ainda não tinham trocado totalmente de voz, formavam os contraltos. Já os meninos mais velhos, logo que trocavam de voz, eram divididos entre os tenores e barítonos. Observou-se que, nas primeiras décadas, havia meso sopranos e, na mudança de regentes, esta modalidade foi extinta.

Os estudos ocorriam de forma despercebida. Ele acontecia através das letras de músicas sobre diversidade de etnias, as influências europeias, americanas, cantos regionais, nacionalistas, religiosos, hinos tradicionais e institucionais, canto coral estilo orfeônico, MPB, dentre outros ritmos com diversificados estilos. Dessa maneira, a educação musical se dava ludicamente. Não havia estudos de notas musicais, ou formalização das avaliações.

Neste contexto, o grupo gravou aproximadamente 15 obras musicais com repertórios culturais do rock ao samba, assim como releituras de *Beatles* e Jovem Guarda. Com isto, o Coral acabava gravando fonogramas e discografias que celebravam alguns aniversários do grupo.

Desta forma, as obras musicais dos Pequenos Cantores podem ser consideradas um capital objetivado, ou seja, é transmissível em sua materialidade. No entanto, a instituição “Pequenos Cantores do La Salle de Canoas” não pode ser transmitida por título de propriedade. É um símbolo institucional com valor cultural e artístico para a Rede La Salle. Ainda que um campo de produção cultural tenha conquistado autonomia quase total, em

relação às forças e às demandas externas, como no caso, das ciências mais puras, continua passível de uma análise sociológica (BOURDIEU, 1998).

Uma vez que a aquisição de capital cultural é um trabalho individual sobre si mesmo, ele leva tempo e exige uma incorporação. Tal aspecto é refletido nas participações das crianças e dos adolescentes do grupo. Como dito anteriormente, foi possibilitado uma série de aprendizagens para os ex-integrantes por meio das experiências com estrangeiros, dos intercâmbios, das aulas de canto e de danças, formando assim o currículo e o repertório de vida de cada participante.

Desta forma, compreendo que tal capital é adquirido de maneira inconsciente e dissimulado, assim como morre com seu portador, com sua capacidade e com sua memória, passando despercebida, invisível. É um capital simbólico. No contexto escolar e demais ambiente de formação social, as teorias de Bourdieu podem contribuir como ferramentas ampliadoras das educações na atualidade.

3.2 Gravar discos – discografia: uma coleção de discos

A experiência nas visitas aos estúdios de música de Porto Alegre, as horas dedicadas a cada faixa musical, bem como o exercício do treinamento da voz, foram aspectos relevantes em toda rotina de aprendizado de um Pequeno Cantor. O grupo amadurecia à medida que seu capital era incorporado.

A coleção de discos do GAE era organizada em gravações de seus fonogramas em datas comemorativas (Figura 2). O resultado da excelência dos Pequenos Cantores se tornou produto cultural, pois até hoje, está no mercado. Entretanto, destaca-se o importante legado que restou. E, assim, o Pequeno Cantor pode mostrar aos seus herdeiros que participou da gravação de algum destes discos, além de transmitir para seu grupo familiar, e até comercializá-los, tornando algo material.

A apropriação material é uma forma de apropriação simbólica. Voltar a ser um “Pequeno Cantor do La Salle” é impossível. No entanto, há discos e produtos com valor econômico flutuando no mercado digital e na Cidade de Canoas, provocando uma valoração do grupo. Outros projetos econômicos como o CD intitulado “Novo Sul”, que foi aprovado na Lei de Incentivo à Cultura, movimentou valores de aproximadamente 700 mil reais por temporada. O LP “Pequenos Cantores do La Salle” - Centro Educacional La Salle 1984, ainda pode ser ouvido e adquirido. Sua descrição no comércio da música está como coleção, recordação e decoração. O valor de mercado é de R\$ 50,00 e, até o presente momento, tem

envio para todo o país, via produto do Mercado Livre⁴⁸. Neste exemplar, os “Pequenos Cantores do La Salle” obtiveram o patrocínio do Banco Bamerindus⁴⁹.

Figura 2



Autoria: Ricardo Silva (fotografia) e Gilson Filho (design), 2018.

O grupo no campo científico, artístico, bem como, no domínio do capital objetivado, é de posse da Rede La Salle. Entretanto, ser um “Pequeno Cantor”, do ponto de vista imaterial e material, pertence aos integrantes, à cidade, às associações⁵⁰ que o mantiveram por um período. É possível que a sua trajetória tenha sido interrompida em função da falta de registro da marca, da propriedade intelectual e pela ausência de um projeto pedagógico. Em relação ao estado de capital cultural institucionalizado e intransferível, estão os certificados e diplomas adquiridos no período de cinco décadas. Concentrados na área das artes, tais certificações

⁴⁸ Site visitado em 05 de agosto de 2017.

⁴⁹ Banco Mercantil e Industrial do Paraná S/A. Foi um banco brasileiro com sede na cidade de Curitiba. O grupo empresarial era de propriedade da família Andrade Vieira.

⁵⁰ Vide o estatuto no Anexo B.

comprovam participações em festivais de coros⁵¹ no Rio Grande do Sul e no Brasil; em espetáculos como o primeiro “Natal Luz de Gramado⁵²”; por distinção social e permanência⁵³, assim como colaboração com o coral; e pela comemoração dos 25 anos da Universidade do México. Uma vez objetivado o capital cultural em forma de diploma, ele também é neutralizado em determinadas propriedades, pois fica incorporado e com limites biológicos do que lhe suporta (BOURDIEU, 1998).

O investimento escolar familiar, além do equivalente aos recursos financeiros destinados em dinheiro, também se relaciona com o tempo dedicado ao estudo. Dessa forma, ele também se constitui por uma parte que é oculta, determinando, ao ente familiar, investimentos educativos como o saber e a transmissão doméstica do capital cultural. A dedicação em tempo e capital cultural é uma definição funcionalista das funções da educação. Assim, o investimento escolar ignora que o sistema de ensino é a reprodução da estrutura social, a qual é ampla e abrange mais que as disciplinas curriculares. Nesse sentido, a participante e ex-“Pequena Cantora” Ana Paula de Melo Schuster, declara o seguinte: *“Lembranças positivas, emoção ao relembrar, amigos pra toda vida, gratidão por estes quase 7 anos terem feito parte da minha história e formação pessoal, foi muito bem ter passado a pré-adolescência e adolescência dentro do coral”*.

Cabe o registro de que a ex-integrante que participou da entrevista exploratória e da história oral, tem 38 anos de idade, visitou países como Uruguai, Paraguai, México, Estados Unidos e Europa com o Coral. Ela, em uma das viagens adquiriu títulos e certificados de reconhecimento, como o certificado de participação na visita à Universidade do México⁵⁴.

3.3 O investimento familiar e o coral

O GAE tinha uma apresentação artística de caráter escolar, com duração de uma hora, com repertórios religiosos, hinos, músicas populares e de canto orfeônico. O figurino era inicialmente composto por um uniforme padrão e tradicional de corais infanto-juvenis, com trocas de figurinos para os solistas. Com as mudanças na configuração do grupo, também houve mudanças na roupagem.

Neste ínterim, outras questões surgem a partir da ascensão do grupo. O cuidado com seu próprio dinheiro, a relação com gestão financeira, a independência, a individualidade, o

⁵¹ Vide Anexo C.

⁵² Vide Anexo D.

⁵³ Vide Anexo E.

⁵⁴ Vide Anexo F.

preparo para relações interpessoais, são aspectos que foram desenvolvidos e proporcionados aos integrantes do coral, o que alcançava, tanto a individualidade quanto a coletividade. As viagens, com duração de mais de um dia e uma pernoite, exigia dos integrantes certa condição financeira e auto-organização. O Quadro 3, a seguir, apresenta a relação entre investimento necessário e investidor para que ocorresse o financiamento dos intercâmbios para o México e Estados Unidos no ano de 1994. As informações são decorrentes das narrativas dos ex-integrantes e documentos do acervo pessoal deles.

Quadro 3 – Relação entre o investimento e o investidor para viabilização dos intercâmbios⁵⁵

MÉXICO E ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA – Janeiro de 1994	
Investimento necessário	Investidor
Passagens aéreas	Poder Público Recursos da Associação de Pais dos Pequenos Cantores do La Salle
Hospedagem México	Famílias Lassalistas mexicanas
Hospedagem EUA	Pago pelas famílias dos integrantes
Alimentação México	Famílias do México inseridas no intercâmbio
Taxas de vistos, seguro saúde e outros	Pago pelas famílias dos integrantes
Espaço físico para ensaios	Centro Educacional La Salle
Infraestrutura dos eventos beneficentes	Centro Educacional La Salle

Fonte: Autoria própria (2018).

A participação no GAE exigia um grande investimento pessoal e familiar, tanto de tempo quanto de finanças. As famílias, por muitas madrugadas, necessitavam utilizar seus carros para realizar o trajeto até a Escola, tanto para levar quanto buscar os ex-integrantes. Em 1992 ocorreram mudanças na participação dos pais com a escola e o coral. Cria-se, então, a fundação da “Associação Mantenedora dos Pequenos Cantores do La Salle Canoas”, o que exigiu, de alguns pais, mais participação semanal em reuniões e planejamento de captação de recursos para manter a atividade cultural dos filhos. Tais mudanças se associaram a outras. No final da década de 1990, o projeto cultural começou a trabalhar de forma mais autônoma, desvinculando-se das atividades voltadas exclusivamente a criança e adolescente. Neste momento, conforme comentando anteriormente, incluiu adultos já formados no ensino médio.

⁵⁵ Fonte: Criado pelo autor do projeto de pesquisa. Estas informações estão na documentação entregue pelos ex-integrantes ao pesquisador e faz parte do acervo que será analisado. São cópias de documentos oficiais da época em que o grupo existia, contendo folha timbrada, CNPJ entre outros indícios de veracidade. Pesquisa aplicada pelo autor em Novembro de 2016.

Deste período até o ano de 2006, o grupo funcionou sob uma mesma coordenação, ainda mantendo o mesmo nome. Posteriormente, alguns pais passaram a coordenar o grupo, deixando de ser apenas apoiadores na associação. Tornam-se responsáveis pela rotina do grupo. No início do ano letivo de 2012, a mantenedora da rede La Salle informou o encerramento das atividades, culminando com a finalização de todas as atividades desenvolvidas pelo grupo, os “Pequenos Cantores do La Salle” saem dos diversos contextos que compunham suas atividades, como institucionais, ensaios e as atuações artísticas nos palcos.

Parte do acervo institucional ficou sob custódia do Museu Histórico La Salle, outra parte ficou com profissionais que trabalhavam no grupo, e outra, o maior volume deste acervo encontra-se distribuído entre ex-integrantes e suas famílias. Com este estudo, hoje é possível entender e identificar o investimento familiar dos ex-Pequenos Cantores, os quais, tanto os ex-integrantes, quanto suas famílias, mobilizaram seu acervo físico e de lembranças. As metodologias aplicadas nas oficinas realizadas possibilitaram a concretização dos produtos previstos na presente pesquisa, onde novamente o engajamento da família foi significativo e viabilizador para o desenvolvimento da vivência do grupo, agora em um novo momento do desenvolvimento pessoal de cada integrante.

4 PRODUTOS FINAIS: DOCUMENTÁRIO SOBRE O CANTO CORAL ESCOLAR BRASILEIRO E OS ESPETÁCULOS “MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA” E “MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA: DE VOLTA PARA CASA”

Para compor os produtos finais desse estudo foram envolvidas mais de 200 pessoas, sendo assim possível promover a volta dos agora ex-“Pequenos Cantores do La Salle” a todas as atividades envolvidas na realização de um espetáculo, terminando com o retorno aos palcos e a produção de um filme documentário sobre a infância e a memória dos ex-integrantes. Dentre elas estiveram mais de 100 voluntárias, as quais trabalharam no período de 14 meses (setembro/2017 a dezembro/2018). Também obtive depoimentos de artistas de impacto regional, como Kleiton e Kledir. Atuaram nos espetáculos bailarinos, bailarinas, atores e atrizes da cidade de Canoas. A produção contou com profissionais da cadeia produtiva da área cultural do mercado regional. Outros participantes tiveram sua inserção de forma virtual, como representantes de grupos internacionais: o Coral Municipal de Colônia de Sacramento (Uruguai), a Estudantina de La Universidad La Salle Mexico e um representante da Orquestra Típica La Salle, da cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. Também ressaltamos a participação de familiares e pessoas públicas com relevância social e política.

Por meio de uma estratégia de comunicação, a imprensa televisiva, impressa e digital noticiou o passo a passo da campanha de mobilização e captação de recursos. Nesse momento, na descrição deste estudo, torna-se importante ressaltar que para viabilizar tais produtos, criei o “Cinquentenário dos Pequenos Cantores do La Salle”, projeto que reuniu as pessoas participantes dessa pesquisa, fundamentais em todos os momentos, da criação à execução.

Sob esta perspectiva, organizamos a reconstrução dos Pequenos Cantores do La Salle, por meio de uma mobilização nas redes sociais, promovida inicialmente pela pesquisa exploratória, chamando os ex-integrantes do grupo artístico escolar para celebrar a sua memória. Segundo Candau (2014):

[...] uma sociedade política pode escolher seu celebrar, seu pertencimento a um universo cultural que ultrapasse suas próprias fronteiras, quer se trate da Europa [neste caso, o Brasil] ou do gênero humano. Esse trabalho de construção de identidade ‘não diz respeito apenas às unidades estatais ou interestatais, mas a todo segmento da sociedade que se entenda constituir como sujeito político’ (p. 148).

Inspirado nas comemorações do ano Bach ou ano Mozart, busquei concretizar o sonho de muitos cidadãos canoenses, principalmente dos ex-integrantes do grupo, montando dois

espetáculos de canto e dança, revivendo os áureos momentos, a fim de comemorar o Cinquentenário. Neste processo, elaborei um projeto capaz de nortear as ações até a sua concretização. Um novo brasão foi desenvolvido especialmente para as comemorações, conforme Figura 3, a seguir, o qual se transformou na marca institucional deste estudo, presente em camisetas, bottons e peças publicitárias. Entretanto, a criação deste produto publicitário, assim como outras derivações de marketing do projeto, faz parte da autoria de voluntários, os que protagonizaram a mobilização cultural. Nesta dissertação, defino o documentário e os espetáculos como produtos diretos deste estudo, e os demais produtos indiretos.

Figura 3 – Brasão comemorativo do Cinquentenário dos “Pequenos Cantores”



Fonte: Produzido pelo voluntário e ex-Pequeno Cantor e cineasta, Gilson Filho⁵⁶, 2018.

Na sequência, apresenta-se a descrição dos produtos finais.

4.1 Descrição de marketing do projeto cultural

A cadeia de desenvolvimento do produto foi estruturada a partir do entendimento entre o fabricante, o distribuidor e o cliente. Neste caso, o fabricante é o produtor do filme e do espetáculo. O distribuidor é o financiador e este pode desempenhar dois perfis: distribuidor comprador do produto (filme) e promotor, assim como distribuidor investidor direto (patrocínio). Os clientes são, neste contexto, o segmento privado e governamental, a partir do qual se pode encontrar o mercado de editais de fomento direto e qualificação fiscal para patrocínios na área de responsabilidade social e cultural. Os clientes indiretos são os consumidores finais.

⁵⁶ Mestre em Comunicação e ex-Pequeno Cantor do La Salle.

4.1.1 Cliente direto

Compõem este rol os segmentos federais, estaduais e municipais (todos se enquadram no primeiro setor). Empresas privadas e instituições de ensino, empresas de comunicação, em especial na área do entretenimento. E por fim, instituições do terceiro setor como fundações, institutos e associações afins.

4.1.2 Cliente indireto

São os espectadores de teatros, salas e festivais de cinema, público das redes sociais e audiências de emissoras de televisão vinculadas ao projeto. A estruturação dos recursos diretos e indiretos está identificada da seguinte forma:

- a) empresas patrocinadoras;
- b) recursos de investimento social e cultural privado, por destinação fiscal;
- c) ativação de marketing;
- d) rádios difusoras e salas de cinema;
- e) distribuição digital;
- f) governos municipais estaduais e federais;
- g) autarquias culturais e educativas;
- h) editais de fomento de qualquer natureza, tanto privados, quanto de setor público.

Os recursos estão divididos em quatro etapas, a pré-produção que iniciou no ano de 2015 com reuniões mensais do comitê gestor; a produção que teve início em 05 de setembro de 2016 e acabou em março de 2018, posterior à qualificação do projeto por banca formada para tal. A terceira etapa foi a pré-distribuição e pré-venda, que garantiram o financiamento do lançamento e manutenção dos custos da operação do negócio artístico e da produção audiovisual. A quarta e última, foram às gravações e pré-lançamento que ocorreram entre 09 e 10 de Junho de 2018, no Teatro do SESC Canoas, na cidade de Canoas, quando se deram as gravações do filme documentário.

Após o lançamento oficial, o filme será exibido em festivais e salas de cinema na cidade de Chicago nos Estados Unidos e Gramado no Rio Grande do Sul. E, na sequência, a exibição em versão inédita, em séries para emissoras de TV e nas redes sociais.

Na primeira fase do estudo, houve a pesquisa exploratória para a aproximação com o seu objeto. Neste interim deu-se a primeira parceria com 5 voluntários ex-integrantes do grupo, sendo eles os primeiros investidores.

4.2 Pré-produção

Neste item, explico a escrita do roteiro técnico, planificação orçamentária, cronograma de atividades, relação com parceiros estratégicos e a rede de *stakeholders*, priorizando o alcance das metas na relação com os financiadores indiretos e diretos. Estão inclusos os valores de alimentação, comunicação (telefone e internet), arte gráfica e manutenção de site, ajuda de custo e valores da mão-de-obra (técnico de som, produção dos eventos preparatórios, coreógrafo, produtor musical, e secretária executiva).

A secretária executiva, especificamente, foi quem manteve contato com o elenco e a seleção das entrevistas do filme, por meio do subsídio de pesquisa (disciplinas do Mestrado), da equipe gestora (profissionais associados), que foram responsáveis por toda a pré-produção. A equipe foi formada, por dois cineastas, um editor, dois assessores superiores, bem como um advogado e um empreendedor.

4.3 Produção

A operação de todo o processo nesta etapa foi dividida em dois momentos, a saber, a produção executiva e a produção técnica. A produção executiva reuniu o grupo criativo e executor das negociações com os diversos segmentos (instituições, pessoas e financiadores). Foi nessa etapa que ocorreram as gravações do filme, ensaios, edição e depois a embalagem do produto cultural, com apoio de parceiros estratégicos, como escolas públicas, universidades no Brasil e exterior, o SESC Canoas e a própria rede de relacionamento do comitê gestor.

A produção técnica exigiu infraestrutura como equipamento para filmagens, locações e/ou diárias para utilização de salas de dança e salões de atos (para ensaios), produção de show, entrevista, arquivo multimídia e documentos, montagem, edição, arte gráfica, custos de registros autorais, parceiros (emissoras), cronograma de festivais e fechamento de parcerias para execução do projeto.

4.4 Distribuição

Realizada nos cinemas de pequeno porte localizados em centros culturais privados e públicos, festivais de cinema, emissoras de televisão, internet, universidades e eventos de educação e cultura como seminários, fóruns, colóquios e *workshops*.

4.5 Lançamento

Ocorreu regionalmente o pré-lançamento no Teatro do SESC, quando foi desenvolvida uma assessoria, com impacto no Rio Grande do Sul, seguido de uma agenda de inscrições futuras em festivais até a chegada às emissoras de televisão e salas de cinema em 2019. Aconteceu um evento nos dias 09 e 10 de junho, onde foi exibido um *premier* exclusivo para formadores de opinião das áreas de educação, cultura, integrantes da equipe e elenco do filme.

A promoção do produto foi organizada da seguinte forma:

- a) Patrocínio para exibição na televisão educativa e articulação na distribuição nacional.
- b) Parceria com emissoras universitárias e sociais.
- c) Assessoria de imprensa, participação em festivais e impulsão em redessociais.
- d) Multiplicadores (coralistas, grupos culturais do México, Rio de Janeiro, Uruguai).

A distribuição está prevista para o próximo ano (2019) e será efetuada nos festivais de cinema, veículos de massa (rádio difusora), salas de cinema, *sites* e redes sociais. O produto teve sua temporada de lançamento e reprises conforme negociações com os veículos de transmissão (televisão e internet), após o lançamento em espaços físicos.

A imagem do produto possui aspectos positivos como:

- a) material educativo, artístico e social;
- b) produtores associados, investindo tempo e serviço técnico;
- c) pauta relevante para a opinião pública;
- d) elenco de entrevistados, formadores de opinião pública em sua cidade e estado;
- e) artistas de impacto global no elenco de entrevistados;

Da mesma forma, ressaltam-se pontos negativos:

- a) utilização de equipamento técnico para gravações de baixo orçamento;
- b) o formato de documentário audiovisual é pouco valorizado na cadeia do cinema, relacionando principalmente com a atual crise nos investimentos culturais, em termos de país.

O público-alvo, identificado como possíveis consumidores, é formado por educadores, apreciadores de arte, visitantes de salas de cinema, espectadores das redes sociais e emissoras de televisão, estudantes de canto coral e professores de educação artística.

Assim, com a possibilidade de utilização do produto pelo público-alvo, buscamos viabilizar a importância sobre as práticas do canto coral nas escolas brasileiras, emocionar o espectador com a história do reencontro de um grupo artístico escolar, assim como ampliar o

conhecimento do público sobre o Canto Coral Escolar brasileiro, sensibilizar comunidades afetivas e grupos de estudantes a promoverem e/ou mobilizarem ações neste campo.

O produto contou com doações diretas de ex-integrantes e empresários engajados na causa, desenvolvimento de negócio pessoal e investimento de documentaristas, empreendedores e técnicos da área, parcerias de apoio em recursos estratégicos e outros pequenos patrocínios.

4.6 Sobre o filme documentário

Trata-se de um documentário com duração de 70 minutos. O projeto audiovisual foi tratado para que tenha a possibilidade de futuramente, ser editado em versão de série de TV, dividido em 10 episódios com duração de 07 minutos cada. Dessa forma, a promoção do anunciante será facilitada (investidores publicitários) através da promoção da atração para possíveis compradores de redes difusoras de mídias de rádio, televisão, cinema e Internet.

O filme apresenta o desafio de 40 ex-integrantes de um coral, que consiste em revisitar a sua trajetória individual, através de ensaios e um espetáculo memorial, intitulado “Memórias de Uma Trajetória”. A trama ocorre em torno dos ensaios e reuniões dos ex-colegas de escola para o retorno ao palco. Através de depoimentos, essas pessoas compartilham suas experiências da época de criança e de adolescente até chegar ao dia do grande show.

Assim, o documentário – “Memórias de uma Trajetória.doc: a importância do canto escolar no Brasil” – é um produto audiovisual, artístico e educativo, para além das histórias de um coral escolar. O roteiro apresenta fragmentos da história da arte na escola brasileira, enfatizando a narrativa do canto coral no ambiente escolar. Neste recorte, procurou-se destacar as questões que implicam as influências do cinema sobre a opinião pública e os grupos sociais, assim como o impacto de um vídeo documentário sobre o Grupo Coral infanto-juvenil, tanto em âmbito nacional, quanto internacional.

O documentário é uma ferramenta que visa atingir formadores de opinião de diferentes segmentos, que podem discutir e compartilhar o tema, influenciando e mobilizando a sociedade por meio de debates em universidades, agências de cultura e educação, além de festivais de cinema nacionais e internacionais. Assim como os documentários são influenciadores dos contextos, estes também, por sua vez, influenciam os documentários. As práticas narrativas possibilitam a construção de uma realidade nos conteúdos, por meio da individualidade do cineasta ou diretor, do patrocinador e até por influência do orçamento e do capital social envolvido para viabilidade da obra. O carisma, a música e a voz que ecoa os

insights do artista, produzem, no campo de credibilidade audiovisual, questões voltadas à viabilidade da produção cinematográfica. Tais condições artísticas são ajustadas de acordo com os recursos, podendo decodificar a intenção inicial do cineasta ou a verdade do documentário biográfico.

Na história do cinema documentário é possível apontar formas de manipulação cinematográfica no século XVII, como por exemplo, a do alemão Athanasius Kircher, durante os anos de 1600, o qual de maneira peculiar, aplicava movimentos aos personagens em placas de cristais desenhadas. Posteriormente, a técnica de manipulação de imagens da vida real evoluiu para o cinematógrafo em 1895. Os irmãos franceses, Louise e Auguste Lumière gravaram a saída de alguns operários caminhando até o trem, próximo da fábrica onde trabalhavam. A continuação dessa tradição de experimentação foi o que permitiu que o gênero documentário permanecesse ativo e vigoroso. A subjacência dos filmes dos irmãos Lumière, no fim do século XIX, esteve a um passo do documentário propriamente dito (ARANTES, 2013).

Entre 1905 até 1919, encontramos registros de filmes experimentais, através dos quais se percebia a manipulação de elementos e de personagens do cenário entre cada fonograma filmado. Em seguida, o filme espanhol *El Hotel Elétrico*, de Segundo de Chamón, depois o francês *Fantasmagoria*, de Èmilie Cohl, foi considerado por muitos historiadores como o pai dos desenhos animados. Posteriormente, surgiram os modernos desenhos de Walt Disney, que incorporou a animação sonora ao filme, com o rato Mickey (DE PAULA, CHAVES, 2007).

Do cinema estadunidense ao ‘cinema verdade’ e da França, da ficção e a não ficção à documentação da realidade, e da experimentação da forma, exibição e relato à narrativa e retórica, tudo isto estimulou os primeiros passos do cinema documentário e do audiovisual até os dias de hoje. Como forma não ficcional, o documentário possui características de imagem que se aproximam com o cinema de vanguarda construtivista. As semelhanças se traduzem tanto nas inovações formais do cinema direto/verdade, quanto nas experiências de narrativa em primeira pessoa (RAMOS, 2001). Formam-se novas linguagens que abrangem o espaço das novas mídias e os suportes digitais. A utilização das experiências com *web câmeras* em *sites* da Internet passa por narrativas seriais do tipo *Reality TV* (ex: “No Limite”, “Survivors”, “Big Brother”, dentre outros), servindo também para as diversas composições de estilo documentário mais clássico, veiculadas por tevês a cabo, alternando formas como depoimentos, entrevistas e voz *over* explicativas.

Seus elementos constitutivos diferenciam o documentário de outros gêneros audiovisuais, como o filme de ficção e a reportagem jornalística na TV. A marca

característica do documentário é seu caráter autoral, definido como uma construção singular da realidade, um ponto de vista particular do documentarista em relação ao que é retratado. Alguns elementos lingüístico-discursivos evidenciam esse caráter autoral, como a maneira pela qual se dá voz aos outros, a presença de paráfrases discursivas e um efeito de sentido monofônico (MELO, 2002).

Tal conjunto de características compõe uma classificação de diferentes formas de expressão destes filmes. São exemplos: o documentário poético, que apresenta a realidade mais fragmentada sem preocupação com a montagem linear; o expositivo, utilizado com mais frequência em telejornais; o observante, composto pela captação de imagens audiovisuais sem interferências do diretor ou da equipe, no qual o público interpreta o que está vendo; o participativo, no qual o documentarista passa a fazer parte e participar da realidade que pretende apresentar; e o reflexivo, que prevê a reflexão por parte do público e pode integrar na sua trama uma persuasão estabelecida com o tema performático no qual a subjetividade carrega mais importância e, muitas vezes, pode ficar autobiográfico e antagônico. Temáticas relevantes são exploradas pela opinião pública e grandes veículos de massa. É neste cenário que o cinema documentário pode ser um espelho que deforma ou não a sociedade, como qualquer técnica da indústria cultural, a exemplo de seus processos compulsivos de consumo.

Passar por este filtro do mecanismo cultural, em produtos artísticos, como o documentário sobre o canto escolar brasileiro, no qual é apresentado parte das memórias dos “Ex-pequenos Cantores do La Salle de Canoas”, podem propor um momento de pausa e reflexão. Tal processo evidencia que copiar a impressão de movimento é copiar a realidade, conforme a provocação de Christian Matz na década de 1960. No entanto, é importante reconhecer que existem variáveis influenciadoras de tais realidades, possibilitadoras ou não desta reflexão, definidoras da importância que possuem, como o próprio contexto. A manipulação cinematográfica tem sua marca em todo seu programa narrativo. Nos filmes documentários, por mais que nos seduzamos pela *realidade* em todas as estratégias de captação de imagem, ocorre a persuasão através do desejo do diretor do filme.

4.6.1 Nome e classificação do produto

O título do documentário é “Memórias de uma Trajetória.doc: a importância do canto escolar no Brasil”. Trata-se de um produto cultural voltado ao mercado audiovisual, com ênfase em arte e educação. Projeto na linha de entretenimento. É um documentário temático relevante para a pauta e proeminente pela associação do público e interesse ao assunto sobre

arte na escola.

4.6.2 Sinopse

Um Grupo Artístico de Canto Coral e dança de uma escola católica de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Canoas, localizada na região metropolitana do Sul do Brasil, manteve por quase 40 anos suas atividades voltadas para crianças e adolescentes. Mesmo depois da extinção deste grupo, os ex-integrantes continuaram se encontrando anualmente. Os assim chamados *ex-Pequenos Cantores* são pessoas com idades entre 28 e 60 anos, que se organizaram em 10 ensaios para retornar ao palco e realizar o grande sonho de fazer um novo show.

Na trama existem cenas do encontro com o Papa João Paulo II no estádio Asteca no México, histórias com o ex-presidente Menen da Argentina, e muitas outras narrativas de especialistas e dos eternos *Pequenos Cantores*.

É um documentário de 110 minutos, que apresenta uma pesquisa científica sobre a importância da arte no ambiente escolar, a reconstrução da trajetória a partir das memórias dos *ex-Pequenos Cantores do La Salle* e de outros participantes do grupo.

Construído com uma montagem educativa por meio de animação digital, e apresentação artística musical inédita, o filme documentário propõe uma reflexão contemporânea sobre a importância da arte e do investimento cultural no ambiente escolar.

4.6.3 Sobre as gravações e estrutura

As gravações e estrutura deram-se da seguinte forma:

- a) as gravações de cenas foram captadas durante 10 ensaios dos ex-integrantes de um coral escolar, que culmina com uma apresentação artística;
- b) gravações de entrevistas com ex-integrantes;
- c) depoimentos de outros participantes: Historiadores e Psiquiatras;
- d) material de cobertura (imagens do acervo audiovisual e documentos);
- e) a trama foi dividida por décadas;
- f) dados pedagógicos e sobre a gestão do grupo foi realizado por edição gráfica e animação.

4.6.4 Demandas executivas

As demandas executivas deram-se da seguinte forma:

- a) Autorizações de imagens;
- b) cartas de aceite;
- c) elaboração de aceite do projeto em lei de incentivo fiscal federal e editais;
- d) estrutura – Roteiro Artístico
- e) parceiros - SESC Canoas, Pastoral da Juventude, UNDIME, UNESCO, Ministério da Educação;
- f) cronograma de filmagens;
- g) equipamentos;
- h) agenda de gravações;
- i) seleção e capacitação da equipe;
- j) agenda de ensaios e preparação do show.

4.6.5 Equipe

A equipe de atuação:

- a) Equipe gestora - Criação e estratégia.
- b) Elenco principal – ex-integrantes, artistas renomados, políticos e lideranças políticas.
- c) Assessorias de comunicação (produção de conteúdo e imagem).
- d) Equipe técnica (documentaristas, coreógrafo e produtor musical).
- e) Elaboração de projetos, eventos e captação.

4.6.6 Dos recursos

Para a organização e desenvolvimento deste projeto de pesquisa, definem-se como recursos apresentados no Apêndice C. É importante ressaltar que o valor total da obra artística, que contempla os espetáculos e o filme totalizou o valor trezentos e quarenta e dois mil reais (R\$ 342.000,00). A captação dos recursos foram alcançados em torno de 80%. Dos valores captados, aproximadamente cento e dezoito mil reais (R\$118.000,00) foram contabilizados na moeda corrente brasileira (Reais), oriundos de apoiadores e de investimentos próprios. O

restante foi alcançado através de recursos do voluntariado.

4.7 Sobre o espetáculo “memórias de uma trajetória”

Como apresentado, anteriormente, este espetáculo foi construído com o objetivo de angariar fundos para a produção do produto cinematográfico deste estudo. A partir da construção do roteiro técnico, executado por mim, com a contribuição de parceiros envolvidos na pesquisa, o espetáculo foi dividido em duas temporadas. A primeira, intitulada temporada de inverno, foi executada com parceria do SESC Canoas, em três sessões. A segunda, dessa vez chamada temporada de verão, foi realizada no campus da Universidade La Salle, incluindo áreas externas e o Salão de Atos. Apresento o detalhamento de tais espetáculos na sequência.

4.7.1 O Cinquentenário dos Pequenos Cantores apresenta: “Memórias de uma Trajetória”

Na primeira temporada, que ocorreu nos dias 09, 10 e 21 de junho de 2018, no teatro do SESC Canoas, o espetáculo reuniu diferentes linguagens artísticas, aproximando o teatro e a dança, do tradicional canto coral dos “Pequenos Cantores”. Por meio de animações, gráficos e depoimentos, projetados em uma tela de aproximadamente 30m², o cinema documental tomou conta de costurar a história das cinco décadas de existência do grupo. O modelo de ingressos está na Figura 4.

Com as três sessões com lotação máxima, o grande impacto nas redes sociais, e a alta visibilidade nos meios de comunicação em massa, como TV e jornais impressos, foi possível mobilizar valores que somaram, aproximadamente vinte e um mil reais. Assim, gerando trabalho e renda para costureiras, técnicos de luz, operadores de som, atores, bailarinos, músicos, produtores de alimentos, cinegrafistas e sindicatos de direitos autorais.

Outro fator importante que marcou esta primeira temporada, na primeira e segunda sessões, foram as homenagens para os ex-coordenadores do grupo e outras pessoas, que de alguma forma participaram da gestão do grupo.

Figura 4 – Modelo do ingresso da estréia e da segunda sessão da primeira temporada



Fonte: Equipe Memórias de uma Trajetória, 2018.

4.7.2 Sobre o roteiro da primeira temporada

O roteiro técnico da primeira temporada seguiu algumas normas de cerimoniais tradicionais, pois em duas noites houveram homenagens, a seguir apresento o detalhamento. O documento foi criado pelo diretor geral e pesquisador, com colaboração e revisão de parceiros. Os textos do roteiro tiveram como elementos componentes a dramaturgia e a encenação cênica, a partir de uma história ficcional inspirada em peças de teatros musicais da Broadway, elementos artísticos dos roteiros de canto coral orfeônico, movimentações de dança criativa, performances de ballet e circo, tendo como contexto de ligação cênica projeções de depoimentos e animações audiovisuais.

“MEMÓRIAS DE UM CANTO ESCOLAR CANOENSE”

ABERTURA (tempo: aprox. 10min)

ABERTURA CERIMONIAL

Apresentação: Adriana de Brito Martini (ceremonialista e ex-pequena cantora)	Duração: 1'00''
	Cenário: NÃO
	Projeção: NÃO

CARTA DE BOAS VINDAS

Leitura: Ivone Fraire (convidada)	Duração: 1'30''
	Cenário: NÃO
	Projeção: NÃO

ENCENAÇÃO TEATRAL: LEILÃO

Elenco: Atores convidados	Duração: 3'00''
Figurinos: personagens variados	Cenário: CAIXA MÁGICA
Reponsáveis: Patrícia Dietrich e Lenon Tarragô	Projeção: VIDEO 01 - TEATRO / RELÓGIO DO TEMPO

Descrição: um grupo composto por diferentes personagens icônicos e representativos de grupos artísticos escolares participa de um leilão. No centro do palco, uma caixa representando a memória dos Pequenos Cantores está sendo vendida. Alguns personagens tem medo dela, outros a negam e alguns a querem para si. Um breve diálogo se desenrola e em determinado momento, uma criança vai contras ordens dos adultos e abre a caixa sem autorização. A partir daí, inicia-se uma viagem no tempo.

ENCENAÇÃO TEATRAL: TESTE

Elenco: Crianças (Cristopher, Lara, Theo, Bernardo, Maria Eduarda, Miguel, Victoria, Giovana, Mariana, David, Sofia, Manuella) e Maestro (João Alves)	Duração: 2'00''
Figurinos: colegial anos 60 (Responsável: Carol Biazus)	Cenário: PIANO
Música: Parabéns a Você	Projeção: VIDEO 02 – PARABÉNS PCLS

Descrição: representação cênica do teste para ingresso nos Pequenos Cantores. Maestro explica como funciona a seleção e convida as crianças a cantarem “Parabéns a Você”. Depois de uma volta da música, ele pede para que as crianças cantem com mais força. A partir daí, unem-se aos poucos às vozes dos cantores que estão fora de cena. Ao final da música, as luzes se apagam e permanece somente a mensagem no telão: PARABÉNS PEQUENOS CANTORES PELOS 50 ANOS DE VIDA.

VIDEO A (03): DEFINIÇÃO HISTÓRICA DO CANTO CORAL ESCOLAR

Locução: Guaraci Grebin	Duração: 1'42''
-------------------------	-----------------

Descrição: Enquanto o vídeo é exibido no telão, com as luzes apagadas, os cantores se posicionam silenciosamente para a primeira música.

Locução: // O ensino da música no nosso país começa antes da chegada dos colonizadores europeus. / Afinal, os índios que habitavam nossa terra antes mesmo dela se chamar Brasil / já utilizavam a música em seus rituais, através da percussão e do canto.

// Duzentos anos depois, com a chegada da coroa, o ensino da música ligado às práticas religiosas europeias ganha ainda mais força. Enquanto isso, nas senzalas, era também através da música / que os negros mantinham suas tradições ancestrais africanas.

// Com o avanço da colonização, começa a surgir no século dezenove um sistema de educação / onde a música passa a ser uma das principais disciplinas de diversos educandários masculinos e femininos em todo o país.

// No século vinte, através de mudanças na educação e propostas de socialização musical vindas da europa, o projeto de modernização da sociedade brasileira passa a encarar a arte como fundamental para o desenvolvimento da imaginação, intuição e inteligência de qualquer criança.

// Logo o presidente Getúlio Vargas assinaria um decreto regulamentando o ensino da música nas escolas, com a criação de uma Superintendência da Educação Musical e Artística. Com a colaboração de nomes como Heitor Villa Lobos, o canto e a música tomam proporções jamais vistas no espaço escolar.

// E no Rio Grande do Sul, não foi diferente. No final da década de sessenta, por iniciativa dos irmãos das escolas cristãs, era criado o coral dos Pinguins da Escola Normal La Salle. Assim, nasciam em Canoas os Pequenos Cantores!

BLOCO 01 – 68 a 78

(tempo: aprox. 11min)

MÚSICA: ANDANÇA (compositores: Danilo Caymmi, Edmundo Souto & Paulinho Tapajós)

Backing vocals: Aline Ferreira, Aline Preuss, Ricardo Silva	Duração: 3'09''
	Cenário: NÃO

	Projeção: NÃO
--	---------------

MÚSICA: VENTO NEGRO (compositor: José Fogaça)

Backing vocals: Aline Ferreira, Aline Preuss, Ricardo Silva	Duração: 3'25''
Participação: Ginástica Vera Ghisleni	Cenário: TECIDO
Responsável: Patrícia Dietrich	Projeção: NÃO

Descrição: participação especial de uma bailarina/ ginasta realizando performance de dança suspensa em tecido.

VIDEO B (04): DEPOIMENTOS HISTÓRICOS

Depoimentos: Irmão Norberto, Ancila, “Jurássicos”	Duração: 2'00'' a 2'30''
---	--------------------------

Descrição: vídeo com depoimentos das pessoas envolvidas nas primeiras atividades do grupo. Lembranças dos primeiros anos. Durante a exibição do vídeo, com as luzes apagadas, os cantores permanecem em cena e em silêncio se posicionam para o início da próxima música.

MÚSICA: MAZZOLINE DI FIORI (compositor: domínio público / folclore italiano)

Backing vocals: Liziane, Aline Preuss, Jocemar	Duração: 2'24''
	Cenário: NÃO
	Projeção: VIDEO 05 – ITÁLIA

Descrição: ao fundo no telão serão exibidas imagens que remetam à cultura italiana. Da passarela do teatro, sobre o público, teremos chuva de papéis picados nas cores vermelho, branco e verde.

BLOCO 02 – 78 a 88

(tempo: aprox. 12min)

VIDEO C (06): DISTINÇÃO SOCIAL E A IMPORTÂNCIA DE SER UM PEQUENO CANTOR

Locução: Guaraci Grebin	Duração: 1'02''
-------------------------	-----------------

Descrição: ao final da música anterior, as luzes se apagam e os cantores se retiram silenciosamente do palco.

Locução: // O capital cultural é aquele que se acumula na educação através de livros, diplomas, e também de experiências vividas desde a infância. Em grupos escolares como escoteiros, grêmios estudantis, times esportivos e corais, uma série de aprendizados acabam gravados para sempre na personalidade de seus participantes.

// Socialmente, fazer parte dos Pequenos Cantores era algo muito significativo, e não somente na comunidade canoense. Viajar pelo país, participar de festivais, e conviver com famílias de diversas localidades fez com que esses jovens pudessem viver experiências extraordinárias para adolescentes de sua época.

// As horas de dedicação a ensaios e shows oportunizaram para todas as pessoas envolvidas uma forma diferenciada e privilegiada de se capacitar para a vida.

Após o vídeo, inicia a música VIDA e os cantores retornam ao palco durante a introdução da música, conforme coreografia ensaiada.

MÚSICA: VIDA (compositores: Calique & Ricardo Garay)

Backing vocals: Aline Preuss, Anelice, Ricardo Silva	Duração: 2'22
	Cenário: NÃO
Elementos de cena: NÃO	Projeção: NÃO

MÚSICA: MARIA MARIA (compositores: Milton Nascimento & Fernando Brant)

Backing vocals: Aline Preuss, Anelice, Ricardo Silva	Duração: 3'17''
Participação: Bailarina Danielle Costa	Cenário: NÃO
Elementos de cena: NÃO	Projeção: NÃO

VIDEO D (07): DEPOIMENTOS: O CRESCIMENTO DO GRUPO

	Duração: 1'30'' a 2'00''
Depoimentos: início das viagens, gravação de discos, Menem, Xuxa e Trapalhães	

Descrição: ao final da música anterior, as luzes se apagam e os cantores silenciosamente se direcionam para a posição inicial da próxima música. Os cantores das pontas ajudam a trazer os elementos de cena das coxias para o palco. Enquanto isso, é exibido

vídeo com depoimentos dos cantores relembando alguns momentos marcantes da trajetória do grupo.

MÚSICA: CANÇÃO DA MEIA NOITE (compositor: Zé Flávio)

Backing vocals: Cris Külzer, Anelice, Jocemar	Duração: 4'02''
	Cenário: NÃO
Elementos de cena: banquinhos (responsável: Alessandra Ferreira)	Projeção: VIDEO 08 – ACAMPAMENTO

BLOCO 03 – 88 a 98

(tempo: aprox. 18min)

VIDEO E (09): REVOLUÇÃO CULTURAL E INTERNACIONALIZAÇÃO

Locução: Guaraci	Duração: 0'50''
------------------	-----------------

Descrição: ao término da música anterior, as luzes se apagam e os cantores retiram os elementos cênicos enquanto saem do palco, aguardando fora de cena o início da próxima música.

Locução: // A partir do final da década de 80, o grupo artístico escolar ganha fama em todo o Brasil. / Além das viagens pelo país, uma turnê pelo México foi organizada com o apoio de pais, escola e de toda a comunidade do município de Canoas.

// Os holofotes se ampliam, e o grupo visita também os Estados Unidos e o Uruguai. / A participação em programas de TV regionais e nacionais / e a gravação de LPs passam a fazer parte da rotina do grupo com milhares de quilômetros rodados em terra e pelo ar /

// Os jovens passam a carregar um currículo artístico de dar inveja a muitos artistas populares consagrados. Os Pequenos cantores são agora uma atração global.

MÚSICA: AGARREN SE DE LAS MANOS

Backing vocals: Anelice, Jacson, Cris Kulzer, Fernanda Galvani	Duração: 3'20''
Participação: Estudantina La Salle (em vídeo)	Cenário: NÃO
Elementos de cena: sombreros, bandeiras, pandeiro (responsável: Alessandra Ferreira)	Projeção: VIDEO 10 – ESTUDANTINA / MÉXICO

Descrição: em determinado momento a ser definido em conjunto com a banda, no meio da música, as luzes se apagam e são exibidas no telão imagens dos mexicanos cantando

a música, após alguns versos, o grupo todo retorna a cantar juntamente com o vídeo até o final.

MÚSICA: LA BAMBA (compositor: Richie Valens)

Backing vocals: Anelice, Jacson, Cris Kulzer, Fernanda Galvani	Duração: 2'11''
	Cenário: NÃO
	Projeção: VIDEO 11 – MÉXICO / ESPANHA / URUGUAI

VIDEO F (12): DEPOIMENTOS INTERNACIONAIS

	Duração: 2'00''
Depoimentos: Chucho Vasquez, Fernando Madalena, Henrique Manso Junior	

Descrição: ao término da música anterior as luzes se apagam e os cantores silenciosamente se direcionam para a posição da próxima música. Enquanto isso, no telão, é exibido um vídeo com depoimentos dos integrantes dos grupos Estudantina La Salle (México), Orquestra Típica La Salle (Rio de Janeiro) e Coro Municipal de Colonia (Uruguai).

MÚSICA: FELICIDADES

Backing vocals: Anelice, Ricardo Silva, Ana Paula Lima, Fernanda Galvani	Duração: 3'09''
	Cenário: NÃO
Elementos de cena: NÃO	Projeção: NÃO

MÚSICA: PADRE NUESTRO

	Duração: 2'30''
Participação: Maestro Norberto Giehl	Cenário: NÃO
Elementos de cena: NÃO	Projeção: NÃO

Descrição: ao término da música anterior, os cantores silenciosamente se direcionam para a posição de Padre Nuestro. Enquanto isso, a cerimonialista anuncia: “Convidamos ao palco, o Maestro Norberto Giehl”. Os cantores aplaudem enquanto o maestro se aproxima e a música a capella tem início.

CERIMÔNIA DE HOMENAGENS

Apresentação: Adriana de Brito Martini (cerimonialista e ex-pequena cantora)	Duração: 3'00''
Homenageados: Maestro Norberto Giehl, Ancila, Claudionor Lima, Irmãos Lassalistas	Cenário: NÃO
	Projeção: NÃO

Descrição: ao término da música anterior, os cantores permanecem em seus lugares para prestigiar a cerimônia de homenagens. Um a um, os convidados serão chamados ao palco pela cerimonialista e será entregue uma pequena lembrança a cada um deles. Não haverá discursos da fala.

BLOCO 04 – 88 a 98

(tempo: aprox. 14min)

VIDEO G (13): FAMÍLIA, RAÍZES e FOLCLORE

Locução: Guaraci	Duração: 0'50''
------------------	-----------------

Descrição: ao término da cerimônia, as luzes se apagam e os cantores silenciosamente se direcionam para a posição da próxima música.

Locução: // A participação familiar sempre foi um diferencial nos Pequenos Cantores. Foram mais de quinhentas famílias ao longo de quatro décadas de existência que formam até hoje laços e relacionamentos profundos.

// Núcleos familiares simples, tradicionais, pobres ou ricos passam a compartilhar momentos e experiências e através de seus filhos cantores, formam uma grande família

// Através dos intercâmbios, essas famílias aumentavam em tamanho e afeto, e a cultura local ultrapassava as fronteiras do Rio Grande do Sul. Ser um pequeno cantor, era ser brasileiro, era ser um representante do nosso Estado, era ser um grande gaúcho encharcado de virtudes e façanhas.

MÚSICA: EU SOU DO SUL (compositores: Elton Saldanha)

Backing vocals: Liziane, Ana Paula Lima, Felipe, Fernanda Galvani	Duração: 3'18''
Participação: CTG Brasão do Rio Grande (a confirmar – responsável: Patrícia Dietrich)	Cenário: NÃO
	Projeção: NÃO

MÚSICA: CANTO ALEGRETENSE (compositores: Antonio Augusto Fagundes & Bagre Fagundes)

Backing vocals: Liziane, Ana Paula Lima, Felipe, Fernanda Galvani	Duração: 4'16''
	Cenário: NÃO
	Projeção: VIDEO 14 – RIO GRANDE DO SUL / GALPÃO CRIOULO

VIDEO H (15): DEPOIMENTOS FAMÍLIA

	Duração: 2'00''
Depoimentos: tios, tias, familiares	

Descrição: ao término da música anterior, as luzes se apagam e os cantores silenciosamente se direcionam para a posição da próxima música. Enquanto isso, o telão exibe um vídeo com depoimentos de familiares que fizeram parte da história do coral.

MÚSICA: VANERÃO SAMBADO (compositor: Vaine Darde)

Backing vocals: Liziane, Ana Paula Lima, Felipe, Fernanda Galvani	Duração: 3'00''
Participação: CTG Brasão do Rio Grande (a confirmar)	Cenário: NÃO
	Projeção: NÃO

BLOCO 05 – 88 a 98

(tempo: aprox. 25min)

VIDEO I (16): TRANSFORMAÇÃO DO GRUPO

Locução: Guaraci	Duração: 0'50''
------------------	-----------------

Descrição: ao término da música anterior, as luzes se apagam e os cantores silenciosamente se direcionam para a posição da próxima música.

Locução: // Nas comemorações de aniversário dos seus trinta anos os pequenos cantores passam a se chamar Show Musical La Salle. Os tradicionais coletes vermelhos são abandonados e uma nova proposta de independência jurídica e profissionalização artística captura os interesses do grupo.

// Assim como os figurinos, o repertório é inteiramente reformulado. Turnês com patrocínio, incentivos fiscais e um novo patamar de estrutura é integrado ao espetáculo. /

Novos CDs são gravados, e a agenda está cada vez mais lotada. Os cantores vão ficando mais velhos, e não são mais obrigados a deixarem o grupo. / A Broadway chega ao palco da escola cristã.

MÚSICA: POUT PORRI JOVEM GUARDA

Backing vocals: Ana Paula Lima, Aline ferreira, Felipe	Duração: 6'42''
	Cenário: cabideiros
Elementos de cena: óculos escuro	Projeção: NÃO

Descrição: ao longo da primeira música do pout porri, os cantores gradualmente e conforme for ensaiado retiram os seus coletes e vão até os cabideiros distribuídos pelo palco. Um grupo determinado que estará posicionado à frente do palco terá seus coletes retirados pelos colegas. Enquanto isso, os demais vestem óculos escuros.

VIDEO J (17): DEPOIMENTOS GESTÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO

	Duração: 2'00''
Depoimentos: Claudionor Lima, Luis Carlos Busato	

Descrição: ao término da música anterior, as luzes se apagam e os cantores silenciosamente se direcionam para a posição da próxima música. Enquanto isso, o telão exibe um vídeo com depoimentos de gestores do grupo que falam sobre a profissionalização e o desafio das mudanças que ocorreram.

MÚSICA: BILLIE JEAN (INTRO)

Backing vocals: Aline Ferreira, Paula Schuster, Ricardo Silva	Duração: 0'20''
	Cenário:
Elementos de cena:	Projeção: VIDEO 18 – MICHAEL JACKSON

Descrição: Enquanto um grupo de cantores realiza a coreografia na parte de frente do palco, os demais estão posicionados, imóveis, ao fundo, conforme for ensaiado. Será executada apenas a introdução desta música que na sequência será emendada com a próxima música.

MÚSICA: TWIST AND SHOUT (compositores: Phil Medley & Bert Russell)

Backing vocals: Aline Ferreira, Paula Schuster, Ricardo Silva	Duração: 2'30''
	Cenário:
	Projeção: NÃO

Descrição: ao término da música, de súbito, as luzes se apagam e os cantores silenciosamente se direcionam para a posição da próxima encenação.

VIDEO K (19): DEPOIMENTOS FIM DO GRUPO

	Duração: 2'30''
Depoimentos: todos os cantores	

Descrição: os cantores acompanham em silêncio a exibição do vídeo com depoimentos sobre o término do grupo e o impacto na vida de cada um. Ao final do vídeo, todos estão posicionados e se inicia a coreografia com as batidas de pés simulando um batimento cardíaco. De acordo com o vídeo que será exibido no telão.

ENCENAÇÃO TEATRAL: ENCERRAMENTO E AUSÊNCIA

Elenco: Atores convidados	Duração: 2'00''
Figurinos: personagens variados	Cenário: CAIXA MÁGICA
Reponsáveis: Patrícia Dietrich e Lenon Tarragô	Projeção: VIDEO 20 – CORAÇÃO / RELÓGIO DO TEMPO

Descrição: no telão, é exibido um vídeo com um coração pulsando, acompanhado do som das batidas de pés dos cantores em uma extremidade do palco. Do outro lado, atores encenam personagens que representam a vida adulta e o fim do grupo. A performance vai ganhando ritmo e intensidade e o barulho e o caos tomam conta do palco. Até o momento em que a menina que abriu a caixa no início do espetáculo entra em cena, fecha a caixa mágica e solta um grito. Silencio total. As luzes se apagam. Todos se retiram de cena. O grupo acabou.

VIDEO L (21): DEPOIMENTOS PROJETO CINQUENTENARIO

	Duração: 2'00''
Depoimentos: Rubielson, Jacson, Gilson e demais cantores.	

Descrição: no telão, é exibido um vídeo com depoimentos dos organizadores do projeto do cinquentenário seguido por depoimentos dos cantores participando falando da emoção e do desafio de voltar aos palcos depois de tanto tempo.

MÚSICA: AMEI TE VER (compositor: Tiago Iorc)

Backing vocals: Aline Preuss, Felipe, Liziane	Duração: 4'00''
	Cenário:
Elementos de cena: corações	Projeção: VIDEO 22 – CORAÇÕES

FIM DO SHOW

BIS

(tempo: aprox. 8min)

MÚSICA: POUT-PORRI SERTANEJO

Backing vocals: Aline Preuss, Ricardo Silva, Liziane, Anelice	Duração: 3'30''
	Cenário:
Elementos de cena:	Projeção: NÃO

Descrição: os cantores vão retornando gradualmente ao palco ao som da introdução de “Nascemos para Cantar”. Todos se posicionam e tem início “Evidências”.

MÚSICA: BANG

Backing vocals: Aline Preuss, Ricardo Silva, Liziane, Anelice	Duração: 3'45''
	Cenário:
Elementos de cena:	Projeção: NÃO

Descrição: durante o interlúdio da música, os cantores serão direcionados para a frente do palco, em grupos pré-determinados, de acordo com coreografia a ser ensaiada, para apresentação dos participantes. Apenas dança e movimentos ensaiados, sem canto ou fala.

MÚSICA: HAPPY

Backing vocals: Ana Paula Lima, Anelice, Aline Ferreira, Flávio	Duração: 2'55''
---	-----------------

	Cenário:
Elementos de cena:	Projeção: NÃO

Descrição: ao final da música os cantores se dirigem para a frente do palco, onde cantaram a penúltima volta do refrão "a capella". Após, a banda retoma e o show se encerra.

FIM DO SHOW

(tempo: aprox. 100min)

4.7.3 O Cinquentenário dos Pequenos Cantores apresenta: *“Memórias de uma Trajetória – de volta para casa”*

A segunda temporada foi realizada no dia 02 de dezembro de 2018, desta vez dentro do espaço físico onde o grupo nasceu. Assim como na primeira temporada, com a Universidade La Salle e com a Associação Pestalozzi, também se realizaram um contrato de parceria estratégica para a realização do projeto. Os ensaios ocorreram na associação parceira, aos sábados, totalizando 40 horas semanais de treinamento artístico. O roteiro técnico foi adaptado para a inclusão do tema de Natal e funcionou como um “Concerto Encantado”, expressão incuída no título do espetáculo. Foi apresentado em única sessão e alcançou um público de aproximadamente setecentas pessoas – agora, reunindo um elenco com maior número de bailarinos e atores. Da mesma forma, o grupo de cantores também recebeu novos integrantes, redefinindo o pré-requisito da primeira temporada, que foi exclusiva para “ex-Pequenos Cantores do La Salle”. Os ingressos são mostrados na figura 5.

Por envolver um público maior, foi possível arrecadar aproximadamente 35 mil reais através de pagamentos da bilheteria, além do diferencial de pequenos patrocínios. Assim, gerou-se um número maior de trabalho e renda para profissionais envolvidos nesta temporada. Dessa forma, foi possível realizar o retorno do grupo para as dependências de um dos principais lugares de memória do grupo, o “Salão de Atos do La Salle – Canoas”, e realizar as filmagens finais do documentário, onde os ex-integrantes realizaram o sonho de retornar ao palco onde estiveram durante parte de suas infâncias e adolescências.

Figura 5 – Modelo do ingresso da segunda temporada



Fonte: Equipe Memórias de uma Trajetória. 2018.

4.7.4 Sobre o Roteiro da segunda temporada

Na segunda temporada, o roteiro teve uma adaptação, com inclusão de elementos natalinos e também uma nova trama cênica. Abaixo apresento, na íntegra, o roteiro.

CONCERTO ENCANTADO DE NATAL: PEQUENOS CANTORES DE VOLTA AO LAR

PRÓLOGO

RECEPÇÃO (a partir das 19h)

Cenário: CASTELINHO (FRANÇA)	Duração: 1h
Elenco: GNOMOS	

Descrição: os convidados são recepcionados no pátio em frente ao castelinho. Ao passarem pela bilheteria (portão avenida 15 de Janeiro) recebem pulseiras com as cores correspondentes aos setores de seus ingressos. Enquanto a plateia ocupa o espaço, os gnomos recepcionam e interagem com o público, entregando velas aleatoriamente para uma porcentagem dos convidados. Os acessos para a gruta e para o túnel verde estão bloqueados.

ABERTURA

Cenário: CASTELINHO (FRANÇA)	Duração: 0'45''
Texto de abertura: Guaraci	

Descrição: após o sinal sonoro (3 sinos badalam) tem início a apresentação com leitura do texto de abertura.

// LOCUÇÃO 01 // VINHETA TROMBETA

CENA 1 – CASTELO ENCANTADO

Elenco: STEFANY e GISELE (off)	Duração: 2'30''
Trilha: Valsa BG	

Descrição: Stefany conversa com a amiga pelo telefone.

//RODA AUDIO CENA 01

O público começa a receber as velas e se preparar para a travessia da floresta. Os gnomos organizam a plateia. Depois de todos prontos, ao sinal sonoro, é liberado o acesso ao túnel verde.

DESLOCAMENTO 1: CASTELINHO -> FLORESTA	Duração: a definir
Locução: Guaraci	

// VINHETA TROMBETA

Locução: PARA O INÍCIO DA NOSSA JORNADA, CONVIDAMOS A TODOS QUE ACENDAM SUAS VELAS.

Descrição: o público acende as velas e inicia a trajetória pelo túnel verde.

CENA 2 – TRAVESSIA DA FLORESTA

Cenário: TÚNEL VERDE (FLORESTA MÁGICA)	Duração: a definir
Elenco: STEFANY e MARY GISELE	Artistas: GNOMOS / ELFOS DA FLORESTA / PENRA DE PAU / PATINADORAS
Música: “trilha mística 01”	Elementos cênicos: VELAS

Descrição: Stefany e Gisele, juntamente com o público, atravessam a floresta e descobrem os seres mágicos que existem por lá. Os gnomos da floresta aparecem e acontece uma performance juntamente com o cortejo, até o final do túnel verde.

CENA 3 – RECEPÇÃO

Cenário: FIM DO TÚNEL VERDE (FLORESTA MÁGICA)	Duração: a definir
Elenco: Cantores	
Música: “trilha mística 02”	Elementos cênicos: VELAS

Descrição: Ao final da trilha, o público é recepcionado pelos cantores que realizam uma performance de dança.

CENA 4 – CONFERÊNCIA

Cenário: PÁTIO INTERNO (ESPANHA)	Duração: 2’15’’
Elenco: STEFANY, MARY GISELE, RITA, PAULO RICARDO, JONATHAN	

Descrição: Os personagens conversam entre si, cada um posicionado em uma janela diferente de um dos prédios do cenário, simulando um vídeo-conferência. O público assiste tudo do solo.

// RODA AUDIO CENA 02

LOCUÇÃO: //APAGUEM SUAS VELAS. NOSSA VIAGEM CONTINUA AGORA.

Descrição: ao fundo, ouvimos os cantores cantar Padre Nuestro na capela. Os gnomos iniciam a condução do público para a igreja.

DESLOCAMENTO 3: PÁTIO -> CAPELA -> AEROPORTO	Duração: 10’00’’
--	------------------

Descrição: o público, guiado pelos gnomos, é direcionado para o aeroporto, passando pela capela.

CENA 7 – CAPELA

Cenário: CAPELA (MÉXICO)	Duração: a definir
Música: Padre Nuestro	

Descrição: Enquanto o público se desloca para o aeroporto, é possível enxergar ao fundo, dentro da capela, os cantores no altar.

CENA 8 – AEROPORTO

Cenário: PÁTIO DO TEATRO (GUARULHOS)	
Elenco: STEFANY, MARY GISELE, PAULO RICARDO, JONATHAN	Trilha: Jingle bells (instrumental)
Locução: Guaraci	Artistas: patinadoras, gnomos

Descrição: Enquanto os gnomos direcionam o público para seus respectivos assentos, os personagens caminham de um lado para o outro carregando suas bagagens. No ambiente do aeroporto, eles se encontram, trocam abraços, cumprimentam a plateia, em um clima de pressa, indo de um lado para o outro do pátio. A personagem Rita e as mães noéis estão dentro do Salão de Atos recepcionando o público interno. Os atores do leilão já estão posicionados no palco.

//LOCUÇÕES AEROPORTO

//DIALOGOS DE BOAS VINDAS

CENA 9: LEILÃO

Cenário: SALÃO DE ATOS	Duração: 3'33''
Elenco: STEPHANY, MARY GISELE, JONATHAN, LEILOEIRO, SENHORA e SOBRINHA	Elementos cênicos: CAIXA MÁGICA
Locução: Guaraci	Projeção: RELÓGIO DO TEMPO

Descrição: um grupo composto por diferentes personagens icônicos e representativos de grupos artísticos escolares participa de um leilão. No centro do palco, uma caixa representando a memória dos Pequenos Cantores está sendo vendida. Um breve diálogo se desenrola e em determinado momento, a Neta vai contra as ordens dos adultos e abre a caixa

sem autorização. A partir daí, inicia-se uma viagem no tempo.

LOCUÇÃO: //VOCÊS ACHARAM QUE TINHAM EMBARCADO EM UMA VIAGEM PELO MUNDO? ENTÃO PREPAREM-SE, POIS COMEÇA AGORA UMA VIAGEM PELO TEMPO

BLACKOUT

CENA 10: TESTE

Cenário: SALÃO DE ATOS	Duração: 2'00''
Elenco: Crianças	Elementos cênicos: PIANO
Música: Parabéns a Você	Projeção: VIDEO 02 – PARABÉNS PCLS

Descrição: representação cênica do teste para ingresso nos Pequenos Cantores. Maestro explica como funciona a seleção e convida as crianças a cantarem “Parabéns a Você”. Depois de uma volta da música, ele pede para que as crianças cantem com mais força. A partir daí, unem-se aos poucos às vozes dos cantores que estão fora de cena. Ao final da música, as luzes se apagam e permanece somente a mensagem no telão: PARABÉNS PEQUENOS.

CANTORES PELOS 50 ANOS DE VIDA

BLACKOUT

VIDEO A (03): DEFINIÇÃO HISTÓRICA DO CANTO CORAL ESCOLAR

Locução: Júlia	Duração: 1'42''
----------------	-----------------

BLOCO 01 – 68 a 78

(tempo: aprox. 11min)

MÚSICA: ANDANÇA (compositores: Danilo Caymmi, Edmundo Souto & Paulinho Tapajós)

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 3'09''
Grupo Principal	Artistas: Patrícia e Douglas	
Backing vocals: Aline Ferreira, Aline Preuss, Ricardo Silva	Artistas: Grande elenco (sem atores)	

MÚSICA: VENTO NEGRO (compositor: José Fogaça)

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 3'25''
Grupo Principal	Artistas: Vitória (fita)	
Backing vocals: Aline Ferreira, Aline Preuss, Ricardo Silva		

AO FINAL DA MÚSICA: BLACKOUT

VIDEO B (04): DEPOIMENTOS HISTÓRICOS

Depoimentos: Irmão Norberto, Maestro, Ancila, “Jurássicos”	Duração: 2'00'' a 2'30''
---	--------------------------

Descrição: vídeo com depoimentos das pessoas envolvidas nas primeiras atividades do grupo.
Lembranças dos primeiros anos.

MÚSICA: MAZZOLINE DI FIORI (compositor: domínio público / folclore italiano)

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 2'24''
Grupo Principal	Artistas: grande elenco	
Backing vocals: Liziane, Aline Preuss, Jocemar	Cantores: Rosângela, Vera e Eulália	

AO FINAL DA MÚSICA: BLACKOUT

BLOCO 02 – 78 a 88

(tempo: aprox. 12min)

VIDEO C (06): DISTINÇÃO SOCIAL E A IMPORTÂNCIA DE SER UM PEQUENO CANTOR

Locução: Júlia	Duração: 1'02''
----------------	-----------------

MÚSICA: VIDA (compositores: Calique & Ricardo Garay)

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 2'22''
Grupo Principal	Artistas: Cecília (ginasta)	
Backing vocals: Aline Preuss, Anelice, Ricardo Silva		

MÚSICA: MARIA MARIA (compositores: Milton Nascimento & Fernando Brant)

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 3'17''
Grupo Principal	Artistas: Pati e Larissa	
Artistas: Dani	Elenco: Rita, Jonathan, Stephany,	

	Paulo Ricardo, Mary Gisele	
Backing vocals: Aline Preuss, Anelice, Ricardo Silva	Cantores: Adriana, Carmem, Priscila	

AO FINAL DA MÚSICA: BLACKOUT

VIDEO D (07): DEPOIMENTOS: O CRESCIMENTO DO GRUPO + VIDEO E (09): REVOLUÇÃO CULTURAL E INTERNACIONALIZAÇÃO

Locução: Julia	Duração: 3'30''
Depoimentos: início das viagens, gravação de discos, Menem, Xuxa e Trapalhães	

BLOCO 03 – 88 a 98

(tempo: aprox. 7min)

MÚSICA: AGARREN SE DE LAS MANOS

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 3'20''
Grupo Principal	Artistas: acrobatas	
Backing vocals: Anelice, Jacson, Cris Kulzer, Fernanda Galvani	Cantores: Schuster, Carol, Felipe, Flavio	

AO FINAL DA MÚSICA: BLACKOUT

VIDEO F (12): DEPOIMENTOS INTERNACIONAIS

	Duração: 1'00''
Depoimentos: Chucho Vasquez, Fernando Madalena, Henrique Manso Junior	

MÚSICA: FELICIDADES

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 3'09''
Grupo Principal	Artistas: Larissa e Raíssa	
Backing vocals: Anelice, Ricardo Silva, Ana Paula Lima, Fernanda Galvani		

AO FINAL DA MÚSICA: BLACKOUT

BLOCO 04 – 88 a 98

(tempo: aprox. 8min)

VIDEO G (13): FAMÍLIA, RAÍZES e FOLCLORE

Locução: Júlia	Duração: 0'50''
----------------	-----------------

MÚSICA: EU SOU DO SUL (INTRO) (compositores: Elton Saldanha)

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 1'00''
Grupo Principal	Artistas: CTG	
Backing vocals: Liziane, Ana Paula Lima, Felipe, Fernanda Galvani		

MÚSICA: VANERÃO SAMBADO (compositor: Vaine Darde)

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 3'00''
Grupo Principal	Artistas: Sambista	
Artistas: CTG	Cantores: Aline Preuss, Cris, Anelice, Ricardo Silva	Adereços: bandeiras RS
Backing vocals: Liziane, Ana Paula Lima, Felipe, Fernanda Galvani		

AO FINAL DA MÚSICA: BLACKOUT

BLOCO 05 – 98 a 08

(tempo: aprox.6min)

VIDEO I (16): TRANSFORMAÇÃO DO GRUPO + J (17) DEPOIMENTOS GESTÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO

Locução: Júlia	Duração: a definir
----------------	--------------------

MÚSICA: BILLIE JEAN (INTRO)

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 0'20''
Grupo Principal	Artistas: Stephany (bailarina)	
Backing vocals: Aline Ferreira, Paula Schuster, Ricardo Silva		

MÚSICA: TWIST AND SHOUT (compositores: Phil Medley & Bert Russell)

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 2'30''
Grupo Principal	Artistas: atores e bailarinos	
Backing vocals: Aline Ferreira, Paula Schuster, Ricardo Silva	Cantores: novos cantores	

Descrição: Os cantores tiram o colete ao longo da música. Ao término da música, de súbito, as luzes se apagam e os cantores silenciosamente se direcionam para a posição da próxima encenação.

AO FINAL DA MÚSICA: BLACKOUT

VIDEO K (19): DEPOIMENTOS FIM DO GRUPO

	Duração: 2'30''
Depoimentos: todos os cantores	

Descrição: os cantores acompanham em silêncio a exibição do vídeo com depoimentos sobre o término do grupo e o impacto na vida de cada um. Ao final do vídeo, todos estão posicionados e se inicia a coreografia com as batidas de pés simulando um batimento cardíaco. De acordo com o vídeo que será exibido no telão. Até o momento em que a Neta que abriu a caixa no início do espetáculo entra em cena, fecha a caixa mágica e solta um grito. Silencio total. As luzes se apagam. Todos se retiram de cena.

VIDEO L (21): DEPOIMENTOS PROJETO CINQUENTENARIO

	Duração: 3'00''
Depoimentos: Rubielson, Jacson, Gilson e Flávio.	

Descrição: no telão, é exibido um vídeo com depoimentos dos organizadores do projeto do cinquentenário seguido por depoimentos dos cantores participando falando da emoção e do desafio de voltar aos palcos depois de tanto tempo.

MÚSICA: POR ENQUANTO

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 2'15''
Grupo Principal	Artistas: grande elenco	

Descrição: os cantores vestem o colete novamente.

AO FINAL DA MÚSICA: BLACKOUT

CENA 10: DE VOLTA AO PRESENTE

Cenário: SALÃO DE ATOS	Duração: 1'55''
Elenco: STEPHANY, MARY GISELE, JONATHAN, RITA, PAULO RICARDO, NETA e SENHORA	

Descrição: as luzes se acendem e os personagens estão palco.

// RODA AUDIO CENA 10

MÚSICA: BELIEVER (INTRO)

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 2'00''
Elenco:	Todos os cantores e crianças.	

Descrição: a SOBRINHA e as crianças apresentam uma rápida coreografia para os demais personagens ao final da música, ela é interrompida pelo personagem de PAULO RICARDO.

//SOM DE GERADOR SE DESLIGANDO

As luzes se apagam. blackout total.

BLACKOUT

SOBRINHA

VOCÊS CORTAM A MINHA MÚSICA, EU CORTO A LUZ DO SHOW DE VOCÊS, PRONTO, QUERO VER AGORA ESSE BLÁ BLÁ BLÁ DE NATAL NO MEIO DESSA ESCURIDÃO.

// AO FUNDO, OUVESUAVERMENTE A INTRODUÇÃO DE NATAL.

STEPHANY acende a luz do celular.

MARY GISELE

GENTE VOCÊS PODEM ME DAR UMA MÃOZINHA AQUI? ALGUÉM MAIS TEM LANTERNA NO CELULAR?

MARY GISELE acende a luz do celular. Aos poucos, os demais personagens no palco acompanham ela.

STEPHANY (se dirigindo ao público)

PESSOAL AÍ EMBAIXO, PODEM AJUDAR A GENTE A MOSTRAR PRA ESSAS CRIANÇAS O VERDADEIRO ESPÍRITO NATALINO?

MÚSICA: ADESTE FIDELES

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 3'30''
Grupo Principal	Artistas: grande elenco	

MÚSICA: O NATAL EXISTE

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 3'40''
Grupo Principal	Artistas: Julia (ballet) e atores	
Artista: Fabiano		

CERIMÔNIA HOMENAGEM AO PESTALOZZI

MÚSICA: JINGLE BELLS ROCK

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 2'40''
Grupo Principal	Artistas: grande elenco com atores patinadoras, Pestalozzi, e crianças	
	Cantores: Rosângela, Ana Paula Lima	

MÚSICA: HALLELUJAH

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 3'55''
Grupo Principal	Cantores: Aline Ferreira, Carmem, Fernanda Galvani, Adriana	
Artistas: Fabiano e Julia (ballet)		

MÚSICA: ESTRELA GUIA

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 5'40''
Grupo Principal	Artistas: Samara , Raíssa e	

	Stephany	
Artistas: Fabiano e Julia (ballet)	Cantores: Ana Paula Lima e Carol Biasuz	

MÚSICA: AMEI TE VER (compositor: Tiago Iorc)

PALCO INTERNO	PALCO EXTERNO	Duração: 4'00''
Grupo Principal	Artistas: grande elenco com atores	
Backing vocals: Aline Preuss, Felipe, Liziane		

Descrição: após o encerramento da música, os cantores se despedem e saem do palco.

AO FINAL DA MÚSICA: BLACKOUT

FIM

BIS - MÚSICA: BANG

Backing vocals: Aline Preuss, Ricardo Silva, Liziane, Anelice	Duração:
	Cenário:
	Projeção: NÃO

Descrição: durante o interlúdio da música, os cantores apresentam a banda e após se apresentam. Cada grupo se apresenta e se direciona para o palco externo.

BIS - MÚSICA: HAPPY

Backing vocals: Ana Paula Lima, Anelice, Aline Ferreira, Flávio	Duração: 2'00''
---	-----------------

FIM DO SHOW!

4.7.5 Plataformas de acesso dos produtos culturais

Do início da pesquisa até o final foram utilizadas três principais plataformas conectadas a três principais linguagens audiovisuais (fotografia, dança e música). Para compreender melhor os conteúdos cinematográficos desenvolvidos inicie a página oficial dos

Pequenos Cantores e conheça o processo de mobilização ocorrido junto à comunidade e imprensa gaúcha no link abaixo (para acessar é necessário curtir a página dos Pequenos Cantores no Facebook)⁵⁷.

Um canal do Youtube foi criado para armazenar os vídeos da pré-produção, de mobilização e o filme. O primeiro apresenta a história do canto coral escolar no Brasil. O segundo as expectativas dos ex-Pequenos Cantores do La Salle para a sua volta ao palco. O último é uma campanha publicitária do Concerto Encantado de Natal⁵⁸.

As fotografias reproduzem os momentos dos bastidores até as cenas do espetáculo em si. São imagens congeladas de momentos que foram construídos para manter a história dos Pequenos Cantores viva no presente. Nas plataformas abaixo é possível acompanhar todos os espetáculos realizados.

Primeira temporada do Espetáculo Memórias de uma Trajetória (bastidores e show), disponível nos links abaixo⁵⁹.

Segunda Temporada do Espetáculo Memórias de uma Trajetória (bastidores e show) no caminho que segue⁶⁰.

O documentário “De Villa Lobos à Internet” foi produzido por 14 meses, com mais de 200 horas de imagem, onde o cenário principal foi a Cidade de Canoas, em diversas locações como o Teatro do SESC, a Universidade La Salle, a Associação Peestallozi e a Academia Aerostep no Canoas Shopping. Um elenco principal foi formado por mais de quarenta entrevistados e mais de um mil e setecentas pessoas, as quais funcionaram como figurantes patrocinadores, que constituíram a platéia. O produto cinematográfico, após a dissertação desta pesquisa, irá para uma nova fase, a pós-produção, registro e inscrição em festivais de cinema nacionais e internacionais. Assim, será cumprido um novo objetivo desenvolvido ao longo do estudo, mostrar a história do canto coral brasileiro e a importância dos grupos artísticos escolares na formação dos indivíduos.

⁵⁷Disponível em: https://web.facebook.com/search/top/?q=pequenos%20cantores&epa=SEARCH_BOX
<https://web.facebook.com/pequenoscantorescanoas/videos/2145055385710790/>
<https://web.facebook.com/pequenoscantorescanoas/videos/2143568599192802/>

⁵⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCp7N9WxXuj6WTZrTiZxpCuw>
<https://www.youtube.com/watch?v=-oCFGEm-qgc>
https://www.youtube.com/watch?v=RFcvbi_DGjU

⁵⁹Disponível em: <https://photos.google.com/share/AF1QipPfrBVTaDLskbf4DjlhJmekAiwycNsrb6zdUZogzYVESNAnjAKtD6H2M3aX1CYQCw?key=MmVqSERpalVQdXdTeXJGbTA2SIRSUK12TDdHYTl3>
<https://photos.google.com/share/AF1QipNc35JSH96b-bP82sPu5h84tVGMIJskwicuIR-acQNYBsQ1VKkjvm4E5aEfDJaWg?key=TXZwUzdOcjFrbnZEcGQ1YnVPaUN1ODhobGE0NWFN>

⁶⁰ Disponível em: <https://photos.google.com/share/AF1QipM1kqhGrO4vz3NaGHvZxLBJd3-Y0jj8st4YPYTl8H8KjTJpJiOlTcADiVT0sk-gGQ?key=ZFk2ZnUybENHdU4yRzQ2dnIXTFZsZ2hHdlRsWlF3>

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomo aqui a questão inicial desta pesquisa que remete à construção das memórias pelos ex-integrantes dos Pequenos Cantores do La Salle. Como já foi discutido anteriormente, trabalhei com narrativas de 10 ex-integrantes distribuídos em um recorte temporal que abrangeu a criação do grupo em 1968 até a sua dissolução em 2012. Toda a investigação e produtos finais dela decorrentes, se constituíram como elementos para a comemoração os seus cinquenta anos de atividades.

Considerando os estudos realizados, verifico que os objetivos traçados foram atingidos. O cinquentenário tornou-se tangível por meio de uma celebração, reconhecida pela instituição à qual o grupo pertenceu durante muito tempo, pela população da cidade de Canoas e por formadores de opinião do estado do Rio Grande do Sul. Tal festividade aconteceu devido à participação efetiva dos ex-integrantes do referido grupo, não apenas com seus relatos orais, mas também com o engajamento semanal de ensaios, vendas de ingressos, entrevistas e montagem do espetáculo ‘Memórias de uma Trajetória’. Além disso, pudemos constituir um acervo — páginas de jornais, *sites*, fotografias, cartas, depoimentos audiovisuais, e também em novos objetos produzidos — que hoje está disponível para o público em geral, assim como para futuros pesquisadores que se interessarem pelo tema desta pesquisa.

Posso afirmar que, a partir da análise realizada e em relação às narrativas dos 10 ex-integrantes dos Pequenos Cantores, é possível a compreensão do sentido de participar deste GAE. Tal compreensão sustenta-se a três principais aspectos: o incremento das capacidades comunicativas em público devido aos *shows*; a capacidade auto-organizadora que foi alcançada com a vivência das viagens; e a construção de representação em relação a uma experiência de uma infância e adolescência feliz e protegida. Da mesma forma, sobre os significados relacionados com as atividades por eles desenvolvidas, elejo três fatores mais relevantes: de distinção social pelas oportunidades e privilégios que os destacava no ambiente escolar, ao serem protagonistas; de união ao trabalharem em equipe durante os ensaios para conseguirem executar músicas ou na venda de discos e ingressos para levantar recursos financeiros para o grupo; e de continuidade de um pertencimento familiar, pois ao entrar no coral, os integrantes elegiam papéis maternos e paternos dentre os mais velhos, para assim cuidarem de si próprios e dos outros.

Além do anteriormente explanado, também outros sentidos e significados foram construídos e reconstruídos. Dentre eles estão com maior destaque: os ritos de entrada no

grupo, que se relacionou com a conquista de ser um “Pequeno Cantor”, ao ser aprovado no teste. Também, nesta construção de memórias está a presença de personagens que perduram por décadas até a atualidade.

Com tal qualidade de informações e diversidade de ações promovidas, foi possível desenvolver um conjunto de realizações no sentido de conhecer a história dos “Pequenos Cantores do La Salle” e, a partir deste ponto, propor novas iniciativas na área da arte, educação, no campo da memória, da identidade e da cultura para a formação artístico-escolar. Descobri que a extinção do grupo não ocorreu na prática. Não existem informações claras do encerramento das suas atividades. Segundo os relatos orais as atividades dos “Pequenos Cantores do La Salle” deixaram de ocorrer entre os anos de 2011 e 2012. Porém, tal data não pode ser exata por discrepâncias nas informações. Talvez, essa dificuldade reflita o fato de que o projeto nunca deixou de existir, pois permaneceu em uma nova configuração de encontros e reencontros, em um outro contexto, dessa vez fora do ambiente escolar e, principalmente, talvez não houvesse encerrado afetivamente para seus ex-integrantes.

É de concordância dos participantes da pesquisa que, a partir do encerramento das atividades efetuadas pelo grupo até 2012, criou uma suspensão no tempo, uma fenda emocional. Por meio dos reencontros, que se iniciaram em 1998, ou seja, uma década após o encerramento do grupo “Pequenos Cantores do La Salle”, e início do grupo chamado “Show Musical”, foi deflagrado por integrantes das décadas dos anos 1970, 1980 e 1990 uma série de encontros que proporcionaram rememorações que mantiveram atualizada a memória do grupo, alimentada por relações transgeracionais, não institucionalizadas. Posso falar aqui de um dever de memória que tomou grandes proporções.

A execução deste estudo mobilizou os ex-Pequenos Cantores que tiveram seus sistemas de lembranças organizados, e puderam assim ser institucionalizados novamente pelo projeto do “Cinquentenário”. Dessa forma, foi possível reconstruir um passado, idealizado é fato, no presente, possibilitando assim, encenar experiências infantis e adolescentes na vida adulta. Como foi apresentado na descrição do produto no capítulo quatro, o registro de tais atividades pela imprensa escrita, televisiva, pelo cinema, fotografias e incluindo as novas tecnologias, puderam assim, reescrever experiências anteriores no presente, permanecendo nas suas histórias.

Reconheço que, para além dessa pesquisa, os “Pequenos Cantores do La Salle” são agentes de transformação social e sugiro que devem ser registrados como patrimônio imaterial da Cidade de Canoas. Mesmo as alterações do grupo, inclusive para fora dos portões da escola e nas mudanças de idade dos participantes — hoje adultos —, o modo de fazer do coral, como

as divisões de vozes, a posição no palco, a metodologia aplicada aos ensaios e o formato de apresentações, são as mesmas. Não ocorreram alterações significativas no formato do show, fato que imprime uma característica que passa de geração para geração. Há mais de 50 anos existe tal sentimento de pertencimento em ser um pequeno Cantor do La Salle de Canoas.

Outro aspecto que contribui para a afirmação da construção identitária dos participantes, foi que no projeto executado no ano de 2018 ocorreu a inclusão de quinze integrantes entre 6 e 15 anos de idade.

Evidencio também, que na primeira década de existência do grupo, os Irmãos lassalistas captavam talentos de outras regiões, por meio de Festivais de Coros, oportunizando bolsas de estudos para a maioria dos integrantes do coral. No início da década de 1980, tal característica social e pedagógica começa a se transformar. Com a chegada dos fonogramas o coral ganhou um status de negócio cultural, empregando assim um número maior de profissionais e gerando lucro, inclusive possibilitando o desenvolvimento de projetos estimados em meio milhão de reais pela Lei Ruanet.

Quanto ao gênero dos participantes e tempo de permanência no coral, posso afirmar que em todas as cinco décadas de existência do grupo, inclusive nos dias de hoje, os integrantes do sexo masculino possuem menor período de participação e menor representatividade quanto ao número de participantes, quando comparados às integrantes do sexo feminino. Um dos fatores associados com este fenômeno, foi apontado pelos participantes das primeiras gerações do grupo, ao associarem a interrupção das suas participações com a necessidade de ingresso no mercado de trabalho.

A conscientização da necessidade de interrupção das participações só ocorria com a efetividade da própria descontinuidade. Os critérios de idade, até o final da década de 1980, assim como outros fatores como, os indícios do início da fase da vida adulta que os levavam para outras atividades, eram deflagradores da realidade da necessidade de afastamento. Tais fatores se expressaram através de ritos de passagem, como por exemplo: para a maioria a diminuição da disponibilidade de tempo devido à carga horária das atividades laborais, para outros o ensino superior, o casamento, e ainda para alguns, a gravidez.

Um dos processos transformadores sofridos pelo grupo foi marcado pela retirada do uniforme. Sem dúvida ficou muito claro que para o grupo, tal feito, ocorrido entre os anos de 1998 e 2003, ocasionou modernizações, ao mesmo tempo em que casou uma ruptura na identidade do coral. O “Grupo Show” já não era identificado pelo colete. Junto a isso, também foi possível integrar pessoas que possuíam mais idade, que estavam além do Ensino Médio. Este conjunto de fatores, de certa forma, corrompe a trajetória do grupo, promovendo

sofrimentos de identidade institucional, culminando no seu suposto fechamento. A pesquisa trouxe a oportunidade da reconstrução daquilo que era idealizado pelos seus ex-integrantes.

Dentre outros fatores importantes a salientar nesta pesquisa, referem-se às figuras de destaque na construção das memórias dos ex-integrantes. O maestro possuiu relevância preponderante para o grupo em todo o percurso, porém um maestro, assim qualificado, nunca existiu. Ao longo das 5 décadas se construiu um imaginário da presença desta figura. Os participantes na realidade, tiveram três regentes de coral, formados por Irmãos ou ex-Irmãos lassallistas, professores da escola, que haviam feito curso de regência, os quais eram líderes do grupo como educadores musicais. Tais informações foram fornecidas pelo regente Norberto Giehl, ex-irmão lassalista e professor de matemática aposentado, entrevistado para o filme documentário e homenageado na primeira sessão do primeiro espetáculo. Também ressalto a importância das “tias” e dos coordenadores como cuidadores, aos quais, os integrantes de cada época e suas famílias confiavam a sua participação com segurança. O rito de entrada permaneceu marcado pelo mesmo teste, onde as crianças eram solicitadas a cantar o “Parabéns a Você”. Tal configuração reforçava a sensação de pertencimento ao grupo e se assemelhava à ideia de família dos participantes. Em todas as gerações foi possível reconhecer nas falas, que se sentiam como em uma segunda família, apontando fatores positivos como a amizade e a união, reforçando a representação romântica de uma família ideal. O ônibus era um espaço de construção de memórias, marcado pelos lugares visitados, que iniciaram no litoral gaúcho, evoluindo para o Oeste do Paraná, e chegando a viagens de avião nacionais e internacionais. Todos esses fatores culminavam em uma aparição midiática marcante, percebida, pelos participantes, como um elemento de distinção social.

Também se observou que o trabalho voluntário foi o que movimentou, em todas as décadas, aqueles que participaram deste programa de arte na escola, mesmo que não houvesse um reconhecimento curricular com certificação institucional. O engajamento de centenas de pessoas neste estudo, chamou a atenção de milhares de expectadores, alcançados por meio dos veículos de comunicação estaduais. Por meio da internet, também foi possível envolver pessoas a nível tanto nacional como mundial. Foi contabilizado mais de cento e cinquenta mil reais em recursos tanto financeiros, e mais de meio milhão de reais em capital social, gerando trabalho e renda na indústria cultural.

A conexão entre as teorias de Candau, através dos conceitos de memória e identidade, com Bourdieu, nos seus escritos sobre capital cultural, se mostrou pertinente pelo diálogo possível entre tais autores. Dessa forma atingi uma sustentação teórica para parte da análise apresentada, tanto no nível individual, quanto coletivo. Como ex-integrante do grupo, minha

experiência pessoal reforçou a estruturação do estudo, que evidencio através do meu currículo profissional. A importância do desenvolvimento desta pesquisa, dentre outros fatores, quando associada aos teóricos estudados, mostra que os conhecimentos individuais e grupais, antes adquiridos não formalmente pelos ex-integrantes, hoje com os extensores de memórias organizados em formato de espetáculo, filme documentário, site, redes sociais e textos, se constituíram como potentes promotores de capacidade de formação de recursos humanos. Dessa forma, o que está no entorno da participação em atividades artísticas escolares, não é um campo subjetivo apenas, mas sim um campo de refinamento intelectual de alto nível, assim como mensurável.

Outros fatores se mostram importantes, como: o processo de construção e relação do pesquisador com o estudo; as descrições de fatores pedagógicos; as relações estabelecidas transformadoras de experiências pessoais e sociais; o contexto singular desenvolvido a partir da experimentação de reedições histórias transformadas e atualizadas; deixam este estudo como possibilidade de ampliação do possível e do aprofundamento dos objetivos inicialmente apontados. Assim, o planejamento pedagógico presente, necessário para organizar tanto o corpo docente, quanto discente, que reuniu mais de duzentas pessoas; o processo de criação coreográfico, de direção artística, de direção musical, de direção cinematográfica, de figurinos e de redação publicitária; descreve a possibilidade da construção de uma “Escola de Arte e Cidadania”, saindo de um contexto juvenil para o contexto da adultez, do amador para o profissional. Nesta pesquisa foi possível desenvolver uma capacitação desde a formação do elenco à construção de um negócio final, transcendendo os objetivos iniciais do estudo. Isso constitui uma academia de arte, tanto de arte e educação, quanto de arte e entretenimento. De uma escola de pequenos cantores do passado, evoluiu-se para uma escola de ensino superior de arte e cidadania para o futuro.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 2004.
- ARANTES, José Tadeu. **A manipulação das consciências pelo cinema**. Periódicos da Fundação de amparo à pesquisa do estado de São Paulo. São Paulo. 2013. Disponível em: <<http://www.agencia.fapespe.br>>. Acesso em: 19 nov. 2018.
- ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. **História da Educação/ ASPHE–FaE/UFPel**. 2003
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BRASIL. **Coleção de Leis do Império do Brasil – 1854**. Legislação Informatizada - decreto nº 1.331-a, de 17 de fevereiro de 1854. Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html> . Acesso: 03 jan. 2019.
- BRASIL. **Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9608.htm. Acesso em: 03 jan. 2019.
- BRASIL. Ministério Da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Fundação Carlos Alberto Vanzolini, 2017.
- CALIQUE; GARAY. Geração 21. In: **Pequenos Cantores 20 anos**. Direção artística: Centro Educacional La Salle. Porto Alegre: Eger, 1988. 1 disco sonoro (45 min), 33 1/3 rpm, estéreo, 12 pol.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo. Editora Contexto. 2014.
- CARLOS, E.; CARLOS, R. Emoções [1981]. Disponível em: <http://www.robertocarlos.com/projeto/as-baleias-remasterizado/>. Acesso em: 03 jan. 2018.
- CAYMMI, D.; SOUTO, E.; TAPAJÓS D. **Andança** [1968]. Disponível em: <http://museudacancao.blogspot.com/2012/11/andanca.html>. Acesso em: 03 jan. 2018.
- CLICRBS PELOTAS. **Colégio Gonzaga é vendido**. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/pelotas/2010/08/04/colégio-gonzaga-sob-nova-administracao/>>. Acesso em Set/2017.
- CULTURA NITERÓI. **Orquestra Típica La Salle (1992)**. Disponível em: <<http://www.culturaniteroi.com.br/blog/?id=1942>> Acesso em Out/2017.
- DE PAULA, Maria Esperança; CHAVES, Eneida Maria. Crianças passeiam pelas veredas do cinema, por meio da tecnologia. **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 8, n. 15-16, jan/dez. 2007.

ESTUDUANTINA DE LA UNIVERSIDAD LA SALLE. Disponível em: <<http://www.estudiantinalasalle.com>>. Acesso em: ago. 2017.

FONTEIRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Ciranda de sons: práticas criativas em educação musical**. São Paulo: Editora UNESP, 2015, 267 p. ISBN978-85-68334-60 7. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/7cs92/pdf/fonterrada-9788568334607.pdf>>. Acesso em: nov. 2017.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino de música na Escola Fundamental: uma incursão histórica**. Disponível em< <http://www2.faced.ufu.br/nephe/images/arq-ind-nome/eixo7/completos/ensinomusica.pdf>> Acesso em Nov/2017

MELO, Cristina Teixeira Vieira. O documentário como gênero audiovisual. **Comun. Inf.**, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, jan-dez, 2002.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, Olga (Org.). **Experimentos com Histórias de Vida**. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

RAMOS, Fernão Pessoa. O que é mesmo documentário? In: RAMOS, F. P.; CATANI, A. (orgs.). **Estudos de Cinema SOCINE 2000**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001, p. 192-207.

SALLES, Nara. Coleção Educação para Todos - Trajetória e Políticas para o Ensino das Artes no Brasil: **anais do XV CONFAEB** (Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil). Ed. MEC/UNESCO. Brasília, 2006. Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume11_trajetoria_e_politicas_para_o_ensino_das_artes_no_brasil_anais_do_XV_confaeb.pdf>. Acesso em: Dez de 2017.

ZIMMER, Rosane Oliveira Duarte. **Entre medos e ousadias: resistências educativas pela reinvenção das lutas do "ser mais" e a atualidade do legado freireano**. 2011. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3664/1/430433.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.

APÊNDICE A – Questionário da Pesquisa Exploratória

Questionário da Pesquisa Exploratória

Nome:
Sexo:
RG:
CPF:
Data Nascimento:
Email:
Endereço:

Forma de participação: 1º Soprano () 2º Soprano () Mezzo-soprano () Tenor () Barítono () Baixo ()
Período de Participação:
Este projeto também faz parte uma pesquisa de Mestrado. Você gostaria de responder mais algumas perguntas sobre sua experiência com <i>Os Pequenos Cantores do La Salle</i> ? SIM () NÃO ()
Música preferida:
Viajou? SIM () NÃO ()
Viagem marcante:
Qual apresentação inesquecível?
Qual o Impacto na sua Vida? ☐ Impacto afetivo ☐ Impacto psicológico ☐ Impacto pedagógico ☐ Impacto profissional ☐ Impacto artístico ☐ Impacto religioso
Como a música está presente na sua vida até hoje?

<i>Os Pequenos Cantores do La Salle</i> completam 50 anos em 2018. O comitê organizador do cinquentenário gostaria de saber:
Você tem interesse em participar das Comemorações? SIM () NÃO ()
Você tem interesse em ser voluntário na organização do cinquentenário? SIM () NÃO ()
Você tem interesse em reviver sua experiência de <i>Pequeno Cantor do La Salle</i> ? SIM () NÃO ()
Se o grupo ainda estivesse em atividade, você levaria algum familiar para participar? SIM () NÃO () Descreva o significado dos <i>Pequenos Cantores do La Salle</i> na sua vida.

APÊNDICE B – Termo de Liberação de Imagem e Participação Voluntária



**TERMO DE COMPROMISSO E AUTORIZAÇÃO PARA
USO DE IMAGEM NO MUSICAL PEQUENOS CANTORES:
MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA, DE VOLTA AO LAR**

Pelo presente termo, Eu
 inscrito no Registro Geral sob o nº no CPF sob o
 nº, estado civil, profissão
 residente e domiciliado na rua
 nº bairro
 cidade de declaro
 meu interesse em realizar serviços voluntários junto aos Pequenos Cantores.

Para tanto, declaro estar ciente e de pleno acordo com o ora estabelecido:

- a) As atividades realizadas não são remuneradas e não tem qualquer contrapartida em face da sua natureza;
- b) Nos termos da Lei 9.608 de 18 de fevereiro de 1998, o serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista ou previdenciária;
- c) Eventuais despesas pessoais não serão ressarcidas;
- d) Somente podem ser realizadas as atividades expressamente previstas pela instituição;

Também, autorizo o Uso de minha imagem fixada nas obras adiante especificadas:

Fotos e filmagens realizadas em eventos, filmes, clipes, ensaios, shows, atividades de imprensa, livros, trabalhos acadêmicos, etc, ligadas aos Pequenos Cantores de Canoas-RS.

A presente autorização confere o direito de usar a imagem da fixada nas obras acima descritas com prazo indeterminado.

Não responderá pelos direitos autorais de quem captou a imagem, sempre que a fixação desta tenha sido especialmente feita para os fins desta autorização.

Por estar de pleno acordo com o ora estabelecido, firmo o presente Termo de Adesão ao Serviço Voluntário e Autorização para uso de Imagem.

Canoas, 28 de agosto de 2018.

(51) 99109.1602
 www.pequenoscantores.com.br
 contato@pequenoscantores.com.br

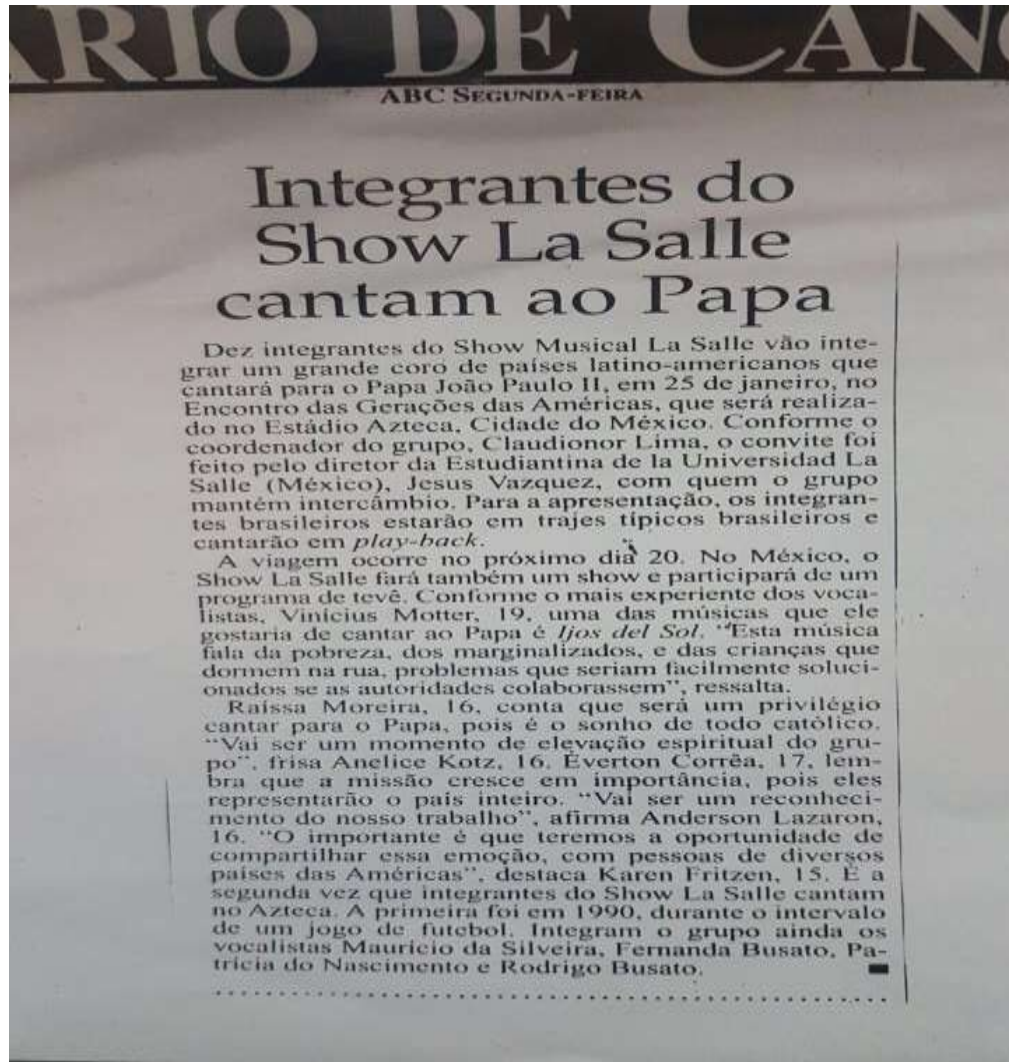
APÊNDICE C – Recursos para o projeto

Recursos para a execução do projeto

ITEM	VALOR UNITÁRIO	QUANTIDADE	VALOR TOTAL	NOV 2017	DEZ 2017	JAN 2018	FEV 2018	MAR 2018	ABR 2018	MAI 2018	JUN 2018
ETAPA 01 – PESQUISA											
Elaboração de projetos - Projeto escrito e orçamento	R\$48.000,00	01	R\$48.000,00	X	X	X	X	X	X		
Captação de recursos	R\$8.000,00	03	R\$24.000,00	X	X						X
ETAPA 02 – PRÉ-PRODUÇÃO											
Equipe Gestora – Roteiro e Direção Geral	R\$30.000,00	01	R\$30.000,00		X	X	X	X	X	X	X
Produtores	R\$10.000,00	04	R\$40.000,00			X	X	X	X	X	X
ETAPA 03 – PRODUÇÃO											
Elenco principal	R\$2.000,00	2	R\$4.000,00					X			X
Locação do espaço físico	R\$1.000,00	10	R\$10.000,00								X
Assessoria de Comunicação – produção de conteúdo e imagens	R\$12.000,00	2	R\$24.000,00					X	X	X	X
Locação equipamentos de gravação	R\$3.400,00	10	R\$34.000,00					X	X	X	X
Produção musical	R\$3.000,00	05	R\$15.000,00	X	X	X	X	X			
Coreógrafo e direção geral	R\$8.000,00	05	R\$40.000,00	X	X	X	X	X	X	X	X
Edição e montagem	R\$18.000,00	01	R\$18.000,00					X	X	X	X
ETAPA 04 – LANÇAMENTO											
Evento de Lançamento / Cinquentenário	R\$35.000,00	01	R\$35.000,00							X	X
ETAPA 05 – DISTRIBUIÇÃO											
Traduções e Pós-edição	R\$20.000,00	01	R\$20.000,00								X
TOTAL GERAL			R\$342.000,00								

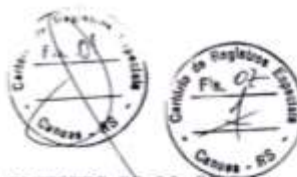
ANEXO A – Matéria do jornal Diário de Canoas

Matéria do Jornal Diário de Canoas



ANEXO B – Estatuto da Associação Cultural La Salle 2003 /ASS Mantenedora PCLS

1992



ASSOCIAÇÃO MANTENEDORA DOS PEQUENOS CANTORES DO LA SALLE

E S T A T U T O S

TÍTULO I

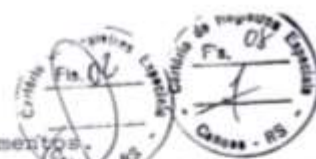
DENOMINAÇÃO, SEDE, DURAÇÃO E FINS DA SOCIEDADE

- Art. 1º - A ASSOCIAÇÃO MANTENEDORA DOS PEQUENOS CANTORES DO LA SALLE de Canoas é uma sociedade civil, de caráter educativo, cultural, beneficente, filantrópico ~~e cooperativo~~, fundada em 22.07.92, na cidade de Canoas, Estado do Rio Grande do Sul onde tem a sua sede e foro, com personalidade jurídica própria, na Av. Victor Barreto, 2288, sala 045, junto ao Centro Educacional La Salle.
- Art. 2º - Os seus sócios podem ser de ambos os sexos, sem limitação de número, raça ou ideologia.
- Art. 3º - Tem como finalidade manter e promover a difusão da cultura em geral e, em especial, os Pequenos Cantores do La Salle de Canoas.
- Art. 4º - Poderá para isto criar diversos departamentos, para melhor atingir sua finalidade.
- Art. 5º - A sociedade inicia de fato em 22.07.92 e de direito com a aprovação de seus estatutos, e vigorará por tempo indeterminado.
- Art. 6º - A Associação Mantenedora dos Pequenos Cantores do La Salle usará a sigla "AMAPEL" como símbolo de identificação e abreviatura. A mesma será considerada como de patrimônio da sociedade brasileira, conforme os ditames e preceitos do Artigo 216 e seus parágrafos da Constituição Brasileira de 1988.

TÍTULO II

DOS SÓCIOS

- Art. 7º - Os sócios são de quatro categorias, como segue:
- SÓCIOS EFETIVOS ATIVOS - que participam do Departamento dos Pequenos Cantores do La Salle e de outros Departamentos que forem criados e que contribuem economicamente em sua manutenção.
 - SÓCIOS EFETIVOS CONTRIBUINTES - que participam somente na manutenção econômica dos Pequenos Cantores do



- La Salle e dos demais Departamentos.
- c. SÓCIOS BENEMÉRITOS - poderão ser pessoas físicas e jurídicas que contribuírem de forma extraordinária na fundação, serviços ou desenvolvimento da associação, sendo que tais títulos serão outorgados oficial e publicamente a tais sócios, após resolução unânime da direção da associação e consulta prévia aos interessados, os quais serão representados por diplomas característicos e sempre mediante proposta de um dos membros da Diretoria.
 - d. SÓCIOS FUNDADORES - serão considerados os sócios presentes no ato da fundação e aqueles que vierem a se inscrever dentro de um período de até 90 dias desta data.
 - e. SÓCIOS POR SERVIÇOS - serão considerados sócios aqueles que de forma gratuita prestarem serviços aos departamentos.

Art. 89 - Todos os sócios e seus filhos menores de 18 anos têm direito a frequentar a sede, as apresentações e promoções dos Pequenos Cantores do La Salle e dos Departamentos e bem assim, os representantes legais de pessoa jurídica dos títulos de sócios beneméritos.

* Art. 99 - Os sócios deverão gozar de boa reputação e manter os bons costumes dentro e fora da sede da sociedade.

Art. 10 - A AMAPEL terá uma sede provisória para sua administração, onde ficarão os arquivos e guardados seus pertences e feitos os debates dos seus problemas e tomadas as resoluções da sua direção.

TÍTULO III

DA ADMISSÃO DOS SÓCIOS

* Art. 11 - Os sócios efetivos ativos (cantores, músicos, etc) deverão ser admitidos após exame e a critério de uma comissão composta e presidida pelo Diretor do Departamento, assessorado pelo Corpo Técnico e/ou outras pessoas de sua livre escolha.

Art. 12 - A admissão de novos sócios efetivos contribuintes será feita a partir da indicação de um associado e cuja aceitação ficará a critério da direção.

Art. 13 - Os sócios beneméritos serão indicados por um membro da diretoria da sociedade e aprovados por unanimidade da diretoria.

Parágrafo Único: A inclusão de novos sócios será feita por proposição de um associado mediante preenchimento e sua admissão deverá constar em ata, depois de aprovada pela diretoria.

TÍTULO IV

DIREITOS E DEVERES DOS SÓCIOS

Art. 14 - São deveres dos sócios:

- a. Cumprir e fazer cumprir estes Estatutos;
- b. Pagar regularmente as contribuições à sociedade;
- c. Acatar as decisões das Assembléias Gerais;
- d. Aceitar e desempenhar conscienciosamente as funções para as quais fôr eleito na sociedade, e se apresentar pontualmente aos ensaios e apresentações quando Sócio Efetivo Ativo.

→ Parágrafo Único: O atraso de 3 mensalidades consecutivas, poderá acarretar a exclusão da sociedade.

Art. 15 - Constituem direitos dos sócios da AMAPEL:

- a. Frequentar as promoções culturais e artísticas tendo garantido o seu ingresso até 72 horas antes, podendo a Diretoria estabelecer gratuidade ou descontos para determinados eventos;
- b. Propor candidatos à admissão na sociedade;
- c. Votar e ser votado na forma do Estatuto;
- d. Convocar a Assembléia Geral, quando couber.

Parágrafo Único: Os sócios não responderão subsidiariamente pela obrigações da sociedade; no entanto, agindo particularmente em nome da sociedade em seu detrimento, responderão pelos danos causados, podendo inclusive serem excluídos da sociedade.

TÍTULO V

DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 16 - A Diretoria é o órgão encarregado da Administração da AMAPEL.

Parágrafo Único: O Conselho Fiscal e a Comissão de Contas são os órgãos fiscalizadores da AMAPEL.

Art. 17 - A Diretoria compor-se-á de um Presidente, um Vice-Presidente, um Diretor de Departamento, um Diretor de Marketing e de Desenvolvimento, um Diretor Secretário e um 2º Secretário, e, um Diretor Tesoureiro e um 2º Tesoureiro.

Art. 18 - A comissão de contas será composta do Diretor Tesoureiro e mais dois membros associados.

Art. 19 - O Conselho Fiscal deverá ser formado ~~pelos~~ ^{por} cinco membros associados ou ex-associados que já tenham colaborado ao longo do tempo com os Pequeno Cantores do La Salle, em função diretiva ou de apoio. Vetado os membros da Diretoria e da Comissão de Contas, durante a sua gestão.

Art. 20 - Os Órgãos administrativos da sociedade serão eleitos anualmente, por escrutínio secreto, na primeira Assembleia Geral Ordinária de cada ano, a qual será convocada na primeira semana de março, para a eleição a ser feita na última semana de março, quando será empossada.

Art. 21 - Será permitida a reeleição para os cargos da Diretoria, porém vedada para os componentes da comissão de contas, à exceção do diretor tesoureiro.

Art. 22 - Os componentes de órgãos administrativos só são demissíveis por decisão da Assembleia Geral que elegerá os substitutos para os cargos vagados.

TÍTULO VI

DA DIRETORIA

Art. 23 - À diretoria incumbe:

- a. Cumprir e fazer cumprir estes Estatutos, as decisões da Assembleia Geral e resolver os casos omissos;
- b. Nomear comissões para os encargos indispensáveis à organização dos eventos;
- c. Reunir-se sempre que convocada pelo presidente, e no mínimo uma vez por mês;
- d. Escluir do quadro social o sócio que faltar com os Estatutos ou cuja conduta social for reprovável, cabendo entretanto os sócios recorrer à Assembleia Geral;
- e. Convocar Assembleia Geral, se para tal houver recusa do Presidente.

Art. 24 - As decisões da diretoria serão tomadas por maioria de votos, cabendo ao presidente votar somente em caso de empate e serão registradas em atas.

Art. 25 - A diretoria poderá ser convocada extraordinariamente pela comissão de contas e/ou pelo Conselho Fiscal.

TÍTULO VII

DO PRESIDENTE E VICE-PRESIDENTE

Art. 26 - Compete ao Presidente:

- a. Representar a sociedade, ativa ou passivamente, em

- juízo ou fora dele, sempre que se fizer necessário;
- b. Convocar e presidir as sessões da diretoria;
 - c. Convocar e presidir as sessões de Assembléias Gerais;
 - d. Convocar a Comissão de Contas para emitir parecer sobre a gestão financeira;
 - e. Assinar os papéis oficiais da Secretaria
 - f. Assinar com o Diretor Tesoureiro os cheques, ordens de pagamento ou outro tipo de valores;
 - g. Ordenar o pagamento das despesas.
 - h. Apresentar à Assembléia Geral Ordinária o relatório anual das atividades desempenhadas no exercício anterior.

Art. 27 - Compete ao Vice-Presidente substituir o Presidente quando este estiver impedido.

Parágrafo Único: Terá o Vice-Presidente direito a voto nas reuniões da Diretoria.

TÍTULO VIII

DO TESOUREIRO

Art. 28 - Compete ao Diretor Tesoureiro:

- a. Fazer arrecadar as mensalidades e demais rendas da sociedade;
- b. Não manter em caixa importância superior a Cr\$ 200.000, (Duzentos mil cruzeiros) corrigidos mensalmente pela UFIR, devendo depositar qualquer quantia excedente em bancos, na conta da Associação;
- c. Assinar com o Presidente os cheques, ordens de pagamento e outros títulos de valores;
- d. Pagar as despesas ordenadas pelo Presidente;
- e. Escriturar o movimento de caixa que deverá ser apresentado nas sessões mensais da Diretoria;
- f. Firmar recibo pelo dinheiro arrecadado;
- g. Fazer anualmente o balanço financeiro a ser apresentado à Assembléia Geral Ordinária;
- h. Coordenar as bilheterias e vendas de ingressos em dia de promoções e/ou apresentações dos Pequenos Cantores do La Salle;
- i. Será o responsável pelos cumprimentos das Obrigações Fiscais.

Parágrafo Único: Compete ao 2º Tesoureiro substituir o Diretor Tesoureiro quando este estiver impedido. Terá direito a voto nas reuniões da Diretoria.

TÍTULO IX
DO SECRETÁRIO



Art. 29 - Compete ao Diretor Secretário:

- a. Lavrar ou mandar lavrar as atas das Assembléias e das decisões das sessões da diretoria;
- b. Redigir ou mandar redigir a correspondência oficial da sociedade, mantendo de tudo uma cópia para arquivo;
- c. Incumbir-se de manter o registro dos sócios, notificar o Diretor Tesoureiro da modificações do quadro social.

Parágrafo Único: Compete ao 2º Secretário substituir o Diretor Secretário quando este estiver impedido. Terá direito a voto nas reuniões da Diretoria.

TÍTULO X
DA COMISSÃO DE CONTAS

Art. 30 - A Comissão de contas compete:

- a. Reunir-se quando convocada pelo Presidente;
- b. Convocar a Diretoria quando julgar necessário para esclarecimentos de dúvidas sobre a gestão financeira.

TÍTULO XI
DO CONSELHO FISCAL

Art. 31 - Ao Conselho Fiscal compete:

- a. Examinar anualmente a escrita da Diretoria apresentando à Assembléia Geral Ordinária parecer sobre as mesmas.
- b. Convocar a Diretoria quando julgar necessário.

TÍTULO XII
DAS ASSEMBLÉIAS GERAIS

Art. 32 - A Assembléia Geral é a reunião geral dos sócios, convocada de acordo com as normas estatutárias e constitui o poder soberano da sociedade.

Art. 33 - A Assembléia, para ser válida, deverá reunir na primeira convocação, no mínimo, metade mais um dos sócios, funcionando em 2ª convocação com qualquer número de sócios.

Parágrafo Único: A Assembléia convocada para reformar os Estatutos ou dissolver a sociedade, só decidirá nos termos dos dispositivos estatutários pertinentes.

1

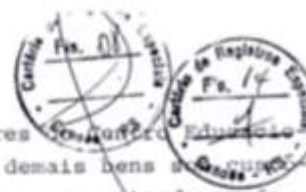


- Art. 34 - As decisões da Assembléia Geral serão tomadas por maioria de votos, a não ser as que tratarem de reforma estatutária, caso em que as decisões deverão ser tomadas pela maioria absoluta de votos, em primeira convocação; e em segunda convocação, se for o caso, por maioria de votos.
- Art. 35 - As Assembléias Gerais poderão ser ordinárias ou extraordinárias.
- Art. 36 - A Assembléia Geral Ordinária realizar-se-á no mês de março de cada ano, e terá por fim:
- A apresentação do relatório anual da diretoria, do balanço financeiro e a aprovação de contas;
 - Decidir sobre alterações do Regimento Interno e Fixação da mensalidade;
 - Eleger nova Diretoria e nova Comissão de Contas e Conselho Fiscal.
- Art. 37 - As Assembléias Gerais Extraordinárias deliberarão sobre reformas estatutárias, dissolução da sociedade ou outras ocorrências excepcionais de grande importância ou gravidade.
- Art. 38 - As Assembléias Gerais Extraordinárias poderão ser convocadas:
- Pelo Presidente;
 - Pela Diretoria;
 - Por dois terços dos sócios, caso em que as decisões deverão reunir no mínimo dois terços dos votos dos sócios presentes.
- Parágrafo Único: Nas Assembléias convocadas pela Diretoria e pelos sócios, os presentes escolherão o presidente da sessão, que nomeará um secretário para a lavratura da ata.
- Art. 39 - A convocação de Assembléias Gerais deverá ser feita pela imprensa, no mínimo com a antecedência de oito dias, e nela há de constar o dia, lugar e horário das convocações e a ordem do dia.

TÍTULO XIII

DA DISSOLUÇÃO DA SOCIEDADE

- Art. 40 - A sociedade só poderá ser dissolvida por decisão de Assembléia Geral Extraordinária especialmente para tal convocada por decisão de, no mínimo, dois terços dos sócios presentes começando a reunião com mais de dois terços do quadro social.
- Art. 41 - Em caso de dissolução, os valores em dinheiro reverterão em



favor da Associação dos Pais e Mestres do Centro Educacional La Salle, de Canoas, ficando os demais bens a disposição da mesma, até o prazo de dois anos, revertendo em favor da sociedade congênere que vier a ser fundada nesta cidade durante este prazo.

Decorrido este, os bens serão vendidos em leilão, revertendo o saldo final em favor da Associação dos Pais e Mestres do Centro Educacional La Salle de Canoas.

TÍTULO XIV

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 42 - Caberá à primeira Diretoria a elaboração do Regimento Interno e cujas alterações estarão sujeitas ao que sobre ele dispõem o presente Estatuto.

Canoas, 08 de agosto de 1992.

Sadi Antonio Spagnol
SADI ANTONIO SPAGNOL.

Ilso Pedro Menta
Adv. ILSO PEDRO MENTA
OAB/RS 2953.

ANEXO C – Certificado de participação no IV Show da Amizade

Certificado de participação no IV Show da Amizade



ANEXO D – Certificado de Participação no Natal Luz

Certificado de Participação no Natal Luz



ANEXO E – Certificado por Colaboração e Mérito

Certificado por Colaboração e mérito



ANEXO F – Diploma concedido pela Universidad La Salle del Mexico**Diploma concedido pela Universidad La Salle del Mexico**